

Entrevistas e canções recolhidas por
Alpheus Manghezi

MACASSANE:

**uma cooperativa
de mulheres velhas
no sul de Moçambique**



Arquivo Histórico de Moçambique

MACASSANE: UMA COOPERATIVA DE MULHERES VELHAS NO SUL DE MOÇAMBIQUE

Entrevistas e canções recolhidas

por

Alpheus Manghezi

Documentos 5

Maputo

Arquivo Histórico de Moçambique

2003

Ficha Técnica:

Título Macassane: uma cooperativa de mulheres velhas no sul de Moçambique

Colecção: Documentos 5

Autor: Alpheus Manghezi

Texto de Capa: David Hedges

Tradução do inglês Lusidia Felimone

Layout A. Sopa

Revisão: António Sopa, G. Liesegang

Editor: Arquivo Histórico de Moçambique

Registo INLD: 4077/RLINLD|2003

PREFÁCIO DO AUTOR

Em 1980, o Gabinete de Organização e Desenvolvimento das Cooperativas Agrárias (GODCA) do Ministério da Agricultura, solicitou ao Centro de Estudos Africanos (CEA) a realização de um estudo, que foi subsequentemente publicado com o título: *Macassane: estudo de uma cooperativa no Distrito de Matutuine, Província de Maputo.*¹

Os principais objectivos do estudo eram os seguintes:

- Identificar certos problemas que as cooperativas-piloto enfrentavam nesta fase do seu desenvolvimento;
- Analisar a produção colectiva dos primeiros anos e descobrir causas do mau funcionamento;
- Sugerir uma metodologia de planificação para ajudar o Estado na formação dos agricultores;
- Analisar as razões dos fracos resultados através de uma análise dos problemas internos, da incapacidade do Estado de proporcionar apoio adequado, e dos problemas de uma planificação inadequada;
- Propor uma linha geral para a sua recuperação.

O estudo foi realizado em quatro etapas de quatro dias cada uma, entre finais de Fevereiro e princípios de Abril de 1980, através de entrevistas individuais, entrevistas colectivas, observação participativa (incluindo participação em encontros semanais da Célula na Cooperativa e nas comunidades vizinhas de Macassane e Mudada) e conversas com funcionários da administração distrital envolvidos na gestão da cooperativa

Participantes na Pesquisa eram Kurt Habermeir (CEA), Alpheus Manghezi (CEA), Jeanne-Renée Mital (investigadora visitante), Adriano Buque (formando do GODCA) e Luciano Fabião Massango (formando do GODCA).

¹ CEA, Relatório N° 80/5, Maputo, 1980.

O presente documento apresenta um relato do testemunho oral, baseado em entrevistas completas com membros da cooperativa, onde os respondentes falam da sua vida e da história do trabalho, da história da Cooperativa de Macassane e do seu papel e experiências na sua criação. Estes dados, que incluem canções de trabalho compostas pelos membros, não foram incluídos na publicação original.

Em 2001 foi possível voltar a Matutuine. A cooperativa tinha-se transformado numa Associação de Agricultores. Infelizmente não conseguimos saber em detalhe que se tinha passado nos últimos 21 anos, ficando pois um tema para a investigação. Os resultados são apresentados no pós-fácio².

Agradecimentos

O autor gostaria de exprimir o seu agradecimento e demonstrar a sua apreciação aos seguintes pelo seu encorajamento e apoio prático na preparação deste documento:

-Dr. David Hedges, do Departamento de História da UEM que constituiu uma tábua de ressonância intelectual durante o tempo de investigação, mas facilitou o acesso a assistência financeira para permitir ao autor uma visita a UEM e de executar trabalhos preparatórios para publicação;

-Dr. Joel das Neves Tembe, Director do Arquivo Histórico, demonstrou tanto apoio intelectual como apoio prático, facilitando uma visita a Matutuine em Junho de 2001¹, para permitir ao autor de se familiarizar com a situação actual de Macassane que tinha sofrido transformações importantes desde o trabalho de campo em 1980 e que incluiu o texto nas publicações do AHM;

-Dr. Gerhard Liesegang, cujo conhecimento da história de Moçambique deu ao autor algumas dicas sobre o que se passou no sul de Moçambique e que incluiu algumas notas e bibliografia no processo da revisão;

-ao doutor António Sopa, documentalista do AHM o autor agradece a

¹ Cf. Pós-fácio

localização de alguma documentação, o layout, a capa e parte da revisão; -a Salomão Zandamela, do CEA; nele não tínhamos apenas um eficiente motorista seguro, mas, também, um companheiro no trabalho de campo cuja boa disposição ajudou a abrir portas e criou nas comunidades um ambiente favorável a interacção com o autor.

Finalmente, este livro é dedicado aos membros da Cooperativa de Velhos de Makasane, a todos aqueles que acolheram, com determinação, força e canções, a independência de Moçambique com todos os seus temíveis problemas económicos.

Maputo Abril de 2003

Alpheus Manghezi

Siglas e Abreviações:

AHM Arquivo Histórico de Moçambique

CEA Centro de Estudos Africanos

GODCA Gabinete de Organização e Desenvolvimento das

Cooperativas Agrárias do Ministério da Agricultura.

¹ CEA, Relatório Nº 80/5, Maputo, 1980.

² Por coincidência uma brigada do AHM chefiada por António Rola, na qual participaram também G. Liesegang e Muhamade Cassimo Agy Ibraimo, natural desta zona, entrevistou mais tarde no mesmo ano, em 8 de Setembro, Nyamanyathi Manzini e Amosse Bodlela Tembe principalmente sobre temas históricos da zona sem saber da Investigação do CEA. As entrevistas foram transcritas e podem ser consultados no AHM: MP 001 (Manzini) e MP 004 (Amosse Bodlela Tembe). Em Setembro de 1980 a cooperativa já não dispunha de uma moto-bomba, porque pessoas ligadas às instituições em Bela Vista tinham desmontado peças da última bomba ainda funcional pouco antes. As peças não foram repostas depois, ao que parece. Nesta altura a povoação de Manhoca na área do posto de Zitundo já era considerada zona de guerra e esta guerra havia de alastrar para a zona de Bela Vista pouco depois.

ÍNDICE

Prefácio	i
Agradecimentos	ii
SIGLAS utilizadas	iii
Índice	v
Introdução	1
Canção: <i>Hi Khoma Xikomu- Empunhamos a enxada</i>	3
1. AMOSSE BODLELA TEMBE [nascido 1918]	7
Composição do agregado familiar e situação económica	7
História do Trabalho	13
História da Cooperativa: Mobilização, recrutamento e relacionamento com as Estruturas do Governo	18
Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa	29
2. JOSÉ JOSEFA TEMBE [nascido 1920]	35
Composição do agregado familiar e situação económica	35
História do Trabalho	39
História da Cooperativa: Recrutamento e mobilização	44
Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa	50
Relações de Género: Divisão Sexual do Trabalho	54
Canção: <i>Muti wa vaxololi ka Josina</i>	56
3. ALBINO MABASO [nascido ca. 1920]	59
Família e situação económica	59
História do Trabalho	61
História da Cooperativa: Mobilização e Recrutamento	70
4. ZAKARYA MBHOYISA [nascido em 1935]	77
Composição do agregado familiar e situação económica	77
História do Trabalho	80
História da Cooperativa: Mobilização e Recrutamento	88
5. NYAMANYATHI MANZINE [nascido ca. 1922]	101
Composição do agregado familiar e situação económica	101
História do Trabalho	101
Família	102

Sobre a Cooperativa	102
6. LUCINA MPFUMO (nascida em 1933)	105
Composição do agregado familiar e situação económica	105
História da Cooperativa: Mobilização, Recrutamento e Relacionamento com as Estruturas do Governo	110
Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa	115
Relações de Género: Divisão Sexual do Trabalho	117
7. BHEKABHEKA MAPHELANI [nascida ca. 1920]	121
Composição do agregado familiar e situação económica	121
História da Cooperativa: Mobilização, Recrutamento e Relacionamento com as Estruturas do Governo	123
Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa	125
Relações de Género: Divisão Sexual do Trabalho	130
Canção: <i>Mhaka ya lomvu muti</i>	132
8. M'TSHALI MUTIMA [Wasikokwe Frieda Mungwenya nascida ca. 1926]	137
Composição do agregado familiar e situação económica	137
História do Trabalho	141
História da Cooperativa: Mobilização, Recrutamento e Relacionamento com as Estruturas do Governo	143
Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa	145
Relações de Género: Divisão Sexual do Trabalho	146
Canção: <i>Koparativha Ya Swikoxani</i>	151
Anexo: Outras Canções	152
Canção 1: <i>Hlamalane</i>	152
Canção 2: <i>Hi Ni Ku Tsaka</i>	154
Canção 3: <i>Masocha Ya Frelimo</i>	155
Canção 4: <i>Hi Ta Tirhela Tiko Ra Hina</i>	156
Canção 5: <i>Tivoneleni Khombo Ka Mughangeni</i>	157
Canção 6: <i>Xihanya Nomo</i>	159
Posfácio	161
Bibliografia	164

INTRODUÇÃO

Segue-se uma descrição das actuais condições da cooperativa, de acordo com o que foi observado pela equipa de pesquisa à sua chegada a Macassane, em Fevereiro de 1980. Trata-se de um resumo do relatório original¹

Macassane² foi fundada em 1975, como uma das cooperativas-piloto criadas pelo GODCA no Distrito de Matutuine depois da independência de Moçambique. A cooperativa está situada na margem esquerda do Rio Maputo, na Estrada Bela Vista - Salamanga, a cerca de 60 Km de Maputo. Na altura da independência, o seu proprietário português abandonou a propriedade, que consistia em 280 ha de terra fértil, um sistema de regadio, armazéns e lojas. O arroz, a principal cultura dessa altura, bem como a batata e vegetais, eram produzidos em terras de regadio, enquanto que o milho e o girassol eram produzidos em terras de sequeiro³.

O baixo moral e a desunião pareciam caracterizar o relacionamento entre os membros da cooperativa, muitos dos quais, que se haviam

¹ CEA, Relatório N° 80/5, 1980, pp. 3-4.

² O nome Macassane (Makhasane) é o nome do rei governando no estado de Maputo (Mabudu) nas duas margens do rio deste nome entre cerca de 1809 e 1854. Um dos seus filhos era "Nwamakhasani", que esteve refugiado por longos anos em Gaza ou Inhambane e recebeu depois do seu regresso a actual área da cooperativa de Macassane (mais correcto seria Nwa-Macassane), que tinha pertencido à família Massinga, como área de residência. (AHM, Arquivo de Fontes Oraís, entrevista com Amosse Bodlela Tembe 8/9/1980). O nome do pai Makhasane está mais directamente ligado à uma zona na margem direita do rio Maputo ao sul de Salamanga e não a zona ocupada pela cooperativa. Ed. .

³ O proprietário tinha sido o advogado Dr. Alberto Neves Anacleto, em 1960 um entre os primeiros onze agricultores europeus a iniciar a agricultura de irrigação ao sul de Bela Vista. Era um dos colonos conotados com grupos anti-salazaristas de Lourenço Marques e estabeleceu o que se podia talvez considerar uma farma modelo de um farneiro de fim de semana. A colonização tinha recebido um ímpeto depois da eliminação dos elefantes da margem esquerda do rio Maputo cerca de 1950 e do parcelamento e estabelecimento de sistemas de regadio. (A extinção dos elefantes é referido por Amosse Bodlela Tembe na entrevista 1, pag. 15.) Em 1960 Anacleto tinha três tractores, tres charruas, um semeador, duas grades, duas bombas para puxar água. Trabalhava com 10 voluntários e cinco contratados (Relatório de inspecção a circunscrição de Maputo, Bela Vista, 1960 AHM, ISANI).Ed.

associado na altura em que a cooperativa foi fundada, aparentemente na crença de que receberiam um salário mensal regular, se retiraram ao ver que não se conseguiu fazer uma distribuição de dinheiro nos primeiros anos, por não ter havido colheitas suficientes para distribuir lucros. Na altura em que a equipa de pesquisa iniciou o seu trabalho, em Fevereiro de 1980, o número de membros tinha baixado sucessivamente de 390 a 50. Dos 50 membros que haviam restado, apenas cerca de 15-20 apareciam diariamente ao trabalho, e esses eram principalmente mulheres velhas que só conseguiam trabalhar cerca de 3-4 horas por dia. Ninguém comparecia ao trabalho às quartas e sábados, uma vez que estes eram designados dias de bicha (quando as pessoas iam às lojas fazer bicha para comprar produtos alimentares). Os membros masculinos, também velhos, não participavam no trabalho manual, tendo-se nomeado a si próprios para todos os postos de chefia na estrutura administrativa da cooperativa (por exemplo, presidente, vice-presidente; chefe da produção; secretário do Partido, etc.). Reuniam-se todas as manhãs e davam voltas pelo armazém ou pela estação de bombagem perto do rio, para passar o tempo e conversar uns com os outros. Consideravam que o seu papel na cooperativa era de “organizadores” e “supervisores” das mulheres trabalhadoras. Este comportamento criava tal ressentimento nas mulheres velhas, que descreviam os seus colegas do sexo masculino como “opressores” e “exploradores”. Estes sentimentos eram expressos em canções de trabalho levemente disfarçadas, em que criticavam os seus colegas masculinos.⁴

As relações entre a cooperativa, por um lado, e as estruturas locais do governo e do Partido por outro, caracterizavam-se por desconfiança e fraca coordenação, do mesmo modo que as relações entre a cooperativa e o resto da comunidade (não membros) se ou caracterizavam por

⁴ No seu livro *Chopi Musicians, Poetry and Instruments* (1970), Hugh Tracy diz: “As canções (na sociedade africana) são veículos de crítica social contra a autoridade, incluindo chefes; contra a injustiça social; contra a crueldade, imponência e autoritarismo. [Elas são usadas] ... também para elogiar governantes e bons líderes [e] . os poemas reflectem as atitudes de pessoas comuns relativamente às condições da sua sociedade”.

tensões e conflitos, conforme uma das canções e algumas das entrevistas ilustram.

A cooperativa parecia moribunda e os campos estavam cheios de capim e ervas daninhas. Apenas 65 dos 280 ha estavam plantados com arroz. Havia outros 10 ha com milho, meio abandonados, enquanto as velhas mulheres lutavam por sarchar as machambas de arroz das ervas daninhas sufocantes.

As bombas de água trabalhavam de forma irregular (por falta de peças sobressalentes e de diesel), mas quando trabalhavam a água não chegava aos campos cultivados, porque não se fazia a manutenção dos canais de irrigação, que estavam bloqueados com ervas daninhas.

Durante os meses de Fevereiro e Março (1980), o tractor da MECANAGRO continuou a lavar 15 ha de girassol e 5 ha de feijão, sem consultar os membros da cooperativa, e sem ter em consideração o facto de que as mulheres velhas não eram, obviamente, capazes de fazer a sarcha das machambas de arroz e milho existentes.

Canção: HI KHOMA XIKOMU

Musumi: Hina va “yeme yeme-e-e” [O.M.M.]

Vapangalati: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin’wana voko rin’wana hi khoma xibamu

Mu: Hina ndzi *tendera* kayo-o

Vap: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin’wana voko rin’wana hi khoma xibamu

Mu: Hina ndzi *tendera* vano-o

Vap: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin’wana voko rin’wana hi khoma xibamu

Mu: Hina ndzi tirha maxambo-o

Vap: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin'wana voko rin'wana hi khoma xibamu

Mu: Hina ndzi rime kayo-o

Vap: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin'wana voko rin'wana hi khoma xibamu

Mu: Hina ndzi tendera nuno-o

Vap: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin'wana voko rin'wana hi khoma xibamu

Mu: Hina ndzi kukula kayo-o

Vap: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin'wana voko rin'wana hi khoma xibamu

Mu: Hina ndzi nhlantswa maropo-o

Vap: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin'wana voko rin'wana hi khoma xibamu

Mu: Hina ndzi sweke kayo-o

Vap: Hi khoma xikomu,

Ha-a rin'wana voko rin'wana hi khoma xibamu.

Versão em português: Empunhamos a enxada

Regente: Nós, da O.M.M.

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,

Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Regente: Tomamos conta da família

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,

Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Regente: Cuidamos das crianças

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,
Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Regente: Trabalhamos na machamba (cooperativa)

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,
Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Regente: Cultivamos em casa

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,
Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Regente: Tratamos dos nossos maridos

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,
Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Regente: Limpamos a casa

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,
Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Regente: Lavamos a roupa

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,
Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Regente: Cozinhamos em casa

Coro: Empunhamos a enxada com uma mão,
Ha-a, e com a outra mão seguramos a arma.

Macassane

Março de 1980

1. AMOSSE BODLELA TEMBE [nascido 1918¹]

Cargo: Presidente (responsável máximo)

Composição do agregado familiar e situação económica

Entrevistador (Ent): Sabe quantos anos tem?

Amosse Bodlela Tembe (ABT): Não tenho a certeza porque no meu tempo não sabíamos escrever. Tive o meu primeiro bilhete de identidade em 1927, altura em que se decidiu que eu tinha nascido em 1918. Esse foi o ano em que o meu pai regressou de barco da guerra dos alemães – no fim dessa guerra.

Ent: Onde nasceu?

ABT: Nasci em Thanga; os meus antepassados também nasceram aqui.

Ent: Até hoje ainda vive em Thanga?

ABT: Agora vivo em Macassane por causa da machamba (cooperativa), mas a maior parte da minha família ainda vive em Thanga. Vim para Macassane e construí o meu curral para gado, aquele que se vê lá, atrás daquelas árvores. Se seguir o caminho de terra batida para Tinhonganini (o sítio de moscas) vai dar a um espaço aberto onde, muitas vezes, se encontra gado castanho a pastar. Esses bois castanhos são meus.

Ent: Quando é que veio viver cá, em Macassane?

ABT: Vim para cá quando começámos o trabalho na cooperativa – no primeiro ano (1975). Mudei para cá depois de falar com José Mário (Administrador), quando lhe disse que não conseguia tomar conta devidamente do meu gado, que nessa altura estava em Thanga. Mário disse-me que não havia problema, que podia trazer o meu gado para cá, uma vez que havia muita terra vazia que pertencia à cooperativa.

¹ Em Setembro A.B. Tembe indicou 1914 como ano de nascimento. Ed.

² Foi a estação estabelecida pela Missão de Combate à Tripanosomíase (AHM, entrevista em Santaca, Set. 1980). Ed.

³ Os transcritores da entrevista em Setembro transcreveram o nome como José Marques.

* Nome por que era conhecida a Cadeia da Machava.

Trouxe um dos meus filhos para tomar conta do gado, mas ele depois fugiu e voltou para Thanga, onde agora se dedica à produção de carvão para vender. Depois disso, uma das minhas mulheres veio para cá viver comigo.

Ent: Quantas mulheres tem?

ABT: Tinha três, mas uma delas fugiu e voltou para a casa da família. Ela saiu durante a minha ausência, deixando a própria filha. Ela é da Moamba.

Ent: Quando é que ela o deixou?

ABT: Ela saiu quando eu estava na cadeia do Jamangwane*, em 1972 – acho eu.

Ent: A mulher que fugiu era a mais nova?

ABT: Sim, era a mais nova e a última. As outras duas são Meriam Sholo e Elina Mungwenya, que estão comigo aqui na cooperativa.

Ent: E filhos?

ABT: Muitos dos meus filhos morreram. Fiquei com quatro filhos e cinco filhas, e toda a família, incluindo os netos, vive junta.

Ent: Quer dizer que todos vocês – quatro filhos e cinco filhas vivem juntos no mesmo agregado familiar?

ABT: Vivemos todos juntos; os meus filhos não saíram para formar os seus próprios agregados familiares separados. São 26 pessoas a viver juntas numa única família.

Ent: Você tem realmente uma linda e grande família, eh!

ABT: Sim, essa é a minha família. Os meus netos vão para a escola em Thanga, mas a escola não funciona bem. Estamos agora a pensar em mudar as crianças aqui para Macassane.

Ent: A estrutura familiar na sua sociedade é diferente da de Inhambane (onde trabalhei uma vez e outra), onde muitas famílias hoje parecem ser constituídas apenas pelo pai, pela mãe e crianças pequenas solteiras. É pouco comum encontrar lá famílias tão grandes como a sua a viverem juntas debaixo do mesmo tecto.

ABT: Aqui nesta área também é assim; não vai encontrar muitas famílias como a minha. Jorge Tembe, o meu filho mais velho, tem duas mulheres.

* Nome por que era conhecida a Cadeia da Machava.

Jemiseni só tem uma e o Tholapi não tem mulher, mas vai casar dentro de pouco tempo. Os netos ajudam a apascentar o gado, mas estou a pensar em construir uma cerca para os animais, para que as crianças possam ir à escola; caso contrário, terei de mandar o gado de volta para Thanga, para se juntar à outra manada – uma coisa que eu não queria fazer.

Ent: Quando me disse (numa conversa informal) que tem 109 cabeças de gado, estava a referir-se a estas que estão aqui em Macassane?

ABT: Sim, foi isso que eu quis dizer.

Ent: Quantas cabeças tem em Thanga?

ABT: Tenho 25.

Ent: Está a andar bem, não é? Você tem o futuro assegurado, não é verdade?

ABT: É verdade, mesmo se eu tivesse um acidente – uma perna partida, por exemplo bem!

Ent: Você disse que a sua família era pouco comum nesta área, na medida em que todos vocês vivem juntos no mesmo agregado familiar.

ABT: Não se encontram muitas famílias como a minha nas redondezas. Só há alguns homens com muitas mulheres e cujos filhos casados ainda vivem com eles. Não quero dizer que a minha própria família permanecerá sempre assim; um dia, as minhas mulheres podem decidir deixar-me e ir-se embora – mas até agora, vivemos todos juntos como uma grande família.

Ent: Como é que conseguiu manter a sua família junta até agora – será que os seus filhos crescidos nunca desejaram sair e começar os seus próprios agregados familiares?

ABT: Não sei; talvez eu tenha sorte. Contudo, há uma coisa que gostaria de salientar: nunca interfiro na vida privada dos meus filhos. Eles têm os seus próprios agregados familiares dentro da grande família, e nunca procuro saber o que eles fazem nos seus lares. Quando regresso a casa depois do trabalho na machamba, vou directamente para a minha casa – não vou para as casas deles. Os meus filhos vêm a minha casa sempre que querem conversar comigo. Se as mulheres deles prepararem alguma coisa que queiram partilhar comigo, elas trazem para a minha casa, onde nos sentamos e comemos juntos. As minhas noras e netos vêm todos à minha palhota quando querem conversar comigo. Quando eles têm uma comida boa em casa e não me oferecem um bocado, nunca procuro saber

a razão disso – deixo-os em paz. Se eu interferisse nos assuntos domésticos dos meus filhos, as primeiras pessoas a ficar descontentes seriam as mulheres. Se a minha nora ficasse infeliz com a forma como eu me comporto em relação ao marido dela, então de certeza que eles haviam de querer sair e construir os seus próprios agregados familiares.

Se algum dos meus filhos ganhar algum dinheiro e pedir-me para o guardar, aceito a responsabilidade, mas de outra maneira não pergunto o que ele faz com o dinheiro dele. A única altura em que posso entrar na palhota de algum dos meus filhos é quando alguém está doente, e vou lá para saber como é que eles estão, porque é minha responsabilidade como chefe de família. A outra ocasião em que vou bater à porta da casa do meu filho é quando tenho de sair de casa muito cedo para uma longa viagem, se não tiver tido oportunidade de comunicar isso na noite anterior.

Ent: Falemos agora sobre o gado: todas as cabeças pertencem-lhe?

ABT: Todo o gado que está comigo aqui em Macassane é meu; eu próprio o comprei. Os meus filhos também têm direito a ele na medida em que, como sou pai deles, os meus bens também são deles. A outra manada que está em Thanga pertence ao meu filho mais velho, foi ele que a comprou – pertencem ao Jorge. Ele comprou algumas das cabeças em Catuane (Khatwane). Ele queria trazê-las para Macassane, mas não aceitei que as coisas fossem assim; insisti que ele devia manter o gado dele em Thanga. Já instruí o meu filho (Jorge) sobre o que deve ser feito com o meu gado quando eu morrer.

Ent: Os seus filhos têm um emprego remunerado – eles trabalham ou já foram à África do Sul?

ABT: Nunca foram à África do Sul, nunca aceitei que lá fossem. Nunca permiti que fossem para qualquer lado à procura de trabalho assalariado; ordenei-lhes que ficassem em casa a cultivar a terra, e eles nunca trabalharam por um salário, mesmo em Moçambique. Tudo o que têm, incluindo as esposas, vem do cultivo da terra e da criação de gado. A primeira vez que trabalharam por um salário foi quando entraram nesta cooperativa comigo, mas eles saíram quando as coisas começaram a correr mal. O meu primeiro filho é curandeiro, mas ele associou-se à cooperativa junto com a mulher.

Ent: Qual é a prática na sua área – o que vai acontecer ao seu gado depois da sua morte? O seu filho Jorge vai herdar todo o gado, ou vai

dividi-lo com os irmãos?

ABT: Na nossa tradição, se eu ficar doente e chegar à conclusão de que não hei-de recuperar, então tenho de distribuir o gado entre os meus filhos enquanto ainda estou vivo. Mas, se a morte vier de surpresa, devo esperar que o meu primeiro filho divida o gado com os irmãos e dê algumas cabeças às minhas mulheres. As minhas filhas casadas têm direito, cada uma, a uma vaca; após a minha morte, cada uma vai receber uma vaca de herança, uma vez que, depois disso, elas já não poderão pedir-me ajuda se tiverem necessidade.

Ent: Quer dizer que as suas filhas receberão uma vaca cada uma só depois da sua morte, ou pode dar-lhes uma vaca mesmo antes de morrer?

ABT: Não lhes daria uma vaca enquanto ainda estou vivo, mas elas terão direito a uma depois de “eu ir dormir”. Como sei escrever um bocado, já anotei num pequeno caderno o que vai ser feito do meu gado depois da minha morte: dei instruções de que as minhas mulheres têm prioridade, e depois de elas terem tirado a parte delas, será a vez de o meu primeiro filho receber a parte que lhe foi destinada; tudo isto está escrito.

Ent: Então, quantas vacas é que as suas mulheres vão receber?

ABT: Se o gado não morrer, as minhas duas esposas terão 20 vacas (10 cabeças para cada uma). Como não sei como é que os meus filhos se vão portar em relação às minhas mulheres depois de eu morrer; estas vacas serão uma forma de segurança para elas na sua velhice.

Ent: É interessante ouvir falar das suas disposições testamentárias ponderadas e práticas para garantir o bem-estar futuro da sua família. Uma vez que conseguiu manter todos os membros da sua família juntos no mesmo agregado familiar, isso significa que foi capaz de produzir alimentos suficientes, ao longo dos anos, mesmo para vender?

ABT: Fui um grande produtor agrícola no passado. Devia ter visto os vastos campos que eu cultivava. Mas, se os tivesse visto, ter-lhe-ia sido também difícil compreender porque, no entanto, não era bem sucedido. Eu não tinha sucesso porque o país estava ainda na “escuridão” (sob o domínio colonial). Eu costumava transportar a minha colheita para casa numa carroça de bois, mas tudo isso não era rentável porque o país estava ainda na “escuridão”. Só se recebia 100\$00 (cem escudos) por um saco de milho! Só ocasionalmente se conseguia obter um melhor preço pelo produto, se um comprador particular descobrisse o caminho

para a casa de uma pessoa, para comprar ou fazer uma troca directa de produtos, como por exemplo, trocar um boi por milho.

Ent: Alguma vez conseguiu vender o seu milho em Lourenço Marques (Maputo), ou só se limitava a negociar na sua área?

ABT: Não, nunca vendi nada em Lourenço Marques; eu vendia os produtos para os comerciantes (portugueses) locais, e só podíamos vender-lhes quando eles quisessem milho; eles traziam um camião e compravam a quantidade que queriam. Éramos ignorantes e não sabíamos o que se estava a passar.

Ent: Quais os produtos que mais vendia?

ABT: Eu produzia muito milho. Mais tarde comecei a cultivar feijão, quando alguém me disse que havia mais proveito no feijão do que no milho. Contudo, não produzi feijão por muito tempo por causa do problema do *Jamangwani*.

Ent: Já tinha falado antes do *Jamangwani* – onde fica esse lugar?

ABT: Fica na Machava – na Cadeia da Machava em Maputo.

Ent: Porque teve de ir para lá?

ABT: Fui levado para lá porque o meu filho, que é curandeiro, tinha-se envolvido com algumas pessoas que se tinham acusado mutuamente de feitiço, e tinha identificado uma delas como culpada *depois de consultar os ossos*. No regresso para casa, os dois homens envolveram-se depois em luta, tendo um deles morrido. A PIDE veio e prendeu o meu filho em consequência deste episódio. Depois de algum tempo, veio prender-me também, e nós os dois ficamos presos no *Jamangwani*, onde passámos quatro anos atrás das grades.

Ent: Em que ano foi preso?

ABT: Não me lembro, mas só saímos depois da chegada da FRELIMO. Nessa altura, disseram-nos que podíamos ir em liberdade se concordássemos em assinar um documento, mas acabámos por não assinar nada porque, no fim, já não houve tempo para isso.

Ent: Como eram tratados na prisão?

ABT: Gostaria de dizer isto: *éramos severamente punidos*. Eles vinham e abriam a porta todas as manhãs para irmos tomar chá, mas depois disso éramos encarcerados novamente. Isto aconteceu durante três meses, durante os quais não éramos autorizados a ir à casa de banho excepto acompanhados de guardas armados. Depois de três meses,

fomos transferidos para uma outra secção da prisão, perto do gabinete da PIDE. Alguns prisioneiros eram enviados para trabalhar nas hortas dentro do recinto da prisão, enquanto alguns de nós continuavam encarcerados a sete chaves dia e noite. Mantiveram-nos fechados dia e noite até que os nossos olhos começaram a ficar afectados pelas luzes que nunca eram apagadas, quer de dia, quer de noite. Quando pedíamos palha para fazer cestos aceitavam. O guarda levava o trabalho acabado para fora, para vender, mas nunca recebemos o dinheiro de tal venda, embora nos mostrasse numa tira de papel por quanto os cestos haviam sido vendidos. Para se usar o dinheiro, era necessário fazer um pedido indicando os artigos que se pretendia comprar. Os guardas compravam os artigos solicitados, indicando o seu preço.

Muitos prisioneiros foram posteriormente transferidos para Mabalane (na Província de Gaza). Os portugueses eram cruéis e causavam-nos muito sofrimento. Os prisioneiros que foram transferidos para Mabalane, alguns dos quais tinham de ficar 12 ou 20 anos ou mais, trabalhavam duramente plantando arroz e batata para nada, porque a colheita ia para *Portugal*, enquanto os prisioneiros não apanhavam nada.

Ent: Portanto, ficou na prisão até à chegada da FRELIMO.

ABT: Sim, fiquei lá até à independência. O meu filho, que havia sido transferido para Mabalane, foi o primeiro a regressar a casa. Quando voltei, encontrei a minha casa em confusão e a minha mulher tinha fugido. Não lhe guardo ressentimento por me ter deixado, mas foi mau da parte dela sair quando eu estava na prisão, e por ter abandonado o próprio filho. Quando regressei descobri que um colono, o agrimensor, tinha ocupado ilegalmente algumas das minhas terras, impedindo a minha família de as cultivar. No entanto, adquiri a posse das minhas terras, onde já construí um tanque de água para o gado, mas só depois de uma longa disputa na administração distrital em Bela Vista, onde eu tinha apresentado queixa contra o usurpador.

História do Trabalho

Ent: O que fazia em Thanga quando ainda era jovem?

ABT: Tomava conta do gado. Apascentei gado durante muitos anos, enquanto todas as pessoas da minha idade foram-se embora à procura

de trabalho remunerado. Quando parei de tomar conta do gado fui para o Natal.

Ent: Como é que foi para o Natal?

ABT: Fui na altura em que não havia restrições na fronteira, e acompanhei simplesmente alguém que já conhecia o caminho do Natal. Fomos a pé, mas só trabalhei por pouco tempo, antes de voltar para casa por motivo de doença. Voltei para casa em 1936, depois de trabalhar apenas um ano. Depois de algum tempo em casa, parti para as minas em Joanesburgo, onde trabalhei na Estate Mine Shaft N° 4 em Brakpan. Voltei para casa em 1939 para casar com a minha primeira mulher. Trabalhei durante quatro contratos na mesma mina, antes de regressar definitivamente a casa em 1947, para nunca mais voltar às minas.

Ent: Vamos voltar um pouco atrás, para o tempo em que foi pela primeira vez para o Natal. Você disse que não havia problemas na fronteira, mas o que você fez assim que atravessou para o outro lado?

ABT: Nessa altura, os parentes visitavam-se do outro lado da fronteira. Havia um grande régulo moçambicano que havia saído de Moçambique e se estabeleceu do lado sul africano da fronteira. O nome desse régulo era Ngwanazi, que fugiu dos portugueses e se estabeleceu numa região conhecida por Ngwavuma. O seu povo ainda lá se encontra estabelecido hoje, sob o governo dos seus próprios régulos. Por isso, não havia problemas depois de estarmos do outro lado da fronteira, uma vez que íamos para a casa de parentes, que tomavam conta de nós. (Ver entrevista com José Josefa Tembe, pag.39).

Ent: Então Ngwanazi encarregava-se de obter vistos de trabalho e outros documentos quando as pessoas chegassem ao seu regulado?

ABT: Na altura em que fui para lá, costumávamos levar documentos de identificação moçambicanos, que eram aceites do outro lado da fronteira – não era necessário serem emitidos com um visto de trabalho no Natal. Contudo, se uma pessoa quisesse ir para as minas, aí já era necessário ter um visto de trabalho. Para ir para as minas nós viajámos para a Swazilândia, não para o Natal. Emitiam-nos vistos de trabalho na Swazilândia, depois de dizermos que vínhamos do Régulo Ngwanazi. Conhecíamos muito bem o regulado de Ngwanazi, e sabíamos até os nomes de todos os seus subchefes, onde os nossos parentes viviam. No regresso das minas, tínhamos de pagar imposto, para além de um outro

que tínhamos de pagar quando chegávamos a Moçambique.

Ent: Antes da Independência, todos os trabalhadores emigrantes regressados (magaíza) tinham de dar 100 escudos ao seu régulo. Vocês tinham de dar uma contribuição semelhante ao Régulo Ngwanazi ou aos seus subchefes no Natal?

ABT: Não pagávamos nada lá, mas tínhamos de pagar 100\$00 - *duas libras e dois xelins* (esterlinas) ao régulo no regresso a Moçambique. Também tínhamos de pagar o imposto à administração.

Ent: Que tipo de trabalho fazia no Natal?

ABT: O meu trabalho no Natal era mungir vacas e fazer manteiga, porque era muito novo. Depois de seis meses neste trabalho, pedi para fazer outra coisa, porque era isso o que eu fazia sempre em casa, e achava aborrecido. Depois fui mandado para cortar cana de açúcar numa plantação.

Ent: Depois de voltar de vez das minas em 1947, o que ficou a fazer em casa?

ABT: Quando voltei, descobri que havia uma grande campanha em curso para abater elefantes – esta região (Matutuíne) estava cheia de elefantes. Fui recrutado imediatamente como caçador de elefantes depois do meu regresso do Natal, e fiz este trabalho durante muito tempo.

Ent: Então tornou-se um caçador de elefantes profissional, não foi?

ABT: Tornei-me um verdadeiro caçador e trabalhei muito até não haver praticamente nenhum elefante nesta área. Trabalhei com alguns caçadores, usando armas, e não havia nenhum branco entre nós.

Ent: Porque é que era preciso matar os elefantes – quem deu ordem?

ABT: Foram os portugueses porque os elefantes estavam a destruir as culturas deles nesta área. Disseram-nos que era preciso eliminar os elefantes para se poder abrir mais machambas para todos – incluindo os negros. Contudo, isso era um truque, porque assim que os elefantes estivessem eliminados, os portugueses ficavam com todas as machambas férteis para eles. Quando acabámos de matar os elefantes aqui em Matutuíne, passámos para Moamba, onde fizemos a mesma coisa. Daqui continuámos para Mapai, Mambone, Massingir e finalmente Quelimane. O director dos Serviços de Veterinária era o Dr. P. Santos Dias, que era goês ou caneco.

Ent: Quantos anos trabalhou como caçador de elefantes?

ABT: Trabalhei de 1947 a 1954, altura em que decidi abandonar a caça porque não estava satisfeito com o salário que recebia – matava elefantes por apenas por apenas 500\$00 por mês. Nós conseguimos até apanhar elefantes bebés e entregámo-los vivos às autoridades, embora as instruções deles tivessem sido claras: “matem tudo”. Apesar de termos receber um bónus por termos capturado estes elefantes jovens, não houve nenhuma recompensa. Depois de abandonar a caça aos elefantes, voltei para casa e fiquei a trabalhar nas minhas machambas, com os bois.

Ent: Comprou os seus bois com o dinheiro que ganhou nas minas?

ABT: As primeiras vacas que tive foram compradas com o dinheiro que ganhei nas minas, mas essas morreram todas. Comprei mais duas vacas, também com o dinheiro das minas, que também morreram. Depois ofereceram-me trabalho como coureiro contra elefantes na machamba de um português chamado Gouveia, e foi com o dinheiro que ganhei aqui que comprei mais gado, que desta vez sobreviveu. Também usei algum dinheiro ganho na caça aos elefantes para comprar gado.

Ent: Quantas cabeças de gado possui hoje?

ABT: Muitas das minhas cabeças de gado morreram – perdi recentemente uma vaca. Antigamente tinha muito gado, mas perdi uma grande parte. Hoje tenho 109 cabeças, sem contar com os bezerros (não tenho a certeza do número de bezerros).

Ent: Quando é que começou a usar bois e charrua para cultivar a terra?

ABT: Comecei em 1952.

Ent: Havia outros agricultores que usavam bois e charrua antes de você começar a usar?

ABT: Fui o primeiro a começar a usar bois e charrua nesta área. A primeira pessoa a usar bois e charrua na Célula de Mudala foi um homem chamado Hlezi, mas nesta área eu fui o primeiro. Tinha visto algumas pessoas a usarem bois e charrua durante algumas das minhas viagens, e fiquei convencido de que este era um bom método de cultivar a terra. Então decidi comprar uma charrua e treinar os meus bois.

Ent: Onde é que viu as pessoas a usarem bois e charrua?

ABT: Em muitos lugares, mas foi na Moamba onde o impacto foi muito forte em mim, porque nessa altura compreendi que essas pessoas conseguiam cultivar grandes extensões de terra, como por exemplo

daqui até Filepe (cerca de 1 Km), e isso seria a machamba de uma pessoa. Quando vi isso fiquei com muita inveja e comecei logo ali a fazer preparações para a minha futura junta de bois. Um homem da Moamba, chamado Mbhokota, fez o primeiro jugo que utilizei para treinar a minha primeira junta de bois.

Ent: Onde comprou a sua primeira charrua?

ABT: Comprei na Moamba, e as quatro seguintes foram compradas aqui.

Ent: Quer dizer que você tem agora cinco charruas?

ABT: Não, já tive seis, mas muitas delas agora estão estragadas.

Ent: Quantas estão em boas condições?

ABT: Tenho duas.

Ent: Há muitas pessoas hoje nesta área que usam bois e charrua?

ABT: Há só algumas. Algumas das pessoas que conheço perderam as suas charruas porque o seu gado morreu, e as que ainda usam charrua são Nyamanyathi Manzine (membro da cooperativa), Maphaphazelo Xikombo, N'waxindevelo Nkumbula e o seu irmão Mbhokota, Muwayi Tembe, Raymond Tembe e Jacinto Chabango. A maior parte das pessoas que antigamente tinha charruas voltou a usar de novo a enxada, tendo algumas delas sido forçadas a vender o seu gado devido a fome.

Ent: Ouvimos dizer que alguns agricultores podem alugar um tractor à MECANAGRO; é verdade?

ABT: Sim, algumas pessoas fazem isso, mas não é actividade lucrativa (quando se pratica uma agricultura de sequeiro)

Ent: Conhece muitas pessoas que alugam tractores?

ABT: Não são muitas: conheço três homens de Sontaka, nomeadamente n'waMidadi, Masuku e Jona – estes três homens alugam tractor para a sua própria machamba. Nesta área só Nyamanyathi Manzine é que parece interessado em alugar tractor, mas até agora só fez isso uma vez. Há um outro membro desta cooperativa que aluga sempre um tractor, que é M'tshali Mutima (ver entrevista com Mutima, página 140). O resto das pessoas que alugam tractores, além dela, não são desta área, por isso não as conheço. Uma vez, o meu filho Jorge tentou alugar um tractor mas não foi bem sucedido. Está a tentar mais uma vez, mas não sabemos se desta vez as coisas vão correr bem. Sabe, há uma terra bonita e fértil conhecida por “*tshovo*” em Tanga [Thanga], que é muito difícil de cultivar com bois, por isso o meu filho gostaria de lavrar com tractor.

Ent: Você disse que alugar um tractor não era uma actividade lucrativa, por isso, porque é que algumas pessoas o fazem?

ABT: Eu diria que a decisão de alugar tractores baseia-se muitas vezes em rumores (de que uma pessoa pode ter um grande rendimento), mas muitas vezes a terra que a pessoa possui pode não ser suficientemente grande para necessitar de usar um tractor – e não se pode esperar tirar algum rendimento de uma terra tão pequena.

História da Cooperativa: Mobilização, Recrutamento e Relacionamento com as Estruturas do Governo

Ent: Bem, agora vamos falar da cooperativa, como é que começou?

ABT: Ouvimos falar pela primeira vez da cooperativa quando o administrador, José Mário, veio trabalhar para Matutuine e andou pelo distrito a falar com as pessoas³. Ele convocou uma reunião em Nhlampfuteni (a cerca de 1 km da cooperativa) e lembrou-nos que o país agora era nosso, e que alguns colonos tinham abandonado as suas machambas e partido. Ele disse que as cercas de pastagem para o gado construídas pelos colonos deviam ser deixadas intactas para podermos guardar o nosso gado dentro delas. De acordo com o administrador, todas estas coisas eram uma herança nossa. E, apontando para esta machamba, disse que se devia tomar conta dela e fazer dela uma cooperativa de produtores agrícolas para todas as pessoas de Macassane, Thanga e metade de Mudala. Ele disse que nós devíamos fazer isso! Isso foi em 1975, se não estou enganado, e todos nós nos reunimos aqui e aceitámos o que o administrador tinha dito. Marcou-se logo ali o dia em que devíamos começar a trabalhar nesta machamba. Não houve atrasos, e no dia da criação da cooperativa, o administrador Mário e o Fundzama apareceram para explicar ainda mais a questão. O Fundzama interpretava para o administrador, que não conhecia a língua local, e então nós começámos a trabalhar nesta machamba, até hoje.

³ Alguns dos nomes de administradores envolvidos na Cooperativa ou que exerciam o cargo na altura eram: Abílio de Sousa Pacheco Moreira (10.05.74 – 04.04.75); José Mário (14.02.75 – 28.10.76); Martins dos Santos Linjanga – que tinha a alcunha de “Dez Anos” (27.12.76 – 15.02.78); António Fernando Mandlate (23.11.78 – 06.06.84); José Samuel Sendela (07.06.84 – 26.01.92); João Carlos António Nhamizinga (27.01.92 – 08.03.01)

Havia muitas pessoas quando começámos, e eu fui escolhido pelo povo para ser o Responsável logo desde o início. Timóteo Manganyela também foi escolhido como chefe – foi o povo que nos escolheu. Também foram seleccionadas outras pessoas, como o Josefa (Tembe) e outros. Quando começámos a trabalhar, havia 390 pessoas – 390 pessoas! No início não precisávamos de nenhum dinheiro do governo para contratar mais trabalhadores de fora (o que foi necessário fazer mais tarde), e não tínhamos nenhum problema em gerir esta machamba, uma vez que havia muita gente. Tínhamos as nossas próprias enxadas, catanas, pás e outros instrumentos manuais. Nós trabalhávamos, e as pessoas vinham trabalhar todos os dias. O administrador Mário vinha visitar-nos, ver como as coisas estavam a andar (e ele estava muito contente). Havia um colono chamado Pimenta que era o nosso conselheiro técnico, mas que depois fugiu e foi para a África do Sul.

Ent: Qual era o verdadeiro trabalho desse colono?

ABT: Ele era o técnico da cooperativa.

Ent: Ele trabalhava convosco na cooperativa?

ABT: No início sim, quando o administrador Mário estava lá. O administrador trazia sementes; trazia arroz, milho e amendoim. Nós não pagávamos nada pela semente de arroz, mas pagávamos o milho e o amendoim. Ele dizia-nos: “... não vão pagar nada, excepto o serviço do tractor...” e trazia-nos as baterias grandes para a bomba de água. Continuámos com o trabalho e pagávamos o que tínhamos de pagar. No primeiro ano não pagámos o diesel, porque davam-nos. Na altura da colheita o administrador Mário disse: “... continuem e colham o arroz. Guardem-no nos vossos próprios armazéns e o governo vai comprá-lo aqui, uma vez que está a planificar abrir uma Machamba Estatal do outro lado do rio (Rio Maputo).”

Trabalhámos muito e com muita determinação. Não me lembro quantos sacos colhemos, mas foram pelo menos mais de cem, foi uma grande colheita. Mas depois o administrador Mário saiu de Matutuine e, antes de se ir embora, disse-nos: “... os alimentos que vocês produzem aqui são todos vossos e vocês devem vender a produção e distribuir o dinheiro entre vocês; todo o dinheiro que restar deve ser depositado numa conta bancária.” Ele disse que estava muito contente por ver que o nosso

esforço estava a dar fruto, e referiu que havia dinheiro disponível no banco para nos ajudar a contratar trabalhadores de fora adicionais se fosse necessário. Embora o dinheiro tivesse de ser devolvido ao governo central, estaria disponível para nós usarmos se o solicitámos no ano seguinte. O administrador Mário foi transferido para Maputo e nós ficámos durante algum tempo com Fundzama. Depois da saída deste, ficámos com Salvador Makukule, que está agora em Magude. A seguir veio o Bila, mas ele também foi transferido depois para Magude.

Foi então que os problemas começaram, levando ao colapso da empresa (cooperativa). O Bila vendeu o arroz, mas não sabemos o que aconteceu ao dinheiro.

Ent: Em que ano aconteceu isso?

ABT: Foi no segundo ano (1976). Nós não fomos levantar o dinheiro, o Bila é que foi. Depois de eles (o Bila e os outros) levantarem o dinheiro, houve alguns atrasos desnecessários (na sua distribuição). Disseram-nos que o dinheiro que estava disponível incluía a quantia de 4.900\$00 da venda de casca de arroz. Contudo, no final, o Bila e os outros vieram informar-nos que o dinheiro estava agora disponível para ser distribuído, e nós ficámos muito contentes ao ouvir isso. Quando o Bila veio mostrar o dinheiro às pessoas, isso foi antes da chegada do novo administrador, que tinha a alcunha de “*Dez Anos*”⁴. Salvador Makukule ajudou o Bila. Depois da chegada do administrador *Dez Anos*, houve uma reunião em que nos disseram que havia uma certa quantia de dinheiro disponível, depois de se fazerem cálculos para o custo de diesel, sementes e despesas bancárias. Nós não conseguíamos perceber porque tínhamos de pagar dinheiro ao banco, e então perguntámos sobre o dinheiro da venda de casca. A resposta foi que o dinheiro não existia. Mas nós insistimos que tínhamos sido informados anteriormente que havia uma soma de 4.900\$00 proveniente da venda de casca – onde estava o dinheiro?

⁴ Administrador “*Dez Anos*” (ver nota 3 acima): esta era uma alcunha que se dava a qualquer oficial da FRELIMO que tivesse estado na luta de libertação por causa do seu hábito de tentar desencorajar ou silenciar qualquer crítica contra as estruturas do governo ou do partido pelas “massas” dizendo: “*Olhem para nós, passámos 10 anos de sofrimento no mato a lutar pela libertação, e mesmo assim nunca reclamámos!*”

Eles responderam: “... nós não estivemos no lugar onde o dinheiro deve estar; viemos directamente para a cooperativa a partir de Tembe ...”. Contudo, o dinheiro em questão foi finalmente apresentado (mas não distribuído).

Depois disto, os funcionários começaram a compilar listas, com itens indicando somas de dinheiro que devíamos e que tinha de ser restituído. Eles fizeram toda a contabilidade sozinhos – sem a nossa participação. Um deles escreveu no quadro, enquanto um outro tirava e punha de lado o montante indicado do dinheiro que estava amontoado em cima da mesa. Nós olhávamos em silêncio, embora não soubéssemos nada das coisa listadas no quadro, porque o Administrador Mário tinha-nos dito que as nossas únicas despesas nesse ano seriam para o aluguer do tractor. Quando eles acabaram saíram, dizendo que voltariam mais tarde para distribuir o dinheiro. Isto causou um grande tumulto entre as pessoas. Nós esperámos, mas o Bila não voltou e mais tarde ouvimos dizer que ele tinha saído de Maputo.

Ent: Qual era o posto do Bila – era administrador?

ABT: Não, ele era comissário político. O Salvador Makukule é que se tornou administrador substituto depois de o Mário partir. Mas o Bila era muito esperto – ele enganou e confundiu o Makukule, e fez com que colaborasse com ele nesta questão, mas no fim deixou-o sozinho para nos enfrentar. Foi nesta Altura que *Dez Anos* – não me lembro do nome dele – o administrador maconde, chegou; foi durante o tempo em que ele ocupou o cargo em Matutuine que houve um grande descontentamento aqui e muitas pessoas abandonaram a cooperativa. Ele chegou aqui e encontrou uma grande frustração e descontentamento porque as pessoas não tinham sido pagas. Quando ele perguntou qual era a causa de tal descontentamento nós dissemos-lhe que era porque o Bila tinha desaparecido sem nos dar o dinheiro. *Dez Anos* emitiu imediatamente ordens para que as pessoas recebessem o seu pagamento, e o dinheiro foi posto à disposição para distribuição. O método de pagamento baseava-se no número de dias de trabalho, mas começou a haver problemas quando se descobriu que algumas pessoas que já tinham saído da cooperativa, cujos nomes tinham sido subseqüentemente retirados do registo, tinham reaparecido e eram os primeiros da fila a serem pagos. As pessoas recebiam montantes diferentes de acordo

com os dias de trabalho realizados, mas no fim não houve dinheiro suficiente para chegar para todos.

Quando os funcionários se deram conta disso, pararam de fazer os pagamentos e afastaram-se para fazer consultas entre eles. Como consequência disso, decidiram partir, levando consigo o que tinha restado da lista de pagamento. Eles disseram que iam tentar arranjar mais dinheiro antes de voltarem e continuarem a fazer a distribuição. Não revelaram o montante que tinha restado na mesa quando o pagamento foi interrompido, mas juntaram o dinheiro todo e partiram. Nós mantivemo-nos calados, mas sabíamos que estava para vir uma grande confusão, uma vez que os que não tinham recebido o seu pagamento nunca aceitariam tal situação. Salvador Makukule voltou mais tarde para dizer que os funcionários exigiam que os que tinham recebido fizessem uma contribuição para a liquidação do dinheiro que se devia ao banco. A nossa resposta foi que os funcionários teriam de pagar a todos primeiro antes de pensarmos se devíamos ou não aceitar a sua exigência.

Os funcionários começaram então a pensar como iam conseguir mais dinheiro para pagar aos membros da cooperativa que não tinham recebido a sua parte. Eles vieram com a ideia de usar o dinheiro disponível para comprar gado e abater para vender a carne. Quando eles mandaram o recado para a cooperativa, a pedir ajuda para procurar cabeças de gado para comprar e abater, as pessoas mostraram-se disponíveis a ajudar. Contudo, passou algum tempo sem que houvesse alguma informação quanto ao ponto da situação em relação a esta questão, mas finalmente chegou-nos uma mensagem, segundo a qual *eles estavam a fazer grandes progressos*. Houve uma promessa de que em breve iriam regressar à cooperativa para distribuir o dinheiro pelos que não haviam ainda recebido a sua parte. Contudo, as pessoas estavam, entretanto, a abandonar a cooperativa em grande número – tanto os que não tinham recebido, como os que já tinham recebido a sua parte estavam a abandonar a cooperativa. Eu próprio não recebi nenhum pagamento, apesar da minha posição oficial na cooperativa.

Ent: Recebeu o seu pagamento no primeiro ano?

ABT: Não recebi nada. Eu e o Manganhela não recebemos nada, mas os outros (membros da direcção) receberam a sua parte. Foi isto que

aconteceu, e foi em consequência disto que as pessoas decidiram abandonar a cooperativa. Também aconteceu uma outra coisa aqui durante esse período, que envolveu o Timóteo Manganhela e o seu filho, Amosse, que tem a ver com o roubo de um tractor. Nessa altura, os tractores da MECANAGRO costumavam parquear na cooperativa durante a noite. Eu estava em Thanga, a passar o fim de semana, quando o Manganhela e o filho roubaram o tractor e o levaram para longe.

Ent: O Manganhela e o filho fizeram isso?

ABT: Sim, Timóteo Manganhela e o filho, Amosse Manganhela, roubaram o tractor e levaram-no para Tinhonganini, e depois para Davula, perto das montanhas. Havia um funeral de um italiano que tinha morrido perto da fábrica de cal, cuja vontade era ser enterrado no local onde tinha vivido, que era perto da fábrica. Contudo, a filha do falecido enganou-se, pensando que o pai queria ser enterrado perto das montanhas depois de Tinhonganini, e por isso o tractor foi usado para transportar os seus restos mortais de novo para a fábrica de cal. Depois disso, Manganhela e o filho levaram o tractor para um outro lugar, do outro lado do rio, onde o abandonaram depois de avariar. O roubo só foi descoberto na segunda-feira, quando voltámos para a cooperativa, tendo-se montado imediatamente uma operação de busca. Depois de uma longa investigação, as suspeitas recaíram em Manganhela, que finalmente se confessou culpado pelo roubo. A nossa investigação foi facilitada por um homem que se apresentou e declarou ter visto um dos chefes da cooperativa a conduzir o tractor à noite, num certo lugar perto de Tinhonganini.

Depois deste episódio, um homem chamado Eugénio, da DINAF (agora MECANAGRO), veio cá e falou comigo e com o Nyamanyathi sobre o mau uso da maquinaria (do governo) por parte da cooperativa. Contudo, nós corrigimo-lo, realçando que o roubo tinha sido cometido por um indivíduo e não pela cooperativa como tal. Na nossa opinião, o Manganhela é que devia ser punido pela infracção. Entretanto, ouviam-se cada vez mais vozes descontentes com a cooperativa, que *se referiam ao facto de terem sido levados a acreditar que se se juntassem à cooperativa ganhariam um salário regular, que lhes permitiria comprar alimentos, roupa, sapatos, motorizadas, e mesmo carros*. Face a este súbito aumento de descontentamento, a única coisa que eu podia fazer

era aconselhar a ter paciência, enfatizando que ninguém podia começar uma nova machamba naquela altura e ainda esperar obter lucros no dia seguinte. Encorajei todos os *camaradas* a perseverar e continuar com o trabalho da cooperativa. Alguns dos membros que permaneceram, enquanto outros abandonavam a cooperativa, sugeriram que talvez o que se podia fazer na colheita a seguir era distribuir a produção entre os membros para o nosso próprio consumo. Achei que isso seria um erro, tendo apelado aos membros a não seguir esta linha de pensamento. Decidimos então pedir ao administrador para considerar a hipótese de trazer os tractores de volta à cooperativa, uma vez que os que tinham ficado estavam ainda preparados para continuar com o trabalho da cooperativa.

Um dia, eu e Nyamanyathi Manzini fomos à administração distrital para falar com o chefe – o administrador, para lhe apresentar o pedido. Ele disse que não percebia por que razão os tractores tinham de voltar para a cooperativa, uma vez que muitas pessoas já tinham partido. Ele também nos culpou do roubo do tractor, *acrescentando que nós não devíamos brincar com maquinaria*. Ele disse que, depois de uma reunião realizada na administração sobre esta questão, tinha-se tomado a decisão de não se tomar em consideração o nosso pedido. Mais uma vez tentámos explicar ao administrador que o roubo e os danos ao tractor não deviam ser atribuídos à cooperativa, uma vez que isso foi um acto irresponsável individual. Tentámos convencê-lo de que, embora a maior parte dos membros tivesse já abandonado a cooperativa, os que tinham decidido ficar estavam preparados para continuar a luta. Nós referimos que muitos soldados tinham morrido, incluindo Mondlane, a lutar pela liberdade, e que o país agora pertence-nos a nós, os “*landins*”^{*}. Dissemos-lhe que, se fosse necessário, também estávamos preparados para lutar e morrer na cooperativa, se o governo quisesse apoiar-nos, apesar de só alguns de nós termos ficado. Tínhamos a certeza de que se continuássemos com perseverança e fizéssemos alguns progressos (com apoio do governo) os que tinham desertado haviam de voltar aos poucos um a um, dois a dois, três a três – mas isso só podia acontecer com o apoio do governo. Nós queríamos continuar porque não queríamos

* N.T. – Designação usada para referir pessoa de raça negra.

voltar para a escravidão colonial de ontem; nós queríamos continuar com o trabalho e ver o que acontecia.

O administrador perguntou-me: “Está falar a sério?”

Eu respondi: Sim, estou a falar muito seriamente!

Administrador: Quantos de vocês estão preparados para continuar a trabalhar?

ABT: Está o Nyamanyathi Manzine, o Zacarias Mbhoyisa e eu. Somos nós, nós os três, que vamos fazer reviver esta *empresa* – nós os três vamos fazer reviver esta *empresa*. Alguns dos nossos amigos andam por aí; eles não deixaram a cooperativa, apesar de o Josefa (Tembe) ter saído por um curto período, quando não tinha ficado praticamente ninguém. Só o Musumbuluku Kwalo e a minha família continuámos aqui quando todos fugiram – nós é que mantivemos este lugar a funcionar.

Ent: E o Wilson Chembene, ele não estava aqui convosco?

ABT: Não, o Wilson veio muito mais tarde. Foi ele, de facto, quem sugeriu que no futuro as colheitas fossem distribuídas para consumo pessoal – foi ele que propôs isso. Contudo, não quero falar mais sobre isso. Houve ameaças contra nós por parte de pessoas que não haviam recebido o seu pagamento, que diziam que se nós continuássemos a trabalhar na cooperativa eles haviam de nos assaltar. Eles ameaçaram que se iam emboscar nos arbustos ao longo do caminho e bater-nos, mas nós ignorámos as ameaças deles e, no fim, algumas pessoas começaram a voltar para se juntarem de novo à cooperativa. No fim da nossa discussão com o administrador, ele pediu-nos para voltar à cooperativa e começar a mobilizar outros para se juntarem de novo. Ele encarregou-se de solicitar apoio ao governo se conseguíssemos recrutar pelo menos mais 10 membros. Entretanto, foi decidido que Timóteo Manganhela tinha de comprar peças sobressalentes e reparar o tractor avariado.

Ent: O Manganhela só teve de reparar o tractor, e não foi mandado para a prisão?

ABT: Não, só teve de reparar o tractor, e depois disso deixou a cooperativa e ficou em casa. Nós os outros ficámos e continuámos a trabalhar e a sofrer – não tínhamos nada para comer. E, mais uma vez, nós os dois, eu e o Nyamanyathi Manzine, fomos falar com o administrador para discutir a questão da alimentação, sugerindo que se disponibili-

zassem produtos alimentares para a cooperativa, para que os membros pudessem comprar (fn- os membros não tinham tempo para estar na bicha; o sistema de venda de alimentos estava a ser usado com sucesso nas Zonas Verdes). Um dia, vou mostrar-lhe todas as facturas, se tivermos tempo. Quando mandaram os produtos alimentares, nós começámos a vender – os produtos eram vendidos aos membros, sendo os lucros enviados para o fornecedor, a *Loja do Povo* (loja do povo ou cooperativa de consumo). Muitas das pessoas que o senhor vê aqui juntaram-se de novo à cooperativa quando começámos a vender comida para os membros – eles voltaram a trabalhar para conseguirem ter comida. Quando os que não eram membros vinham comprar alimentos, primeiro dávamos-lhes uma enxada e uma foice para trabalharem na machamba antes de serem autorizados a comprar algum produto alimentar. Se recusassem trabalhar, dizíamos-lhes para se irem embora e comprar a comida nas lojas, porque aquela não era nenhuma loja. As pessoas aceitavam, trabalhavam e no fim compravam produtos. Foi isto que fez reviver a *empresa*, e isso deveu-se ao trabalho de duas pessoas (Amosse Tembe e Nyamanyathi Manzine).

Infelizmente, em determinada altura, tornou-se impossível continuar a vender produtos alimentares aos membros da cooperativa. Houve algumas confusões (irregularidades) de que nós, os membros, somos culpados. O que aconteceu é que alguns de nós começaram a meter no bolso os lucros da venda de alimentos – algumas pessoas puseram o dinheiro no seu próprio bolso sem que ninguém visse, e quando descobrimos isso, muito dinheiro tinha sido roubado (ver entrevista com JJ, abaixo). Até agora ainda devemos algum dinheiro à Loja do Povo, proveniente da venda de artigos como sabão e leite condensado. A pessoa que tinha a seu cargo estes artigos aceitou a responsabilidade e concordou em reembolsar o dinheiro, mas, até agora, essa promessa ainda não foi cumprida. Ao mesmo tempo, estamos ainda a tentar descobrir o que aconteceu ao dinheiro que o Bila tirou da cooperativa. Fomos à administração do distrito para verificar os documentos que eles afirmam que assinámos quando, supostamente, pedimos dinheiro ao banco, mas as nossas assinaturas não apareceram em lado nenhum para esse efeito. Timóteo Manganhela, Pedro Massinga e eu somos os únicos que podíamos ter assinado algum talão de depósito ou

levantamento, mas de certeza que nunca fizemos isso. É isto que eu gostaria de lhe dizer sobre os *problemas desta casa*. (Ver a canção *Os Problemas desta Família*, página 132).

Ent: Vocês escolheram pessoas para se responsabilizarem pela venda dos produtos?

ABT: Sim, havia pessoas seleccionadas para isso; elas vendiam os produtos e depois recolhíamos o dinheiro, que entregávamos à Loja do Povo.

Ent: Quem eram as pessoas seleccionadas, e quem as escolheu?

ABT: Para dizer a verdade, as pessoas que vendiam produtos alimentares não foram escolhidas pelos membros. Os responsáveis pela venda de alimentos eram Zacarias Mbhoyisa, Nyamanyathi Manzine e Lucina Mpfumo, e todo o dinheiro era enviado para a Loja do Povo, excepto o dinheiro proveniente da venda de sabão e leite condensado. Fez-se muito barulho à volta desta questão, e se não fosse por causa dos *homens de paciência* (Amosse Tembe, Nyamanyathi e Zacarias Mbhoyisa) a cooperativa ter-se-ia desfeito (pela segunda vez) e deixado de existir. Na venda de alimentos, devíamos ter feito da mesma forma como fizemos no passado (quando se vendia amendoim aos membros), devia ter havido pessoas a pesar enquanto outras faziam o registo. O dinheiro devia ter sido contado no fim de cada venda, para que todos soubessem o montante total feito antes de irem para casa no fim do dia, e o dinheiro devia ter sido depositado no banco sem demora, em vez de o deixar espalhado por aí.

Ent: As vossas mulheres juntaram-se à cooperativa convosco?

ABT: As minhas mulheres associaram-se à cooperativa comigo, e ainda lá estão. Apenas três membros da minha família saíram da cooperativa por causa do problema do dinheiro. Musumbuluku Mwalo e a mulher também se alistaram juntos à cooperativa ao mesmo tempo, e ainda lá continuam, tal como Josefa (Tembe) e as mulheres. Contudo, uma das mulheres de Josefa retirou-se mais tarde.

Ent: Quem era a outra pessoa que você disse que também se associou com a mulher?

ABT: Foi France Ndati: a mulher dele é Sabina Matsolo. Estes são os homens que estão aqui na cooperativa com as mulheres. Zacarias Mbhoyisa no princípio veio com as suas duas mulheres, mas ambas mais tarde saíram.

Ent: Você disse que foi você, Nyamanyathi, Josefa e alguns outros homens que fizeram reviver esta *empresa* depois de ela ter caído.

ABT: Sim, fui eu e Nyamanyathi que mantivemos conversas com o governo.

Ent: Quais são as perspectivas para o futuro – acha que vão conseguir atrair pessoas para se juntarem de novo à cooperativa?

ABT: Atrair pessoas para voltarem a trabalhar?

Ent: Sim.

ABT: Fazer com que as pessoas voltem aqui para trabalhar vai depender de dois factores: dinheiro e comida. As pessoas têm de ganhar dinheiro e têm de ter alimentos para comer; estas são as principais condições. Se pudéssemos mandar alimentos para a cooperativa agora, nesta altura em que está aqui, e começássemos a vender os produtos, o senhor havia de ficar admirado ao ver quantas pessoas aparecem de todas as direcções. Aqueles que trabalham aqui na cooperativa não deviam ser vistos a andar por aí, de um lado para o outro a chorar e à procura de alimentos e outros produtos indispensáveis. Os de fora deviam ver-nos com um ar de prosperidade e felizes, e se as pessoas nos vissem nessa situação, haviam de querer vir juntar-se à cooperativa. Ontem os membros da cooperativa voltaram para casa com amendoim (vendido aos membros porque não tinha sido semeado, como se pretendia); está a perceber-me?

Ent: Sim, eu percebo!

ABT: Não há amendoim disponível nas lojas fora da cooperativa; e como os membros levaram amendoim para casa, as outras pessoas ficaram cheias de inveja. Há algum tempo atrás, havia pessoas que vinham aqui perguntar se havia arroz à venda, e isso aconteceu depois de se distribuir arroz para os membros. De facto, algumas pessoas voltaram a juntar-se à cooperativa depois de correr a notícia de que estavam a ser distribuídos produtos alimentares aos membros; por exemplo, um homem chamado Nyaka acaba de chegar para se juntar a nós. Infelizmente, quando essas pessoas voltam para aqui, acabam por ficar com caras tristes porque não têm nada para comer; nós não recebemos e não temos roupa¹. Não quero dizer que queremos vir

¹ Ver a canção: *Koparativha ya swikoxani (Naye Samora)*, no fim da entrevista de M'tshali Mutima (pag.151).

trabalhar com roupa bonita, não. Mas as pessoas devem ser capazes de comprar roupa bonita para vestir, por exemplo, quando vão visitar alguém. Qualquer membro deve ser capaz de *fazer propaganda* mostrando que, por ser membro desta cooperativa, pode comprar comida e roupa.

Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa

Ent: Na sua opinião, o que é uma cooperativa e como deve ser organizada?

ABT: A minha opinião?

Ent: Sim, a sua opinião.

ABT: A minha opinião – bem, não sei, posso estar errado.

Ent: Tudo bem, vai ser a sua opinião.

ABT: Na minha opinião, a *criatura* conhecida como cooperativa é como uma tartaruga; sabe qual é esse animal, aquele que se move dentro da sua própria casa. Se uma pessoa se junta a uma cooperativa é *importante que ela se comprometa totalmente – coração, mente, carne, sangue e alma, e esteja preparada para trabalhar e morrer lá, dentro da casa*. A pessoa deve entrar na cooperativa com a sua família e com tudo o que ela tem. A pessoa deve entregar-se totalmente às actividades da cooperativa. Se uma pessoa entra na cooperativa enquanto a sua família e outros interesses continuam lá fora, a sua contribuição à cooperativa não será completa. Se eu me juntar à cooperativa sem a minha mulher, há lugar para conflito. Por exemplo, se eu voltar tarde para casa, a minha mulher, como *“uma mulher é sempre uma mulher”*, não vai acreditar que eu estive na cooperativa todo o tempo. Vamos ter sempre desavenças porque ela não vai compreender as razões que me mantêm até muito tarde na cooperativa. A minha mulher também vai insistir para que lhe dê uma ajuda em coisas que podem ser difíceis para ela, numa altura em que eu não estou em casa. Mas se me juntar à cooperativa com todos os membros da minha família, então o trabalho pode avançar porque todos nós vamos dedicar-lhe toda a nossa total atenção. E, assim que me tiver tornado membro, tenho de trabalhar diligentemente para a cooperativa. *Por essa razão, seria uma boa ideia se eu pudesse ter o*

meu próprio pedaço de terra dentro da cooperativa para cultivar, para que, se necessário, eu pudesse solicitar o uso do tractor para lavrar a minha própria terra, onde eu podia semear produtos para o meu próprio consumo. Eu havia de trabalhar na minha machamba pessoal quando não estivesse em serviço na cooperativa, e havia de pedir autorização para regar a minha machamba com a bomba de água da cooperativa. Os membros deviam ser autorizados a distribuir alguns dos produtos entre si quando há uma boa colheita, para além da distribuição de dinheiro. Esta é a minha opinião; uma cooperativa só pode avançar e tornar-se forte quando os membros se dedicam totalmente às suas actividades. Os membros da cooperativa devem residir nas imediações dela, pois de outra forma não se pode chamar de cooperativa.

Ent: Era isso que esperava que esta cooperativa fosse quando se juntou a ela?

ABT: Mesmo agora, é isto que eu espero que seja — é o que eu quero na minha vida. Sou uma pessoa importante (na comunidade), mas tenho de pôr isso de lado porque tenho de dar o exemplo, para ensinar as pessoas menos importantes. Se eu não me levantar e construir uma casa, o meu filho nunca vai aprender como é que se constrói uma casa. É por isso que mudei o meu gado para a cooperativa e trouxe a minha mulher para se juntar comigo, porque podia tê-los deixado em casa para ficarem a cozinhar para mim, em vez de estarem aqui a passar fome como eu. Quando pedimos que nos mandem produtos de Maputo, não recebemos nada — talvez devido ao dinheiro que ainda devemos à Loja do Povo — realmente não conhecemos as razões. Sou um produtor eficiente com terra fértil à minha disposição, mas fico aqui a sofrer de fome. Recebi hoje umas maçarocas frescas cozidas das minhas machambas em Thanga, que lhe vou mostrar depois (foi dada uma maçaroca ao entrevistador para provar). Eu podia ficar em casa e produzir alimentos suficiente para o meu próprio consumo, mas isso não me havia de permitir fazer avanços significativos (na minha vida); trabalhei na minha machamba tantos anos mas não consegui lá muita coisa.

Esta cooperativa oferece muitas oportunidades, mas o problema é que nós ainda somos muito ignorantes. Precisamos muito de *alfabetização*, e nós estamos muito interessados em aprender para abrimos os olhos. As possibilidades de ter um lucro real são muitas aqui; por exemplo, na colheita de 1977/78 recebemos mais de 17.000\$00 da venda do arroz —

e esse é um valor que nunca recebi durante todos os anos que trabalhei na minha machamba. Nunca fiz todo esse dinheiro mesmo na venda do meu gado, porque os colonos sempre nos roubavam. Se uma pessoa conseguisse ganhar até 600\$00 na venda de um boi, esse boi devia ser muito grande. Uma cooperativa é algo muito importante – constrói o país e cuida das pessoas. É isto que uma cooperativa faz, e se uma pessoa não sabe isso é ignorância. É isto que eu gostaria de dizer hoje; é isto que a cooperativa significa para mim, e é isto que eu quero que esta cooperativa seja. Não estou a dizer que vou ser bem sucedido nisto, mas se seu falhar será por razões que são claras para todos – não será certamente por falta de empenho e dedicação da minha parte.

Vi pessoas que se dedicaram à produção de carvão durante anos, mas sem que tivessem conseguido fazer qualquer avanço económico. Mas, se estas mesmas pessoas tivessem formado uma cooperativa de produtores de carvão, teriam transformado a sua situação económica de forma positiva e significativa. Mas produzir carvão sozinho – uma pessoa tentar deitar abaixo e cortar uma árvore grande – não é um empreendimento lucrativo; é uma perda de tempo e energia. Uma pessoa emagrece a tentar cortar árvores grandes, e pode levar cerca de seis meses até conseguir queimar um monte de carvão. Se esses produtores de carvão se juntassem e formassem uma cooperativa, podiam então solicitar a administração distrital para os ajudar a organizar transporte.

Ent: Estou a compreender; estou a seguir o que está a dizer.

ABT: O senhor perguntou-me como é que viajei para o Natal, e perguntou-me como é que fui para Joanesburgo. Trabalhei no Natal e mandei dinheiro para casa – mandei mesmo mais quando estava nas minas, mas o que aconteceu a todo esse dinheiro? Não há nada que mostre que fiz alguma coisa, e porquê? A razão é porque os negros não tinham banco. Íamos trabalhar, tal como fizemos, pensando que íamos sustentar as nossas famílias, mas era uma ilusão, porque dávamos o dinheiro aos colonos para eles desenvolverem Lisboa. Mandávamos dinheiro para a família comprar capulanas e esse dinheiro ia para os bancos dos colonos. Mandávamos dinheiro para casa para a família comprar alimentos, e todo o dinheiro ia para o banco dos colonos. Criávamos e vendíamos gado, e todo o dinheiro ia para o banco dos colonos – não era nosso banco. A minha opinião é que tudo o que se vê

no Maputo – todos os edifícios, etc., foram construídos com os nossos ganhos porque não havia nenhum dinheiro aqui no Moçambique colonial. Tínhamos de sair do país para ir ganhar esse dinheiro, visto que as notas que havia cá tinham pouco valor. O verdadeiro dinheiro vinha da África do Sul, e éramos nós que íamos lá e ganhávamos esse dinheiro. Contudo, hoje temos o nosso próprio banco, e porque é que não o patrocinamos? Se nos recusarmos a trabalhar, o nosso país nunca se vai desenvolver. Nós dissemos que queríamos o nosso país de volta das mãos do regime colonial, e os heróis moçambicanos devolveram-nos a nossa terra, mas não temos o direito de reclamar que esta terra é nossa, uma vez que apenas nos deixamos estar, considerando-nos “*munumuzana*” (chefes), mas sem fazer nada. Se não trabalharmos e nos sustentarmos a nós próprios, haverá fome; haverá muitos ladrões e bandidos no país. Agora que voltámos a ganhar o nosso país, devíamos estar preparados para trabalhar; mesmo os mais velhos deviam estar preparados para trabalhar junto com os jovens. Será muito difícil no início, mas com o tempo, as coisas vão tornar-se mais fáceis.

Ent: Compreendo o que está a dizer.

ABT: Nós estamos no início da nossa luta contra a fome. Eu pessoalmente fico muito embaraçado quando vou para Maputo, não, quero dizer, para Bela Vista. Desde a loja de Milani e ao longo de todo o caminho até Bela Vista, há longas bichas em frente às lojas – estas bichas estão em todo o lado. Apesar de estarmos na época agrícola e de haver chuva, as pessoas que estão na bicha não vão para a machamba para começarem a semear. Estas pessoas vão para a bicha todos os dias e não trabalham – elas não vão trabalhar e é caso para perguntar como é que pensam que vão sobreviver. De onde vêm os produtos que pensam que vão encontrar na bicha se não for do campo?

Ent: Uma última pergunta: qual é a sua opinião sobre a distribuição aqui na cooperativa – o dinheiro deve ser distribuído, ou acha que apenas se devem distribuir alimentos entre os membros?

ABT: Quer saber o que é melhor?

Ent: Sim.

ABT: Nesta fase de desenvolvimento da cooperativa, o que é melhor é que os trabalhadores tenham arroz ou outro tipo de alimentos. Devem produzir alimentos que devem ser vendidos ao Gabinete de Apoio, sendo

uma parte das receitas distribuída pelos membros, e uma outra depositada numa conta bancária. Ao receberem a distribuição de dinheiro, os membros deixariam de reclamar porque teriam meios para comprar o que quisessem para si. Se se distribuírem apenas alimentos, as pessoas serão obrigadas a vender uma parte para terem dinheiro para comprar outros artigos de que necessitem nas lojas. *Não devemos esquecer o importante facto de que o movimento cooperativista é uma experiência nova, e que estamos ainda a aprender como organizá-lo.* É fundamental que haja uma loja junto de uma cooperativa de produção agrícola, para permitir que os elementos façam compras usando o seu cartão de membro, a preços preferenciais. Os membros devem ter possibilidade de comprar a crédito qualquer coisa de que necessitem, devendo-se distribuir-se o dinheiro a cada membro no fim de cada colheita, depois de deduzidos os montantes devidos à loja da cooperativa. Para que este tipo de esquema funcione, o governo terá de assumir a responsabilidade pela sua criação. Tudo o que os membros têm de fazer é trabalhar e produzir alimentos, deixando todas as complexas tarefas administrativas para o estado. Esta é o meu ponto de vista – o meu ponto de vista pessoal.

Ent: Khanimambo*; isso é o que nós gostaríamos de ouvir de si, e é isso que gostaríamos de saber de cada um dos membros desta cooperativa – os seus próprios pontos de vista e opiniões sobre a sua própria cooperativa.

ABT: Estes são os meus pontos de vista; é isso que eu penso que se deve fazer se se pretende que esta cooperativa faça progressos.

Khanimambo!

Macassane

Data: 13.03.80

* N.T. – Khanimambo – Expressão que significa “obrigado”, que se vulgarizou em determinados contextos, mesmo em português.

2. JOSÉ JOSEFA TEMBE [nascido 1920]

Cargo: Responsável da Mobilização

Composição do agregado familiar e situação económica

Entrevistador (Ent): Quantos anos tem?

José Josefa Tembe (JJT): Tenho 60.

Ent: Sim, lembro-me porque você disse-nos no outro dia. Nasceu nesta zona?

JJT: Nasci nesta zona, mas o meu pai veio de uma zona distante.

Ent: De onde?

JJT: Ele veio de lá (apontando com o dedo).

Ent: Da África do Sul?

JJT: De Maposha, na terra dos ingleses.

Ent: Onde é que fica exactamente Maposha, onde os seus antepassados viviam?

JJT: Lá, depois da terra de Ngwanazi.

Ent: Aha, no Natal!

JJT: Sim, o meu pai chegou para cá vindo dessa terra, e isso foi há muitos anos atrás. Ele veio e estabeleceu-se aqui em Macassane, e foi aqui que nasci.

Ent: Como era a sua vida quando era jovem?

JJT: Cresci a tomar conta de gado, porque tínhamos gado. Depois veio uma altura em que a minha mãe entrou em desavenças com o meu pai. Como consequência disso, a minha mãe saiu de casa e voltou para a casa da família dela, em Mudada, levando-me a mim e aos meus dois irmãos. O pai dela, Massinga, era régulo em Mudada¹. Depois de algum tempo, um homem de Massinga levou a minha mãe para Tembe (Catembe), onde lhe ensinou este “gangsterismo” antes de a levar para a cidade dos brancos (Lourenço Marques).

¹ Os informadores não distinguem geralmente entre um *hosi* que era um simples chefe de grupo de povoações no tempo colonial (como provavelmente no caso de Massinga) e aqueles que tinham o estatuto oficial de “régulo” e mais tarde “regedor”. Ed.

Ent: O que quer dizer com “gangsterismo”?

JJT: Refiro-me à prostituição.

Ent: Compreendo.

JJT: Ele ensinou-lhe isso e depois levou-a para a cidade, e dali para a África do Sul, onde se instalaram em Barberton. Foi durante a sua permanência aqui que a minha mãe conheceu Mecisi Mathebula, da zona de Mpisane (Eastern Transvaal), que depois se casou com ela. Ela veio uma vez a Mudada para nos fazer uma visita, levando-me consigo na viagem de regresso a Barbeton. Antes de partirmos, ela vestiu-me um par de calças, fazendo com que eu fosse o primeiro rapaz desta zona a usar calças. Era um par de calções, uma camisa e uma camisete que ela me deu antes de partirmos para *Babitini* (Barberton), onde ela me mandou para a escola. No primeiro ano tivemos um livro de leitura, em zulu, que eu passei. No segundo ano tivemos um outro livro de leitura, também em zulu, que falava da história de *Cetshwayo* e *Chaka*, que eu também concluí. Depois comecei um livro de leitura em inglês, mas não cheguei ao fim porque a minha mãe mudou de ideias sobre a minha educação. Assim que viu que eu estava a começar a aprender inglês, ela pensou que este desenvolvimento não era desejável; achou que eu estava a ficar muito esperto e que podia, no fim, perder-me. Ela disse: “... agora que o meu filho fala inglês, e fala até com os brancos, vou certamente perdê-lo, e o nosso povo não o vai reconhecer quando voltarmos para casa.” Tendo chegado a esta conclusão, a minha mãe decidiu retirar-me da escola. Foi para administração e disse às autoridades que lhe tinham ordenado que mandasse o rapaz de volta para Mudada; como eu não tinha nascido na África do Sul, as autoridades não podiam recusar o seu desejo.

Ent: Agora vamos falar da sua família. Sei que tem duas mulheres; quantos filhos tem?

JJT: A minha primeira mulher tem 9 filhos – 8 raparigas e um rapaz. Todos os meus filhos estão casados, excepto a mais nova, que trabalha em Maputo.

Ent: Onde está o rapaz?

JJT: Em casa

Ent: O que é que ele faz?

JJT: Produz carvão. Ele é coxo de uma perna.

Ent: O que é que lhe aconteceu?

JJT: Magoou-se quando estava a apascentar gado e tivemos de o mandar para o Hospital da Missão Suíça. Ele está em casa, e nunca foi à África do Sul.

Ent: E a sua filha que está em Maputo, que trabalho faz ela?

JJT: Não sei, porque ela ainda não veio para casa desde que começou a trabalhar em Fevereiro – no mês passado

Ent: Ela estudou?

JJT: Sim, mas depois fugiu da escola quando chegou à *terceira classe*.

Ent: E a sua segunda mulher – quantos filhos tem?

JJT: A minha segunda mulher perdeu muitos filhos, tendo ficado apenas com cinco – três rapazes e duas raparigas.

Ent: Os homens trabalham?

JJT: O primeiro acaba de voltar do Natal.

Ent: Então ele é *magaíza*!* E os outros dois?

JJT: Os outros dois estão a estudar. Um está em Macassane, e o outro, que passou a *4ª classe*, está a estudar no outro lado do rio. O (Sr.) Massinga, dos Serviços de Agricultura, está a tentar ajudá-lo a entrar num curso na Escola Agrária de Boane.

Ent: É o rapaz que encontrámos a caminho da Célula Macassane no outro dia?

JJT: Sim, é ele, o Pedro (JJT com um sorriso orgulhoso no rosto).

Ent: Então esse é o seu filho! Conversei com ele no outro dia, quando ele me disse que não podia continuar os seus estudos aqui porque a escola não vai além da *4ª classe*. Ele disse-me que de momento está envolvido na produção de carvão, tendo formado uma “*cooperativa de produção de carvão*” com dois ou três amigos. Ele fez um bom desenho na areia, mostrando como construir um monte de lenha antes de lhe deitar fogo para produzir carvão.

JJT: Sim, sim, esse é o meu filho Pedro.

Ent: E a sua primeira mulher, ela produz carvão, agora que deixou a cooperativa?

* N.T. – Magaíza – termo usado para designar os trabalhadores das minas.

JJT: Ela não produz carvão porque tem problemas de saúde.

Ent: Então a sua mulher não está bem.

JJT: Ela faz carvão, mas só um pouco. Para isso, ela convida pessoas para uma *tsima*⁵.

Ent: Então é assim que ela produz o seu carvão.

JJT: Sim, sim.

Ent: E sobre a produção agrícola – quantas machambas tem, qual é o seu tamanho?

JJT: São grandes. Há uma machamba grande que pertence à minha primeira mulher, não longe daqui.

Ent: Nos anos bons, você conseguia produzir excedentes para vender para as lojas?

JJT: Não, nunca vendi – sim, costumava vender às pessoas na comunidade porque eu usava charrua e bois. Infelizmente, agora já não posso continuar a usar uma charrua porque todo o meu gado morreu – morreram todos os bois.

Ent: Quer dizer que não tem nenhuma cabeça de gado agora?

JJT: Não tenho gado nenhum – as poucas cabeças que tinha – eh, bem, acabo de vender uma vaca devido a problemas de doença na família, tendo ficado apenas com três vacas. (Sim), há ainda uma vaca no curral de Khambula, e uma outra no de Mphoxani, o que perfaz um total de cinco cabeças de gado.

Ent: Que tipo de culturas produzem mais nesta área?

JJT: Milho, mapira e amendoim. A mapira desapareceu, e o que produzimos mais agora é feijão, milho e batata-doce. As pessoas produzem também legumes como couve, tomate, alface, etc., mas isso é novo. No passado também produzíamos muita cana de açúcar.

Ent: Era para fazer bebida?

JJT: De facto, para bebida! Mas a cana de açúcar como cultura de rendimento foi substituída pela queima de carvão, depois de as pessoas

⁵ *Tsima*: trabalho colectivo, normalmente realizado por um grupo de vizinhos, que são convidados para ajudar numa tarefa específica, por exemplo limpar um pedaço de terra, no fim do qual se oferece aos participantes bebidas e alimentos. A extensão da tarefa, o número de participantes e a quantidade e tipo de bebidas e alimentos dependem da situação económica do dono da casa. Nem todos na comunidade têm possibilidades para organizar uma *tsima*.

descobrirem que ganhavam mais dinheiro na produção de carvão do que no cultivo da cana de açúcar.

História de Trabalho

Ent: Quando é que começou a fazer trabalho remunerado?

JJT: Fiquei em Mudada até chegar a altura em que decidi procurar emprego. Fizemos então uma viagem para a África do Sul, a pé. Andámos todo o caminho até à Swazilândia, para nos alistarmos para as minas na estação de recrutamento da Wenela (Witwatersrand Native Labour Association). Uma vez chegados a Swazilândia, “*deixávamos de ser moçambicanos*” e tornávamo-nos súbditos do Régulo Ngwanazi (ver entrevista de A. B. Tembe, página 14). Lá ficávamos na mesma bicha que os tinham vindo do Régulo Ngwanazi, e não tínhamos nenhum tipo de problema. Foi em 1930 que fui recrutado e levado para Joanesburgo. Passei seis meses à procura de trabalho mas sem sucesso, e então ocorreu-me que havia *alguma coisa importante* que eu devia ter feito antes de sair, mas que tinha descurado. Não havia trabalho para mim! Deixei então Randfontein e parti para Springs, para ficar na Estate Mine Shaft N° 4 em Brakpan, onde passei mais outros dois meses sem encontrar trabalho – completando oito meses sem emprego!

Ent: Como é que sobreviveu durante todo esse tempo sem emprego?

JJT: O meu irmão vivia lá – fiquei com o meu irmão em Brakpan.

Ent: E em Randfontein, quem cuidava de si?

JJT: O meu tio é que me levou para Randfontein, e foi ele que me deu o dinheiro da passagem de comboio para Brakpan – *ele enviou-me para o meu irmão*. Fiquei ainda mais convencido, enquanto estava com o meu irmão, de que eu devia ter esquecido de fazer qualquer coisa importante antes de ir para Joanesburgo. Isto foi confirmado quando o meu irmão consultou um *adivinho* que disse que a causa da minha falta de sorte tinha a ver com o facto de ter saído de casa para as minas sem estar “*adequadamente preparado*” para a viagem. Depois desta *revelação*, ficou decidido que eu devia voltar para casa, para Mudada, e recomeçar a viagem de novo. Assim, voltei para casa e, depois de consultar um curandeiro que me preparou adequadamente para a

viagem, voltei para as minas. E (vejam!) consegui emprego poucos dias depois de regressar – empreguei-me no Modder East Compound – conhecido como “*ka Sathani*” (o lugar do diabo)!

Ent: Onde fica essa mina?

JJT: É em Springs. Fui admitido ali e trabalhei no “*crocodilo*”, a secção da mina onde as rochas do subsolo são esmagadas para extrair o ouro; fiquei lá dois anos.

Ent: Trabalhou durante dois anos antes de voltar para casa?

JJT: Trabalhei dois anos antes de voltar para casa. Só fui para casa no terceiro ano, mas não fiquei muito tempo lá, com medo das rusgas para o *xibalo** – sim, com medo do *xibalo*.

Ent: O *xibalo* era duro, eh!

JJT: O *xibalo* era muito duro! Dei 100\$00 (escudos) ao régulo como tributo, pois não queria ser levado por causa do imposto (i.e., mesmo que o *xibalo* tivesse sido pago, não havia nenhuma garantia de que uma pessoa não ia ser levada para o trabalho forçado). Se uma pessoa fosse levada para o *xibalo*, toda a sua vida ficava desfeita e arruinada, e foi por essa razão que decidi ficar em casa apenas por um curto espaço de tempo durante as minhas férias. Voltei para a mesma mina, Modder East, e fiz o mesmo trabalho. Fiquei mais dois anos, tendo regressado a casa no terceiro ano. Tinha mandado dinheiro para casa para *lobolo*, e assim voltei para casar. Só fiquei dois meses com a mulher com quem me havia recentemente casado antes de voltar de novo às minas pela quarta vez. Contudo, desta vez não fui para Modder East, mas para outra mina fora de Joanesburgo, onde trabalhei durante dois anos antes de voltar para casa.

Eu estava em casa, a deliciar-me com *canho** (*marula* em inglês sul africano: bebida feita do fruto da árvore de *marula* silvestre), como estávamos na época própria, quando chegou uma informação de que havia rusgas policiais em toda a parte. Isso foi em 1942. Para evitar ser preso, saí de casa e fiquei com um primo numa outra zona de Matutuine, até ao fim da época de *canho*. Numa ocasião, decidi acompanhar

* N.T. – trabalho forçado

* N.T. Bebida tradicional feita de um fruto com o mesmo nome em português, *nkanye* em Tsonga, *marula* em Sotho, *sclerocarya birrhea* var. *caffra* (nome científico).

Sighananda (membro da cooperativa); o senhor conhece-o – é aquele homem forte que gosta de dançar – bem, acompanhei-o a Thanga para dançar. Levámos alguns jovens connosco, mas quando o régulo em Thanga viu-nos com paus, ele conclui erradamente que estávamos ali para enfrentar as rusgas policiais do *xibalo*. O régulo também pensou que a razão por que, até àquela altura eu ainda não tinha sido preso para o *xibalo*, era por ter uma relação com um outro chefe, o régulo Massinga, de Mudada. Ele jurou que um dia havia de me prender e mandar-me para o *xibalo*, para me dar uma lição. Uma noite, quando estava a dormir, fui preso e levado para o serviço militar colonial. Isto foi em 1942, no fim de Novembro. Tive de me despedir apressadamente das minhas mulheres enquanto tentava garantir-lhes que não deviam preocupar-se, pois, no fim de contas, eu havia de voltar vivo. Havia seis polícias armados com paus, mas quando os convidei a entrar dentro de casa depois de baterem violentamente à porta, eles ficaram com medo e declinaram o meu convite. Com a mão presa à de um outro prisioneiro, fomos levados para o régulo Capezulu; não, Capezulu não era régulo, mas o *nduna** do régulo Sontaka. No dia seguinte, chegou um homem, por volta das 3 horas, que nos escoltou para a Administração, onde ficámos um mês encarcerados. Em 1943, fomos levados para Lourenço Marques e entregues à *Companhia de Posto* (?).

Ent: Você foi obrigado a trabalhar durante o mês em que esteve preso na cadeia da administração?

JJT: Não, não fazíamos nenhum trabalho, só ficávamos na cela. A polícia abria a porta de vez em quando para deixar passar ar – mantinham-nos sob vigilância mas não nos davam nenhum trabalho para fazer. No dia em que partimos para Lourenço Marques cortaram-nos o cabelo. Na Companhia de Posto éramos treinados a usar uma arma. Uma manhã, eles acordaram-nos, e depois de nos raparem o cabelo de novo, espalharam tinta no nosso corpo – eles pintaram-nos.

Ent: Eles deitaram-vos tinta em todo o corpo?

* Subchefe na hierarquia tradicional colonial.NA. As entrevistas de ABT e outros no AHM dão mais pormenores do relacionamento entre Sontaka [Santaca] e Capezulu, este último descendente do régulo Madubula. Ed.

JJT: Sim, em todo o corpo, e depois puseram-nos máscaras na cara, que tinham barba e fizeram com que ficássemos parecidos com os brancos – os portugueses, e nós parecíamos portugueses verdadeiros. Fomos depois conduzidos para um barco e colocados em grandes grades de madeira – 6 homens em cada uma. Não sabíamos o que estava a acontecer, e quando o barco começou a navegar não tínhamos nenhuma ideia de para onde nos levavam. Contudo, chegámos finalmente à Índia, onde alguns ingleses nos descobriram quando revistaram o barco, e ordenaram que o barco regressasse a Lourenço Marques, de onde nos transferiram e levaram para Boane. Isto foi no tempo de (Adolfo) Hitler. Fomos enviados para Boane em grupos grandes – o meu grupo era o Nº 10. Deram-nos utensílios e ordenaram-nos que limpássemos o mato em Boane, onde se ia estabelecer a cidade. Começámos a construir a cidade, e eu trabalhei lá até 1945, altura em que nos libertaram e nos deixaram ir para as nossas casas.

O administrador ofereceu-me emprego como polícia no meu regresso da prisão. Agradei-lhe a oferta, mas disse-lhe que queria ir para casa e ver a minha família antes de assumir o novo emprego. Mas, assim que cheguei a casa, ri-me da oferta – será que o administrador pensou mesmo que eu havia de trabalhar como polícia? Quem, eu é que não, de certeza! Não perdi tempo e parti para Joanesburgo.

Ent: Você fez o corta-mato para Joanesburgo através dos domínios do Régulo Ngwanazi?

JJT: Não, fui pela Swazilândia e arranjei trabalho na East Gedul[d] Mine, em Springs. (Infelizmente) o meu irmão mais velho, que tinha deixado as minas para trabalhar no Natal, morreu, e lá tive de regressar a casa, junto com o meu outro irmão, para o enterrar. O meu irmão foi impedido de regressar a Joanesburgo depois do funeral, uma vez que tinha sido seleccionado para ser *nduna* do régulo. Como consequência, depois de um ano como *nduna*, o meu irmão estava em farrapos, uma vez que não tinha conseguido substituir as suas roupas velhas. Como ele não tinha nem um par de calças, dirigiu-se ao régulo e pediu permissão para ir procurar trabalho no Natal. Depois de ser autorizado, partiu para o Natal e nunca mais regressou a casa.

Durante as minhas férias seguintes em casa, vim a descobrir que a minha mãe tinha sido temporariamente nomeada *nduna* em lugar do meu irmão

— e então o régulo chamou-me para me informar que dali em diante eu tinha de servir como *nduna* na ausência do meu irmão. Protestei, mas inutilmente, já que o régulo perguntou: “gostaríamos de saber onde está o seu irmão, será que nos pode dizer?” Quando lhe disse que o meu irmão estava no seu serviço, no Natal, o régulo ameaçou: “Suponha que tivéssemos de mandar a polícia para ir prender o seu irmão e as suas duas mulheres, o que ia fazer? Isso ia deixá-lo feliz?”. Disse ao régulo que eu gostaria certamente de saber por que razão as duas mulheres tinham de ser presas, uma vez que tenho responsabilidade sobre elas como membros da minha família. O régulo ficou contente: “Muito bem, essa foi uma boa resposta, e agora temo-lo a si; você agora é *nduna* do régulo, e vai tomar o lugar do seu irmão”.

Tentei protestar mais uma vez, dizendo que não podia ser responsabilizado pelos erros do meu irmão. Apelei também ao régulo que considerasse o facto de que não tinha idade suficiente para ocupar a posição de *nduna* do régulo, mas era o mesmo que estar a falar para uma parede. Todos os anciãos presentes lembraram-me asperamente que, por tradição, eu não podia recusar um *pedido* do régulo e que não tinha outra opção senão aceitar. O que podia eu fazer? Aceitei a ordem e servi como *nduna* até o régulo morrer. Depois da morte deste, os anciãos pediram-me que me tornasse régulo substituto, mas recusei, fazendo notar que o falecido régulo tinha filhos que trabalhavam em Joanesburgo e no Natal, que deviam ser trazidos para casa para suceder o pai. Escreveram então uma carta, que foi enviada ao Régulo Sontaka que, por sua vez, escreveu para um dos filhos do falecido régulo, pedindo-lhe para regressar para assumir o cargo. Foi assim que Almon M’qamango Tembe se tornou régulo — ele foi chamado de Joanesburgo para suceder o seu falecido pai.

Ent: Esse homem é aquele que entrevistámos na célula de Macassane no outro dia?

JJT: Sim, esse é o homem a quem entreguei a chefia. Depois do seu empossamento, fui para casa e fiquei lá até à grande revolução que, no fim, levou os portugueses a fugir de Moçambique e ao estabelecimento do nosso próprio governo, altura em que os regulados foram abolidos e substituídos pelo sistema de Grupos Dinamizadores, de que Wilson se tornou Secretário.

História da Cooperativa: Recrutamento e Mobilização

Ent: Esse Wilson Chembene é o mesmo que é membro da cooperativa?

JJT: Sim, o mesmo Wilson e a mulher. Disseram que os régulos e os *tindunas* tinham de deixar de existir a partir daquele momento, e que o Wilson agora tinha de assumir toda a responsabilidade. Nós dissemos “muito bem, muito obrigado” e ficámos quietos. Depois de algum tempo, fomos todos convocados para uma reunião em Nhlampfuteni, onde nos disseram: “O colono que nos oprimiu e levou todas as nossas terras mais bonitas e férteis foi-se embora. O que temos a dizer sobre isso?” – perguntaram eles. Foi isto que nos perguntaram, e foi o governo que colocou a questão. Nós respondemos e dissemos que, agora que o colono tinha partido, todos nós aceitávamos o nosso próprio governo e havíamos de obedecer a tudo o que o governo nos dissesse para fazer. Por isso, aceitámos ir trabalhar na machamba abandonada pelo agricultor colonial; todos concordaram. Os funcionários avançaram então para Thanga e disseram a mesma coisa à comunidade de lá. Mais tarde, numa segunda-feira, juntaram-nos a todos, as pessoas de Thanga, Mudada e Macassane. Começámos a trabalhar na machamba depois de nos terem dividido em grupos. Éramos muitos e isso foi em 1975. Havia 390 pessoas no total – *xitsungu xa ku chavisa* (um número de pessoas que metia medo)! A machamba parecia ser muito pequena face a esta multidão, e nós limpámos tudo em pouco tempo. Só trabalhávamos duas vezes por semana, uma vez que não era preciso irmos trabalhar todos os dias.

Ent: Então, a machamba era muito pequena relativamente à mão-de-obra disponível nessa altura.

JJT: Tudo era maravilhoso, isto é, até as coisas começarem a andar mal, e isso foi por causa de dinheiro, pois algumas pessoas receberam, mas a maior parte ficou sem pagamento. Isso criou frustração e conflitos. Quando os funcionários compreenderam que não havia dinheiro suficiente para pagar a todos, eles recolheram o dinheiro que tinha restado da lista de pagamento e foram-se embora. As pessoas reclamaram e perguntaram: “isso significa que trabalhamos para nada? Eles não nos disseram que seríamos capazes de comprar sapatos, conduzir carros e ficar ricos, eles não nos disseram que teríamos

alimentos suficientes para comer (se nos juntássemos à cooperativa)? Mas aqui estávamos nós, produzindo arroz que não podíamos comer – não nos davam nem sequer uma caneca cheia de arroz para comer, e não havia dinheiro! As pessoas começaram a abandonar a cooperativa, deixando apenas quatro pessoas que tinham decidido ficar, nomeadamente Amosse Bodlela Tembe, Kapati (Timóteo Manganyela), Zacarias Mbhoyisa e Nyamanyathi Manzine. Depois de um tempo fora da cooperativa, eu voltei atrás. Também persuadi a minha mulher para voltar, e o Wilson Chembene também voltou atrás para se juntar à cooperativa.

Ent: A sua mulher ainda está aqui consigo?

JJT: Sim, ela ainda está na cooperativa. Depois do nosso regresso, algumas outras pessoas também começaram voltar atrás, até que o número subiu para 55 membros. Agora somos 49 porque outros 4 membros decidiram mais uma vez deixar a cooperativa. As coisas continuaram assim, com altos e baixos, até que Kapati Manganyela também partiu.

Ent: Porque Manganyela deixou a cooperativa?

JJT: Ele saiu porque quando as pessoas apanhavam o arroz que tinha caído no chão durante a colheita para levarem para casa, Manganyela tirava-lhes⁶. Ele arrancava o arroz que os trabalhadores tinham apanhado e punha-o no armazém. Os trabalhadores ficaram tão aborrecidos com ele que começaram a compor e entoar canções abusivas contra ele, chamando-o abertamente de *Muxololi* (explorador). Eles acusavam-no de ser um estranho vagabundo que tinha vindo de Masohani, um lugar distante, e que por isso não era membro das comunidades de Mudada-Thanga-Macassane. Ao enfrentar tais hostilidades, Manganyela, temendo pela sua vida, não teve outra opção senão fugir.

Amosse Tembe, Nyamanyathi Manzine e Zacarias Mbhoyisa, que ficaram, tornaram-se um *triunvirato* que assumiu o controlo da cooperativa. Os restantes de nós estávamos lá, mas nós trabalhávamos

⁶ De acordo com um costume tsonga, uma pessoa pobre que tenha sido solicitada a ajudar uma outra rica na colheita, pode voltar para a machamba onde se fez a colheita e apanhar qualquer grão que tenha caído no chão e que por acaso tenha sido deixado, para além do que a pessoa recebeu em pagamento (pagamento normalmente feito em géneros).

no campo enquanto esses três homens tomavam conta de todos os assuntos da cooperativa – e era isso que faziam!

Ent: Então, esses três homens assumiram o controlo da cooperativa – Amosse Tembe era o mais poderoso de todos eles?

JJT: Sim, mas antes era o segundo depois de Manganyela. No início, Manganyela tinha assumido o controlo porque conhecia a língua.

Ent: Então ele falava português?

JJT: Sim, de facto! “*I muMaje yena*” – ele era um verdadeiro português, sim, e como conhecia a língua, Amosse Tembe teve de ser um *nduna* dele. Por isso, quando Manganyela saiu, foi automaticamente substituído pelo *nduna*.

Embora as coisas tivessem andado relativamente bem por algum tempo, depois veio o problema relacionado com os produtos alimentares que foram trazidos da Loja do Povo. Houve muitos conflitos à volta deste assunto, mas não podemos falar disso porque não sabemos nada sobre esta questão. Não sabemos nada sobre o problema dos produtos, porque tudo o que vimos é que depois de os géneros chegarem da Loja do Povo, eles faziam uma lista dos membros e começavam a fazer a distribuição.

Ent: Quem era responsável pela venda dos produtos que vinham da Loja do Povo?

JJT: Era Nyamanyathi Manzine, Zacarias Mbhoysa e a Secretária da O.M.M. (*Organização da Mulher Moçambicana*).

Ent: Lucina Mpfumo?

JJT: Sim, Lucina Mpfumo; ela trabalhava com os outros dois, e era proibido a todos os outros membros entrar no armazém onde os produtos eram guardados. O nosso sentimento em relação a estas três pessoas é que eles portavam-se como *swikolonyi* (colónos).

Ent: Vocês não eram autorizados a entrar no armazém?

JJT: E Bodlela (Amosse Tembe) nunca disse nada; víamo-lo sentado, de cabeça para baixo, entre os joelhos (deprimido). Era Nyamanyathi que falava, fazia as vendas e tomava decisões sobre outras coisas – ele é que sabia de tudo. Seguiram-se conflitos, disputas e desavenças – houve muito barulho, e Nyamanyathi fugiu.

Ent: Quem fazia barulho, quem discutia com quem?

JJT: O barulho era dirigido a Nyamanyathi por causa da venda de produtos alimentares – algumas pessoas acusavam-no de que ele as

enganava por não medir bem os produtos. As pessoas ficaram muito zangadas e Nyamanyathi foi obrigado a renunciar à sua (auto-nomeada) posição. Quando ele saiu, algum dinheiro proveniente das vendas desapareceu com ele; este era o dinheiro que devia ter sido enviado para a Loja do Povo.

Ent: Quanto dinheiro é que ele levou?

JJT: Não sabemos, ninguém sabe, mas ele ficou com o dinheiro. Continuámos a trabalhar, mas nessa altura Wilson (Chembene) entrou em cena. Nessa altura, todos os chefes tinham fugido, deixando Bodlela sozinho. Depois apareceu Wilson, ficando agora dois (responsáveis). Eles então decidiram meter-me a mim e Albino Mabaso no grupo, e todos trabalhámos juntos. Inicialmente Albino foi escolhido para secretário da cooperativa, mas como não tinha estudos nenhuns, foi substituído por uma outra pessoa que depois foi mandada para um curso de formação.

Ent: Foi Wilson quem substituiu Albino?

JJT: Sim, foi ele que foi enviado para um curso de formação. Depois chegou a altura em que se tinha de estabelecer uma Célula do Partido na cooperativa, e disseram que tínhamos de nos filiar no Partido (FRELIMO), tendo sido seleccionadas pessoas para se tornarem membros do Partido. Quando os líderes do Partido vieram de Bela Vista para a cooperativa, instruíram-nos de que aqueles cujos nomes fossem chamados, deviam dar um passo em frente, um por um. À medida que cada pessoa se apresentava, as restantes pessoas tinham de se levantar, uma por uma, e expor os pecados e defeitos do candidato – se era ladrão, régulo, contrabandista, bandido ou prostituta; *Todos estes pecados tinham de ser expostos.*

Nem mesmo Amosse Tembe (*Responsável Máximo*) podia escapar deste processo: foi referido que havia um caso em que um homem tinha morto outro depois de os dois terem consultado o filho de Amosse, que era curandeiro (ver entrevista de ABT, página 12). Quando chegou a minha vez perguntaram-me: “E agora, camaradas, o que têm a dizer sobre Josefa, o que sabem dele?”, mas as pessoas disseram que não conheciam nada negativo a meu respeito. Contudo, quando estavam quase a anotar o que se tinha acabado de dizer sobre mim, alguém de fora da cooperativa, levantou-se e disse: “Conheço o camarada Josefa muito

bem, e não há nada negativo sobre o seu nome. Contudo, o camarada Josefa trabalhou como *nduna* no tempo dos régulos”. Nessa altura, as pessoas do Partido disseram: “Aha! Ele trabalhou como *nduna*, não é?” (Como resultado desta revelação) eles disseram: “Bom, muito bem, camarada Josefa, nós vamos depois considerar o seu caso e o senhor será notificado sobre a decisão”. Eu disse “muito bem, muito obrigado”, deixei-me estar e esperei. Mas até agora que estou a falar consigo ainda não me vieram comunicar a sua decisão. *É por essa razão que, quando há uma discussão na cooperativa, eu digo sempre que são os membros do Partido que devem decidir porque eu não faço parte.* Vou parar por aqui porque já lhe disse tudo o que sabia.

Ent: Quando a cooperativa foi aberta, conforme me disse antes durante a nossa conversa, os funcionários explicaram-vos o que uma cooperativa devia ser?

JJT: Eles não nos deram nenhuma explicação, excepto que tínhamos de trabalhar juntos em unidade porque a união faz a força, e que era da cooperativa que nós íamos ganhar o nosso dinheiro, sustentarmo-nos e comprar roupa. Sim, e que desta maneira a escravidão e a pobreza seriam eliminadas; foi isto que nos disseram.

Ent: Então, foi isso o que vos disseram, eh!

JJT: Não nos disseram mais nada.

Ent: Como é que as pessoas acharam que isto era uma razão para trabalharem na cooperativa – será que as pessoas perceberam a partir disto que, por exemplo, os membros receberiam um salário mensal ao filiarem-se na cooperativa?

JJT: As pessoas perceberam que só iam receber dinheiro se produzissem excedentes na cooperativa.

Ent: Sim.

JJT: Sim, foi esta a compreensão – as pessoas perceberam que só iam receber dinheiro se houvesse excedentes. O problema surgiu quando, depois de uma boa colheita, não se fez nenhuma distribuição de dinheiro – isto é que provocou o conflito.

Ent: Quando a cooperativa começou, todos, jovens e velhos de Mudada, Macassane e Thanga, vieram juntar-se. Porque é que todos os jovens abandonaram a cooperativa?

JJT: Eles saíram por causa do problema de dinheiro.

Ent: Como é que, na sua opinião, os jovens entenderam a explicação dada pelos funcionários, que você acaba de me contar?

JJT: Não lhe sei dizer, mas acho que o problema tem a ver com a questão do dinheiro.

Ent: Você juntou-se à cooperativa com a sua esposa logo desde o início?

JJT: As minhas duas mulheres integraram-se na cooperativa na mesma altura em que me tornei membro, mas uma delas mais tarde saiu.

Ent: Porque saiu?

JJT: Oh! Como é que vou saber – só ela sabe! Quando decidi voltar para a cooperativa, a minha segunda mulher, que ainda é membro, também concordou em regressar. A minha primeira mulher disse que queria ficar em casa a descansar, mas que ia reconsiderar caso a sua saúde melhorasse.

Ent: E agora ela ainda continua em casa e trabalha na machamba dela, não é?

JJT: Sim, é isso mesmo que ela faz.

Ent: Em conversa com algumas pessoas aqui, disseram-me que a razão por que a maior parte dos membros é constituída por mulheres tem a ver com o facto de os homens preferirem trabalhos com um salário mensal, tal como acontece nas minas da África do Sul ou nas Machambas Estatais em Moçambique. Isso é verdade?

JJT: Eu não sei, porque quando começámos disseram-nos que só íamos ter dinheiro se houvesse uma boa colheita, e por isso não posso dizer o que vai na cabeça das outras pessoas.

Ent: E sobre uma cooperativa de consumo como a que estão a tentar criar em Macassane (comunidade) – acha que seria uma boa ideia estabelecer uma aqui na cooperativa? O homem do GODCA levantou esta questão quando veio cá numa visita no outro dia – lembra-se?

JJT: Sim, estão a tentar criar uma cooperativa de consumo em Macassane, e pediram que as pessoas contribuíssem com uma soma de 1.000\$00 (taxa de inscrição), e algumas pessoas já pagaram o dinheiro. Contudo, nós que trabalhamos aqui ainda não o fizemos porque não temos dinheiro.

Ent: Então, quem tem possibilidade de fazer isso?

JJT: As pessoas que vendem carvão podem pagar, e isso significa que se

se criasse uma cooperativa de consumo aqui, nós seríamos excluídos; não poderíamos comprar nada na loja porque seria uma loja da cooperativa.

Ent: Todos os membros desta cooperativa apresentaram o mesmo argumento que você, nomeadamente que não têm dinheiro para pagar a taxa de inscrição necessária?

JJT: Sim, dissemos que não temos dinheiro.

Ent: Esse é um problema sério, eh!

JJT: Pois é.

Ent: Vamos voltar um pouco atrás: ouvi dizer que Timóteo Manganyela teve problemas quando foi acusado de ter roubado um tractor – o que aconteceu de facto?

JJT: Sim, isso aconteceu, mas não foi Timóteo, foi o filho dele quem roubou o tractor, mas quando avariou, disseram que Timóteo tinha de o consertar.

Ent: Será que os dois, pai e filho, deixaram a cooperativa em resultado disso?

JJT: Sim, eles saíram juntos.

Ent: E que tal as canções que as mulheres compuseram como uma crítica directa a Manganyela – ainda cantam essas canções hoje?

JJT: Essas canções agora estão ultrapassadas, por isso já não são cantadas. (Pelo contrário, as canções referidas são as que aparecem neste documento, e que eram sempre cantadas pelas mulheres enquanto trabalhavam na machamba).

Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa

Ent: Porque você e a sua mulher regressaram à cooperativa depois de esta ter caído?

JJT: Voltámos à cooperativa porque ainda não tínhamos percebido o que eles disseram que íamos conseguir ao tornarmo-nos membros, que é eliminar a pobreza para toda a nossa vida. Voltámos para ver se, finalmente, seríamos capazes de realizar os objectivos que foram estabelecidos para nós no início.

Ent: Agora, quando olha em frente, acha que a cooperativa vai fazer grandes progressos no futuro, permitindo que atinja esses objectivos?

JJT: Não, quando olho em frente, considerando como as coisas estão a andar agora, não me parece que vá haver alguma mudança para melhor no futuro.

Ent: Está com medo, e não tem nenhuma confiança no futuro da cooperativa, não é verdade?

JJT: Não tenho certeza sobre o futuro – ando assim (indicando com a mão o movimento de um barco a ser balançado pelas ondas).

Ent: Compreendo o que quer dizer.

JJT: Não tenho força (confiança) dentro de mim.

Ent: Era isso que queria dizer um pouco antes de começarmos esta entrevista, quando disse que não sentia nenhuma força nos seus ossos ao pensar no futuro desta cooperativa?

JJT: Sim, era exactamente isso que queria dizer porque, depois de muitos anos – e este agora é o quinto ano – em todo esse tempo só ganhei 2.000\$00, para que serve isso? Tenho família e filhos (para sustentar).

Ent: Você recebeu no primeiro ano?

JJT: Pagaram-me 2.000\$00 nesse ano também.

Ent: E as suas mulheres, receberam algum dinheiro?

JJT: As minhas mulheres não receberam – não, a minha primeira mulher recebeu 2.500\$00 e eu recebi 2.000\$00.

Ent: Aha!

JJT: Já viu isto – eu tinha trabalhado mais dias do que ela, e ela recebeu 2.500\$00 enquanto que eu só tive 2.000\$00! Quando chegou a minha vez de receber, eles voltaram e disseram que já não havia mais dinheiro. Eles prometeram-nos que nos haviam de pagar mais tarde, mas não cumpriram a sua promessa – até agora estamos à espera. A minha segunda mulher nunca recebeu nenhum pagamento em cinco anos, mas ela continua a trabalhar.

Ent: A sua mulher nunca recebeu nada em cinco anos, é isso?

JJT: Só há pouco tempo (há uma semana) é que ela recebeu um pagamento, quando lhe deram 2.000\$00.

Ent: Esse foi o seu único pagamento?

JJT: Esse foi o seu primeiro pagamento; pode-se entender uma coisa dessas? É por isso que lhe estou a dizer que não sinto nenhuma força

no meu corpo. *Continuo a trabalhar porque temos de ser unidos, temos de trabalhar juntos, e acho que seria errado sair e abandonar os outros.*

Ent: Quem tem poder, na sua opinião, para mudar esta cooperativa e torná-la bem sucedida – acha que são os membros ou os funcionários do distrito?

JJT: Realmente não sei, porque quando reflecto sobre a situação daqui, sinto que a administração distrital não pode pôr as coisas novamente em ordem na cooperativa, porque as pessoas que nos arruinaram vêm desse gabinete.

Ent: Os funcionários da administração é que são culpados pela situação na cooperativa?

JJT: Os funcionários eram do distrito, e eu não acho que eles possam resolver o problema – a sua intenção é estragar o nosso trabalho. O Ministério (Agricultura) deve ser capaz de ajudar, mas não sei se vai querer fazer isso.

Ent: Se os funcionários estão a sugar a cooperativa [expressão usada por JJT durante uma conversa informal], para onde é que vai o produto?

JJT: Eles põem-no aqui (imitando, com uma mão, o gesto de se apoderar de qualquer coisa e colocá-la no bolso das calças).

Ent: Vejo que os membros desta cooperativa não têm nenhuma fé e confiança nas estruturas distritais – e isso é lamentável, não acha?

JJT: Sim, é isso mesmo!

Ent: Há muitas pessoas que produzem carvão com base em *tsima*?

JJT: Sim, há muitas, muitas pessoas que fazem isso.

Ent: Você estava a dizer, antes de começarmos esta entrevista, que os que estão fora da cooperativa estão em melhor situação financeira do que os membros desta cooperativa – pode explicar melhor isso?

JJT: Sim, eles estão em melhores condições porque vendem carvão. Eles deitam abaixo árvores grandes, constróem pilhas enormes de lenha, com a qual produzem muitos sacos de carvão. E eles podem ganhar cerca de 5.000\$00 em cada montão, um montante que eu nunca ganhei. Isso é suficiente para sustentar a família e comprar roupa. É muito comum ouvi-los a gabar-se e rir-se de nós, dizendo: “*olhem para aqueles que trabalham na cooperativa, o que é que eles têm?*”

Ent: Eles escarnecem e riem-se, de facto, de vocês?

JJT: Sim, eles riem-se de nós, chamando-nos de loucos que correm o risco de perder as suas famílias (por causa da incapacidade de as

sustentar). Eles ridicularizam-nos, avisando que as nossas mulheres podem fugir de nós se não lhes pudermos comprar roupa para se vestirem. Eles insultam-nos e perguntam-nos o que pensamos que estamos a fazer na machamba. É isto que eles nos fazem.

Ent: E o que vocês respondem?

JJT: Bem, o que se pode dizer? É melhor mantermo-nos calmos e deixá-los dizer o que querem dizer porque não temos nenhuma forma de nos defendermos.

Ent: Se uma pessoa lhe perguntasse se esta cooperativa *pertence a vocês*, membros da cooperativa, ou ao Governo, qual seria a sua resposta?

JJT: (rindo) Esta é uma pergunta muito difícil. *Diria que a cooperativa é nossa e não é nossa; pertence ao Governo.*

Ent: Se uma pessoa, digamos, recentemente regressada das minas na África do Sul, viesse procurar o seu conselho se devia ou não entrar na cooperativa, o que lhe diria?

JJT: Se ela viesse aqui para a cooperativa saindo da sua casa para me perguntar isso, eu não lhe havia de dizer nada.

Ent: Se ela fosse à sua casa para pedir conselho, o que lhe diria?

JJT: Dir-lhe-ia que, se ele quisesse juntar-se à cooperativa, seria bem-vinda porque aceitam sempre empregar pessoas na cooperativa; eles não recusam ninguém que se queira associar, quer seja homem, mulher ou jovem – qualquer pessoa pode entrar na cooperativa. Isso é o que eu havia de lhe dizer porque não gostaria de fazer críticas destrutivas sobre a cooperativa, como as que são feitas pelas pessoas que a abandonaram. Se eu fizesse isso, estaria a ser “*criança, e nunca crescerá*”.

Ent: Suponha que fosse o seu próprio filho ou filha que lhe estivesse a pedir conselho, o que lhe diria?

JJT: O meu filho nunca me perguntaria, ele descobriria através de outras pessoas, ele teria de ouvir o que essas pessoas dizem por aí sobre a cooperativa (a fim de tomar a sua decisão).

Ent: O seu filho adulto vive consigo em casa?

JJT: Não, ele construiu a sua própria casa, muito próximo da minha, onde vive com a mulher.

Ent: Há muitas famílias nesta área onde diferentes gerações vivem juntas no mesmo agregado familiar?

JJT: Não, não há muitas famílias porque a prática comum (actualmente)

é que assim que um jovem se casa ele deixa a casa paterna para construir o seu próprio agregado familiar.

Ent: Que tipo de sistema familiar, entre o antigo e o *moderno*, prefere?

JJT: O sistema antigo era bonito e eu preferia viver junto com todos os meus filhos.

Relações de Género: Divisão Sexual do Trabalho

Ent: E agora sobre os problemas entre homens e mulheres nesta cooperativa – ouvi dizer que a cooperativa tem a alcunha de *Koparativha ya Swikoxani* (uma cooperativa de mulheres velhas).

JJT: Um dia, um camarada apareceu aqui vindo da Machamba Estatal (do outro lado do rio), e depois de nos chamar a todos, perguntou se estávamos todos ali. Quando lhe dissemos que estavam todos presentes, ele perguntou: “... mas como é que só há mulheres velhas? O que aconteceria se fosse preciso carregar um camião com sacos de arroz do armazém, estas mulheres velhas conseguiriam fazer isso?” Foi esta a origem do nome *Koparativha ya Swikoxani*.

Ent: Como se chamava esse camarada?

JJT: Não conheço o nome dele.

Ent: Ele vinha da administração do distrito ou de Maputo?

JJT: Ele vinha da capital. Ele andava a visitar machambas estatais e cooperativas – ele foi para todas as cooperativas.

Ent: Camarada Tembe, você é que trabalha com mulheres porque é da mobilização. Desde que chegámos aqui que ouvimos as mulheres a reclamarem, quase todos os dias, alegando que os homens na cooperativa não fazem nenhum trabalho. Elas afirmam que os homens vêm à cooperativa, mas só para se sentarem e pôr-se a conversar lá em cima, no armazém, e que raras vezes descem para as machambas de arroz e milho. Elas sentem que é muito injusto que os homens se deixem estar por aí sentados e deixem todo o trabalho pesado para as *swikoxani*. O que diz sobre isto?

JJT: Não sei o que dizer sobre isto porque é verdade que as mulheres pediram-me para explicar por que razão elas têm de trabalhar sozinhas. Quando elas perguntam “Onde estão os homens?” eu digo sempre “Quem? Quais homens?” E então elas respondem “Os seus superiores, onde estão?”

Então eu respondo que (os meus superiores) estão ocupados a fazer outras coisas – eles têm muitas outras coisas para fazer. As velhas muitas vezes insistem: “Que tipo de coisas estão eles a fazer, que os impeçam de vir cá abaixo ajudar-nos a acabar este trabalho?” Eu respondo-lhes então que, quanto a isso, eu não sei nada. Então elas fazem notar que esta não é a maneira como se devem fazer as coisas na cooperativa, e que era necessário que os homens participassem também no trabalho manual. É verdade, mesmo ontem elas levantaram a mesma questão, “quantos homens existem, e onde estão eles?”

Está o Wilson, o Bodlela, o Sigihananda e eu (lá em cima, no armazém); os outros homens operam a bomba de água.

Ent: Quantos homens operam a bomba de água?

JJT: Estão três.

Ent: Eles trabalham de dia e de noite, ou só durante o dia?

JJT: Dois deles trabalham à noite durante uma semana e depois alternam com o que esteve a fazer o turno de dia. Este é o número de homens disponíveis na cooperativa – os dois chefes e eu, e os três operadores da bomba de água. Um destes homens é responsável pela manutenção dos canais de irrigação, a quem cabe verificar se estes estão em boas condições e se a água corre livremente. Contudo, muitas vezes, tive de deixar o meu próprio trabalho para reparar algum canal estragado (porque o homem não é suficientemente diligente). As velhas defendem que os “superiores” é que têm de ser responsáveis pela manutenção dos canais, uma vez que eles não têm mais nada a fazer.

Ent: Como é que a questão foi finalmente resolvida?

JJT: A questão só poderia ter sido resolvida se estes homens (os superiores) tivessem sido persuadidos a descer e ir trabalhar no campo com as mulheres. Contudo, nesse caso, quem teria assumido a responsabilidade pela organização de outros assuntos, como por exemplo comprar diesel, etc., quem iria fazer isso?

Ent: Acha mesmo que esses homens não podem descer à machamba e trabalhar com as mulheres?

JJT: Não, eles não podem fazer isso porque, na minha opinião, as coisas haviam de correr mal se eles deixassem as suas *tarefas administrativas para irem trabalhar na machamba*.

Ent: Há trabalho administrativo suficiente para manter esses homens ocupados todo o dia?

JJT: Sim, porque às vezes eles têm de descer e verificar se há diesel suficiente para as bombas de água, e têm de se deslocar às lojas para encomendar um novo fornecimento. Mas (apesar disto tudo), as mulheres ainda acusam os homens de não fazerem nenhum trabalho na cooperativa.

Ent: Como a maioria dos membros nesta cooperativa são mulheres que, devido à sua idade avançada, podem ter de se reformar em breve, como é que vão encontrar novos membros no futuro para as substituir?

JJT: Nunca vamos encontrar novos membros porque a cooperativa não tem nada para oferecer. As pessoas podiam vir juntar-se a nós se vissem que ser membro trazia algum benefício. Por exemplo, algumas pessoas associaram-se quando ouviram dizer que havia arroz para ser distribuído. Deve haver alimentos disponíveis na cooperativa para as pessoas poderem comprar, para não precisarem de ir para a bicha, depois do trabalho, à procura de comida.

Ent: *Khanimambo.*

Canção: Muti Wa Vaxololi Ka Josina

Musumi: Va kamarada-a

Vapangalati: Va kamarada-a, va kamarada-a hemu

Musumi: Va kamarada-a

Vapangalati: Va kamarada-a, va kamarada-a hemu

A mutini wa vaxololi ka Josina hi ta va tirhela xana?

A mutini wa vaxololi ka Josina hi ta va tirhela xana?

Musumi: Va mamana-a

Vapangalati: Va mamana-a, va mamana-a hemu

Musumi: Va mamana-a

Vapangalati: Va mamana-a, va mamana-a hemu

AM: Não, nunca pensei em ir para a África do Sul.

Ent: O seu pai trabalhou na África do Sul?

AM: Sim, ele trabalhou nas minas.

Ent: Você tem irmãos?

AM: Sim, eles vivem na Província de Gaza.

Ent: Eles estiveram na minas na África do Sul?

AM: Só um deles esteve lá.

História do Trabalho

Ent: O que fazia no Xai Xai quando ainda era jovem?

AM: Cresci a tomar conta de cabritos, e depois fui para a escola durante algum tempo. Depois disso trabalhei na Administração no Xai Xai.

Ent: Porque é que só ficou na escola durante pouco tempo?

AM: Tive de sair da escola porque o meu pai estava muito velho para trabalhar e eu não tinha roupa para vestir. Era muito difícil para mim continuar na escola quando tinha de me sentar com outras crianças com roupa bonita, enquanto eu estava vestido com farrapos. Tinha inveja dos outros rapazes e por isso decidi deixar de estudar e procurar trabalho.

Ent: Até que classe estudou?

AM: Cheguei à *segunda classe*, mas saí antes dos exames.

Ent: Então, deixou a escola e encontrou trabalho na Administração?

AM: (Não), arranjei um trabalho no *Machayani* (aquele que bate em pessoas).

Ent: Quem era *Machayani*?

AM: Era um colono com muito gado que usava para a lavoura.

Ent: Qual era o verdadeiro nome de *Machayani*?

AM: Nunca soube o seu nome verdadeiro – nós sempre o chamávamos *Machayani*.

Ent: Qual era o seu trabalho no *Machayani*?

AM: No início ordenhava as vacas.

Ent: Quantos de vocês faziam a ordenha?

AM: Éramos 12 pessoas que mungíamos as vacas.

Ent: Quem cultivava?

AM: Os trabalhadores mais velhos (com mais experiência) é que lavravam.

Ent: Quanto ganhava?

AM: Ganhava 45\$00 por mês.

Ent: Quanto tempo trabalhou na ordenha no Machayani?

AM: Trabalhei durante um ano.

Ent: O que você fez depois disso?

AM: Arranjei um outro trabalho numa machamba de algodão – era a mesma machamba – a machamba de Machayani, que tinha passado para um outro proprietário depois da morte dele.

Ent: O que fazia na machamba de algodão?

AM: Trabalhava como empregado doméstico.

Ent: Quanto ganhava?

AM: Ganhava 75\$00 por mês.

Ent: Quanto tempo trabalhou aqui?

AM: Trabalhei durante três anos, os primeiros dois em Gaza; depois o meu patrão veio viver para a Catembe e levou-me com ele para continuar a trabalhar como empregado doméstico.

Ent: Vamos voltar atrás e falar um pouco do tempo em que trabalhava na machamba de algodão em Gaza. Quem trabalhava na machamba de algodão?

AM: As pessoas do *xibalo* trabalhavam lá, mas havia também algumas mulheres que trabalhavam numa base voluntária.

Ent: Eram só as mulheres que trabalhavam desta maneira?

AM: Sim, só havia mulheres.

Ent: Havia muitas mulheres que faziam este trabalho?

AM: Não, não havia; a maior parte dos trabalhadores eram os que eram do *xibalo*.

Ent: De onde vinham estes trabalhadores?

AM: Vinham de Chibuto, Manjacaze, e alguns mesmo de Xai Xai.

Ent: Havia conflitos na machamba durante o tempo em que os agricultores empregavam trabalhadores do *xibalo*?

AM: Não, não havia *conflito* nenhurn na machamba.

Ent: Em que ano veio com o seu patrão para trabalhar na Catembe?

AM: Isso foi em 1939, e trabalhei lá durante dois anos.

Ent: O que fez depois disso?

AM: Depois vim para cá e construí a minha casa

Ent: Quanto é que lhe pagavam na Catembe?

AM: Ganhava 250\$00 por mês.

Ent: Quando diz que deixou de trabalhar na Catembe e veio para aqui, o que quer dizer?

AM: Quero dizer que vim trabalhar na serração.

Ent: Onde fica essa serração?

AM: Está ali, é aquela que se vê lá! (do outro lado do rio).

Ent: Ainda funciona?

AM: Não, já não existe.

Ent: Quanto tempo trabalhou lá?

AM: Comecei a trabalhar lá em 1947 e saí em 1949.

Ent: Quanto ganhava na serração?

AM: Ganhava 450\$00 por mês.

Ent: Havia muitos trabalhadores no seu tempo?

AM: Sim, havia muitos.

Ent: De onde vinham os trabalhadores?

AM: A maior parte vinha de outras partes do país, mas alguns eram desta área. Muitos deles eram trabalhadores de *xibalo* oriundos de Magude, Chibuto, Xai Xai, Manjacaze e de Homoine, em Inhambane.

Ent: Quer dizer que a serração só usava trabalhadores do *xibalo*?

AM: Só havia alguns trabalhadores voluntários.

Ent: Havia algum conflito com os trabalhadores do *xibalo* durante o tempo em que esteve lá?

AM: De vez em quando havia conflitos porque o trabalho era muito pesado e perigoso. Algumas pessoas ficavam feridas quando lhes caíam troncos de árvores em cima, e outras com serras.

Ent: Como é que os trabalhadores reagiam quando aconteciam esses acidentes?.

AM: Alguns trabalhadores, que conheciam os caminhos para fugir, escapavam e fugiam para outra terra, mas outros continuavam até acabar os seus contratos de *xibalo*. Os feridos eram levados para o hospital para receberem tratamento.

Ent: Para que terra iam os desertores?

AM: Muitos deles iam para o Natal.

Ent: O que fez depois de deixar a serração?

AM: Fui para a Fábrica de Cal (do outro lado do rio).

Ent: Qual era o seu trabalho, e quanto ganhava lá?

AM: Primeiro trabalhei como pedreiro, e depois como cozinheiro, com um salário mensal de 500\$00.

Ent: Quantos anos trabalhou lá?

AM: Fiquei lá durante quatro anos.

Ent: O que fez depois disso?

AM: Depois disso decidi trabalhar por minha conta: cortei estacas e aluguei um barco para as transportar para a cidade (então Lourenço Marques) para vender. Deixei de trabalhar para o branco e passei a trabalhar por conta própria.

Ent: Quando começou a trabalhar por conta própria?

AM: Foi em 1958.

Ent: Como foi que decidiu meter-se neste empreendimento?

AM: Havia outras pessoas que faziam esse trabalho antes de eu começar, e pedi a alguns dos homens para me levarem com eles para eu poder ver como faziam. Depois disso, comecei a trabalhar sozinho.

Ent: Onde alugou o barco?

AM: Os barcos percorriam regularmente o Rio Maputo e paravam em Majuba, uma zona perto da Administração (de Bela Vista).

Ent: Quem manejava os remos?

AM: Os barcos estavam em aluguer, e uma pessoa alugava um barco e remava sozinha

Ent: Onde vendia as estacas?

AM: Aos colonos.

Ent: Para que compravam eles as estacas?

AM: Alguns construíam palhotas com elas.

Ent: Eles compravam as estacas para revender?

AM: Não, eles compravam as estacas para eles.

Ent: Vocês também vendiam estacas para os negros?

AM: Sim, vendíamos.

Ent: Eram para construção de casas no *Canico*?

AM: Sim, eles construíam as suas casas no *Canico*.

Ent: Quantas estacas podia carregar no barco de cada vez, e quanto cobrava por cada estaca?

¹ Designação para os subúrbios africanos de Lourenço Marques, aonde era proibido fazer construções definitivas de alvenaria.

A mutini wa vaxololi ka Josina hi ta va tirhela xana?
A mutini wa vaxololi ka Josina hi ta va tirhela xana?

Musumi: Va papayi-i

Vapangalati: Va papayi-i, va papayi-i hemu

Musumi: Va papayi-i

Vapangalati: Va papayi-i, va papayi-i hemu

A mutini wa vaxololi ka Josina hi ta va tirhela xana?

A mutini wa vaxololi ka Josina hi ta va tirhela xana?

Musumi: Va *juventudu-u*

Vapangalati: Va *juventudu-u*, va *juventudu-u* hemu

Musumi: Va *juventudu-u*

Vapangalati: Va *juventudu-u*, va *juventudu-u* hemu

A mutini wa vaxololi ka Josina hi ta va tirhela xana?

A mutini wa vaxololi ka Josina hi ta va tirhela xana?

Versão em português: A casa dos Exploradores de Josina

Regente: Camaradas

Coro: Camaradas, oiçam todos vocês, camaradas

Regente: Camaradas

Coro: Camaradas, oiçam todos vocês, camaradas

Em casa dos exploradores de Josina

Vamos trabalhar para eles?

Em casa dos exploradores de Josina

Vamos trabalhar para eles?

Regente: Mães

Coro: Mães, oiçam todas vocês, mães

Regente: Mães

Coro: Mães, oiçam todas vocês, mães

Em casa dos exploradores de Josina

Vamos trabalhar para eles?

Em casa dos exploradores de Josina

Vamos trabalhar para eles?

MACASSANE

Regente: Pais

Coro: Pais, oiçam todos vocês, pais

Regente: Pais

Coro: Pais, oiçam todos vocês, pais

Em casa dos exploradores de Josina

Vamos trabalhar para eles?

Em casa dos exploradores de Josina

Vamos trabalhar para eles?

Regente: Jovens

Coro: Jovens, oiçam todos vocês, jovens

Regente: Jovens

Coro: Jovens, oiçam todos vocês, jovens

Em casa dos exploradores de Josina

Vamos trabalhar para eles?

Em casa dos exploradores de Josina

Vamos trabalhar para eles?

Matutuine

Fevereiro/Março de 1980

3. ALBINO MABASO [nascido ca. 1920]

Cargo: Operador da Bomba de Água

Família e situação económica

Entrevistador (Ent): Quantos anos tem?

Albino Mabaso (AM): A minha idade? Não conheço a minha idade – terei de verificar no meu bilhete de identidade.

Ent: Pode fazer isso mais tarde, mas agora diga-me, nasceu nesta zona?

AM: Não, não nasci aqui, sou de Ncongweni[Chongoene].

Ent: Onde fica Ncongweni?

AM: No Posto Administrativo de Xai Xai

Ent: Aha, então nasceu na Província de Gaza! Quando saiu de Xai Xai para esta zona?

AM: Estou aqui há algum tempo.

Ent: Há quantos anos vive aqui?

AM: Estou aqui há muitos anos – saí da minha terra em 1939 e fiquei um ano na Catembe.

Ent: Agora vamos falar sobre a sua família: quantas mulheres tem?

AM: Tinha duas, mas a primeira morreu.

Ent: Quantos filhos tem?

AM: Ela (a primeira mulher) teve três filhos.

Ent: Quantos anos têm?

AM: São grandes (crescidos)

Ent: São homens ou mulheres?

AM: Um filho e duas filhas.

Ent: As filhas são casadas?

AM: Sim.

Ent: O que faz o seu filho?

AM: Ele é pescador e também cultivava aquela machamba que se vê além (do outro lado do rio, a partir da estação de bombagem, onde estava a ser entrevistado). O nome dele é Casimiro Mabaso.

Ent: Ele tem um barco de pesca?

AM: Sim.

Ent: Há muito peixe no rio?

AM: Havia muito peixe na altura em que comprámos o barco, mas agora já não aparece muito.

Ent: Vocês vivem juntos?

AM: Ele tem a sua própria casa

Ent: Ele é casado e com filhos?

AM: Sim.

Ent: E quantos filhos tem a sua segunda mulher?

AM: Ela tem dois rapazes.

Ent: Eles são crescidos, ou ainda são pequenos?

AM: Um deles é casado e tem já dois filhos. O segundo ainda é pequeno e só ontem começou a estudar.

Ent: O seu filho casado vive consigo?

AM: Ele tem a sua própria casa em Moamba, onde trabalha numa Machamba Estatal.

Ent: Você tem gado?

AM: Não, não tenho gado.

Ent: Nem uma sequer uma cabeça?

AM: Nem uma.

Ent: E o dinheiro que ganhou todos estes anos, não usou nenhum para comprar gado?

AM: Eu queria comprar gado, mas o dinheiro só chegava para alimentação e para vestir a família.

Ent: Tem cabritos?

AM: Não, não tenho nenhum.

Ent: E terras, tem machambas grandes para cultivar?

AM: Sim, tenho um pequeno pedaço de terra.

Ent: Sabe de que tamanho é – quantos hectares tem a sua machamba?

AM: Tenho um hectare – ou talvez um pouco mais de 1 ha.

Ent: A sua mulher tem a sua própria machamba?

AM: Não, é a mesma machamba.

Ent: O que produz nessa machamba?

AM: Cultivo milho e feijão.

Ent: Nunca pensou em ir trabalhar para a África do Sul, como muitos homens fazem nesta terra?

Ent: Havia muitas pessoas envolvidas na produção de carvão nessa altura?

AM: Não, não havia muitas pessoas.

Ent: Como vendia o carvão?

AM: Depois de uma consulta com os meus amigos, contactei com um colono que aceitou comprar o nosso carvão. Eu levei-o para minha casa, onde ele recolheu o meu carvão e o dos meus amigos. Nessa altura combinámos a recolha seguinte – dissemos-lhe quando é que o lote seguinte estaria pronto para venda.

Ent: De onde vinha esse colono?

AM: Ele era de *Xilungwini* [*Lourenço Marques hoje Maputo*] – a cidade dos brancos.

Ent: De onde você o conhecia – tinha-o encontrado antes na cidade?

AM: Encontrei-o nesta zona durante uma das suas viagens à procura de carvão. Andei por aí à procura dele até que o encontrei no mato a comprar lenha e carvão.

Ent: Fez algum acordo com o colono para ele vir comprar o seu carvão em alguma altura particular?

AM: Sim, acordámos que ele viria uma vez por mês.

Ent: Isso quer dizer que levava um mês para preparar um monte de carvão?

AM: Levávamos um mês a preparar o lote, e o colono tinha um camião grande que podia carregar 250 sacos de cada vez.

Ent: Quantos sacos de carvão produzia por mês?

AM: Só conseguia produzir 50 sacos por mês, usando uma catana, porque não tinha serrote.

Ent: Quanto cobrava por saco por saco nessa altura?

AM: Não havia dinheiro; só recebíamos 12\$50 por um saco.

Ent: Durante quanto tempo trabalhou na produção de carvão – ainda faz isso?

AM: Ainda produzo carvão.

Ent: Não desistiu disso?

AM: Não, só descanso quando estou aqui na cooperativa.

Ent: Como tem tempo para produzir carvão, uma vez que trabalha aqui na cooperativa? Não há trabalho suficiente para si?

AM: Trabalho na produção de carvão aos domingos, e a minha mulher

faz o mesmo depois do trabalho dela na machamba; temos de trabalhar desta maneira para equilibrar as coisas.

Ent: A sua mulher não é membro da cooperativa?

AM: Ela era membro no início, mas depois saiu quando houve problemas de dinheiro – ela saiu na mesma altura em que muitas pessoas fizeram o mesmo por não terem recebido a parte delas.

Ent: Então, você trabalha na produção de carvão aos sábados e domingos, com a ajuda da sua mulher.

AM: Sim.

Ent: Quantos sacos de carvão produz actualmente?

AM: Só faço 20 sacos por mês.

Ent: Qual é o preço actual do carvão?

AM: São 70 a 75\$ por saco.

História da Cooperativa: Mobilização e Recrutamento

Ent: Falando agora da cooperativa, como ficou a saber sobre a sua existência?

AM: Sobre a cooperativa?

Ent: Sim.

AM: Fomos chamados para uma reunião em Nhlampfuteni, depois da qual o administrador, José Mário, trouxe-nos para esta machamba. As pessoas juntaram-se aqui, e entregaram-nos esta machamba. Eles (os funcionários) disseram: “... aqui está uma machamba; trabalhem em unidade! Se trabalharem nesta machamba serão capazes de conseguir alimentos para vocês e para as vossas famílias...”.

Todos concordámos e viemos para aqui com as nossas famílias para começarmos a trabalhar na machamba. O que estava mal aqui é que não nos permitiam consumir o arroz que tínhamos colhido – nem mesmo um bocado, porque era levado todo e guardado no armazém. Quando o arroz era vendido, diziam-nos que tinha rendido dinheiro suficiente para todos nós recebermos o nosso pagamento. Contudo, apenas alguns dos nossos irmãos receberam, enquanto outros ficaram sem nada, e isso fez com que as pessoas comessem a fugir da cooperativa.

Ent: Você recebeu no primeiro ano?

AM: Recebi 4.000\$00.

Ent: A sua mulher tornou-se membro da cooperativa?

AM: Sim, ela associou-se.

Ent: Ela recebeu no primeiro ano?

AM: Ele recebeu 4.000\$00.

Ent: Você recebeu no segundo ano?

AM: Não recebemos nenhum pagamento no segundo ano.

Ent: E a sua mulher – ela recebeu o dinheiro dela?

AM: Nessa altura, a minha mulher tinha saído da cooperativa.

Ent: Por que razão saiu ela?

AM: Ela saiu por causa das fracas colheitas e da falta de pagamento. Disse à minha mulher para sair e ficar em casa enquanto eu continuava aqui, porque teria sido insensato da nossa parte ficarmos os dois na cooperativa, sem ninguém para cuidar da nossa própria machamba. Isso teria feito com que nós sofrêssemos uma perda dupla – na cooperativa e em casa. Eu disse-lhe: “bem, olha, é melhor ficares em casa a tomar conta dos nossos filhos, uma vez que não têm alimentos (suficiente)”. A minha filha e a minha nora também se tinham juntado à cooperativa, e nenhuma delas recebeu qualquer pagamento. O meu filho, que vive na Moamba, também entrou na cooperativa, mas depois saiu por não ter recebido nenhum pagamento.

Ent: E no seu terceiro ano, recebeu algum pagamento?

AM: Não, não recebi nada.

Ent: Foi pago no quarto ano?

AM: Recebemos agora o nosso pagamento relativo ao quarto ano.

Ent: Quanto recebeu?

AM: Tive 4.000\$00.

Ent: Como é que compreendeu o convite feito em Nhlampfuteni para se juntar à cooperativa – queria dizer que todos se deviam juntar, ou só os que quisessem ser membros tinham de fazer isso?

AM: O convite era que todos tinham de se associar: tínhamos de mostrar que acolhíamos o novo governo aceitando a machamba que o governo estava a oferecer ao povo. Todos nós fomos convidados a entrar na cooperativa, excepto crianças e velhos, e por isso todos aceitámos a machamba e entrámos na cooperativa.

Ent: Como percebeu a explicação de que se aceitasse a machamba, isso haveria de proporcionar a si e aos seus filhos alimentos e vestuário?

AM: Não sei, mas pensei que queria dizer que qualquer coisa que produzíssemos na machamba pertencer-nos-ia a nós, e não a qualquer outra pessoa. Pensei que queria dizer que, se a colheita fosse boa, primeiro íamos pôr de lado alguns produtos para o nosso consumo; depois uma parte seria para semente, e venderíamos o resto para termos dinheiro para comprar roupa e outros bens para nós.

Ent: E os instrumentos e equipamentos, os tractores e as bombas de água que usam na machamba – houve alguma explicação sobre a forma como iam ser pagos?

AM: Disseram que os tractores seriam pagos com o dinheiro proveniente da venda de arroz.

Ent: Você acha que algumas pessoas podem ter compreendido que, juntando-se à cooperativa, receberiam um salário mensal?

AM: Não foi isso que foi dito na reunião; o que nos disseram na reunião foi que haveria uma distribuição de dinheiro quando houvesse uma boa colheita e tivéssemos tido lucro.

Ent: Então por que razão as pessoas abandonaram a cooperativa?

AM: Porque não foram pagas no primeiro ano em que a colheita foi boa. As pessoas então reclamaram, dizendo que estavam a perder o seu tempo a vir para a cooperativa com a sua família para trabalharem para nada. Elas acharam que tinham trabalhado na cooperativa sacrificando a sua própria machamba, e então decidiram sair e dedicar-se à produção de carvão.

Ent: Quando olhamos para a cooperativa hoje, vemos que a maior parte dos membros são mulheres velhas; *é uma cooperativa de mulheres velhas, conforme diz a canção* (página 151). Como foi que aconteceu ficarem só mulheres velhas na cooperativa?

AM: As velhas ficaram na cooperativa porque já não têm energia para cortar lenha ou fazer carvão para vender. Os homens jovens, que inicialmente se juntaram à cooperativa, voltaram à produção de carvão ou foram para outros países (África do Sul).

Ent: Quem vai trabalhar na cooperativa quando as mulheres velhas já não o puderem fazer?

AM: Algumas pessoas hão-de vir (voltar) e trabalhar na cooperativa.

Ent: O que é que as podia atrair para voltarem a trabalhar aqui?

AM: Pode ser que quando compreenderem que as velhas já não o podem

AM: Vendia por carrada, e cada uma comportava 200 estacas de tamanho grande, que eu vendia por 2.000\$00 o lote.

Ent: Quanto tempo levava a cortar 200 estacas?

AM: Não levava muito tempo – levava menos de um mês.

Ent: Isso significa que ganhava cerca de 2.000\$00 por mês.

AM: Sim, mas isso dependia do nível da água no rio. Só navegávamos quando a corrente era alta, mas durante a estação seca caminhávamos ao longo da margem do rio com as estacas cortadas, e amontoávamos-las à espera de as transportar quando a água estivesse suficientemente profunda para isso.

Ent: Em que época do ano é que a água é profunda ou pouco profunda no Rio Maputo?

AM: A água é profunda quando é lua nova, e baixa quando a lua está a “morrer”.

Ent: Durante quanto tempo fez este trabalho?

AM: Trabalhei durante um ano.

Ent: Por que razão trabalhou tão pouco tempo?

AM: O trabalho não andava bem porque muitas vezes tínhamos de parar de trabalhar, por exemplo, quando havia vento, com medo de que os barcos virassem. Uma vez vi um acidente deste género envolvendo dois dos meus amigos, e não queria que isso acontecesse comigo.

Ent: O que fez depois de deixar de cortar e vender estacas?

AM: Fui para a cidade e tornei-me guarda nocturno.

Ent: O seu patrão tinha uma casa grande?

AM: Ele tinha uma grande área de terreno plantada com cajueiros.

Ent: Onde era isso?

AM: Era em Lourenço Marques.

Ent: Quanto ganhava?

AM: Recebia 900\$00 mensais.

Ent: Quanto tempo trabalhou lá?

AM: Fiquei lá seis meses.

Ent: Por que deixou o trabalho?

AM: Deixei porque tive de ir ao funeral de uma tia minha, que tinha morrido no Xai Xai.

Ent: Voltou para o seu trabalho depois do funeral?

AM: Não fiquei muito tempo no funeral, mas fui preso e levado para Macassane, para o *xibalo*.

Ent: Para onde o levaram para o *xibalo*?

AM: Eles levaram-me para aquela machamba do *colono*, que se vê lá adiante.

Ent: Onde – do outro lado do rio?

AM: Não, no cimo desta cooperativa – na machamba de Tomás, em Mughangeni.

Ent: O que fazia lá?

AM: Trabalho de lavoura.

Ent: Quantos trabalhadores em regime de *xibalo* havia na machamba?

AM: Éramos doze trabalhadores em *xibalo*.

Ent: Quanto tempo trabalhou lá?

AM: Trabalhei durante três anos.

Ent: Trabalhou durante três anos no *xibalo*?

AM: Sim, trabalhei durante três anos!

Ent: Disseram-lhe que tinha de ficar três anos no *xibalo* quando o prenderam?

AM: Não, decidi trabalhar três anos (o contrato original do *xibalo* era de 6 – 12 meses) com medo de que, se eu fosse para casa depois de acabar o meu contrato, eles me prendessem de novo e me levassem para trabalhar em algum lugar longe.

Ent: Então, depois de cumprir os seis meses do seu contrato de *xibalo* decidiu ficar “voluntariamente”, não é verdade?

AM: Sim, e o *colono* concordou que eu continuasse a trabalhar na machamba dele, e eu trabalhei lá durante três anos.

Ent: Continuou no mesmo trabalho depois de cumprir o *xibalo*?

AM: Não houve nenhuma mudança, a terra era cultivada com tractor e eu lançava as sementes e regava.

Ent: Usava uma máquina para lançar as sementes?

AM: Não, nós fazíamos o trabalho à mão.

Ent: Como é que a irrigação era feita?

AM: Havia uma bomba de água – nós abríamos a bomba e deixávamos a água correr através dos sulcos.

Ent: Foi aqui que aprendeu a operar uma bomba de água?

AM: Sim, foi aqui que aprendi a trabalhar com uma bomba de água.

Ent: O agricultor ensinou-lhe a trabalhar com a bomba de água?

AM: Sim, o colono ensinou-me.

Ent: Então, isso tornou-se o seu trabalho especial, não é verdade?

AM: Sim.

Ent: Quanto tempo trabalhou como operador da bomba de água?

AM: Trabalhei como operador da bomba durante todo o tempo que estive lá.

Ent: Era esse o seu trabalho desde o início?

AM: Sim, as coisas funcionavam desta maneira: os outros trabalhadores estavam nos viveiros e na lavoura, e a minha responsabilidade era mostrar-lhes como cultivar e cuidar dos viveiros, e depois disso tratar da bomba de água.

Ent: Quanto ganhava?

AM: Ganhava 600\$00 por mês.

Ent: O mesmo salário do *xibalo*?

AM: Mm, o mesmo salário do *xibalo*!

Ent: Ainda era considerado *trabalhador do xibalo* depois de ter cumprido o contrato e ter-se tornado trabalhador voluntário?

AM: Não, chamavam-me trabalhador voluntário.

Ent: Você trabalhava lado a lado com os trabalhadores que estavam em regime de *xibalo*, que chegaram depois de se tornar trabalhador voluntário?

AM: Não, eles mantinham-nos separados.

Ent: O que você fez depois dos três anos que passou nessa machamba?

AM: O meu patrão foi-se embora e alugou a machamba para um outro colono, mas eu continuei a trabalhar com o novo patrão por mais seis meses, a fazer o mesmo trabalho. Mas depois disso saí porque não me dava bem com o novo patrão – ele não era uma boa pessoa.

Ent: Por que razão o novo patrão não era “bom”?

AM: Ele era muito irascível: encontrava sempre defeitos em tudo o que uma pessoa fazia mas se o trabalho estivesse perfeito, e por isso decidi ir-me embora.

Ent: O seu desentendimento com o seu patrão alguma vez resultou em pancadaria?

AM: Não, nunca houve nenhuma luta física.

Ent: E durante o tempo em que estava no *xibalo*, houve algum conflito?

AM: Nunca lutei com ninguém.

Ent: Não estou a falar pessoalmente de si, mas em relação aos trabalhadores do *xibalo* que chegaram e partiram durante o tempo em que você esteve lá.

AM: Este colono (o primeiro patrão) lidava bem com os seus trabalhadores e nunca causou nenhum problema.

Ent: Como era a alimentação que recebiam?

AM: Nós comíamos bem porque o colono era caçador. Ele chagava à plantação às sextas-feiras e saía para caçar aos sábados, voltando com um antílope, que entregava aos trabalhadores. Normalmente tínhamos peixe ou camarão para saborear.

Ent: O que fez depois disso, depois de abandonar o seu trabalho devido a desentendimentos com o seu novo patrão?

AM: Fui para casa e dediquei-me à produção de carvão.

Ent: Nessa altura já tinha estabelecido a sua casa na área?

AM: Sim, também já tinha trazido a minha mulher para viver aqui comigo.

Ent: Quando se casou?

AM: Casei-me – por volta de 1948.

Ent: Onde estava a sua mulher quando foi para o Xai Xai e acabou por ser preso e levado para o *xibalo*?

AM: Ela estava comigo – e nós fomos juntos a Xai Xai.

Ent: Ela ficou sozinha em Xai Xai quando você foi levado para o *xibalo*?

AM: Sim, mas ela foi ter comigo depois de eu acabar o meu contrato de *xibalo*.

Ent: Então começou a produzir carvão – fazia isso sozinho ou junto com outras pessoas?

AM: Trabalhava com outras pessoas.

Ent: Vocês trabalhavam juntos como uma “*empresa*”?

AM: Não, quando o colono começou a tornar-se irascível, nós decidimos abandoná-lo e começámos a produção de carvão, mas cada um fazia o seu próprio trabalho. Fizemos isso para arranjarmos dinheiro para alimentação, porque se uma pessoa não tentasse ganhar dinheiro, podia ficar sujeita a passar fome e tornar-se ladrão.

Ent: Quando começou com a produção de carvão, e o carvão era vendido nesse tempo?

AM: Foi durante os anos 60, mas não me lembro do ano exacto.

fazer (sic!). Se as velhas fossem capazes de produzir boas colheitas agora, muitas pessoas haviam de regressar à cooperativa.

Ent: Mas as velhas não têm possibilidade de fazer isso, não é?

AM: Não há outra hipótese (de atrair as pessoas de volta) – elas não hão-de voltar enquanto as velhas não forem capazes de produzir colheitas excedentes.

Ent: Vocês, os chefes da cooperativa, já alguma vez pensaram em formas de atrair as pessoas de volta para a cooperativa?

AM: Já reflectimos sobre este problema, mas não há solução. Ainda há muitos problemas na cooperativa, por exemplo temos ainda o problema do dinheiro que supostamente pedimos emprestado ao banco, e ainda não sabemos nada sobre isso.

Ent: De que se trata?

AM: Nunca pedimos dinheiro emprestado ao banco, e mesmo assim depois da venda do arroz na primeira colheita, eles (os funcionários) puseram de lado algum dinheiro para o pagamento de uma dívida que não conhecemos. É por esta razão que não houve dinheiro suficiente para pagar toda a gente no primeiro ano. Aqueles que ficaram na cooperativa são constantemente recordados de que ainda devemos dinheiro ao banco, e nós não conseguimos compreender isso. Nós só recebemos ajuda uma ou duas vezes quando se usou dinheiro do banco para pagar trabalhadores adicionais de fora da cooperativa para nos ajudar na sacha (!).

Ent: Há um outro problema na vossa cooperativa, que tem a ver com o relacionamento entre homens e mulheres. As velhas estão descontentes porque acham que elas é que têm de fazer todo ou a maior parte do trabalho no campo, enquanto os homens ficam por aí às voltas, sem fazer nada. Qual a sua opinião sobre esta acusação?

AM: Isso é assim porque os homens que estão aqui – e só há alguns – sendo a maioria dos membros da cooperativa mulheres, têm outras tarefas. Por exemplo, eu sou responsável pelas bombas de água, enquanto os “grandes” têm outras tarefas. (Além dos *grandes*) há um outro homem que trabalha com elas – ele é o responsável da mobilização (José Josefa Tembe). Um dos *grandes* é o Secretário (Wilson Chembene), e são estes que viajam e participam em reuniões, etc. Algumas vezes viajam, e outras ficam cá (no armazém) para cuidar de

muitos outros assuntos relacionados com o trabalho da cooperativa.

Ent: Quer dizer que os homens disponíveis na cooperativa não são, em todo o caso, muitos, mas que, mesmo assim, todos eles têm outro trabalho a fazer?

AM: Eles têm trabalho para fazer.

Ent: Isso quer dizer que as mulheres velhas estão enganadas ao acusar os homens de não trabalharem?

AM: Não vejo as coisas dessa maneira, porque todos os homens na cooperativa têm tarefas específicas a realizar.

Ent: E o seu próprio trabalho com a bomba de água, quando começou a trabalhar aqui?

AM: Comecei a fazer este trabalho logo desde o início da cooperativa. Tomo conta da bomba de água e do sistema de irrigação. Durante os últimos cinco anos fazia a irrigação de manhã e cuidava da bomba de água à tarde, mas a minha responsabilidade este ano é apenas cuidar da bomba.

Ent: Como é que as pessoas souberam que você podia trabalhar como operador da bomba?

AM: As pessoas sabiam que eu fazia este trabalho quando trabalhava com os colonos.

Ent: Com quem partilha este trabalho?

AM: Trabalho com Mbhoyisa (Zacarias).

Ent: O Mbhoyisa também aprendeu a trabalhar com bombas de água no tempo dos colonos?

AM: Sim.

Ent: Onde trabalhava ele nessa altura?

AM: Mbhoyisa trabalhava para o agricultor que vivia lá (apontando com um dedo).

Ent: Quem está a fazer o trabalho de irrigação agora?

AM: É o velho Kwalo quem agora faz o trabalho.

Ent: É Sighananda Kwalo?

AM: Sim, o Sighananda é que é agora responsável pelo sistema de irrigação, mas às vezes vou lá para ajudar.

Ent: Quando viemos para a cooperativa na primeira vez, esta bomba funcionava bem, mas mesmo assim a água não chegava aos terrenos de arroz perto da estrada – qual era a razão disso?

AM: Esta bomba não irriga essa parte do campo.

Ent: Há uma outra bomba que cobre essa área?

AM: Sim, há uma outra bomba que cobre essa área.

Ent: Essa bomba é aquela que avariou há algum tempo atrás?

AM: Sim, *a bomba morta*, que já não funciona há algum tempo.

Ent: Como é que você e Mbhoyisa trabalham aqui – trabalham de dia e de noite?

AM: Uma semana trabalhamos de dia, e depois à noite na semana seguinte.

Ent: Fazem isso vocês os dois juntos?

AM: Há outros – quando trabalhamos à noite, Sighananda e um outro homem conhecido como Nchenchenche vêm substituir-nos e trabalham durante o dia, ficando cada um com uma bomba. Normalmente devia haver dois homens a cuidar juntos de uma bomba, mas isso não é possível porque não temos pessoal suficiente para trabalharmos desta maneira.

Ent: Você saiu da cooperativa quando as outras pessoas se foram embora?

AM: Só saí durante um curto período de tempo por motivo doença, mas depois regressei.

Ent: Porque ficou na cooperativa quando os outros se foram embora, considerando que podia ganhar muito mais dinheiro produzindo carvão?

AM: Sim, podia ter ganho mais dinheiro vendendo carvão, mas decidi ficar aqui porque esperava que os que se foram embora poderiam eventualmente voltar, e que juntos poderíamos fazer esta cooperativa funcionar.

Ent: Agora qual acha que vai ser o futuro da cooperativa?

AM: Tudo depende da bomba de água – se a bomba funcionasse bem, teríamos tido uma boa colheita neste ano, desde que toda a machamba fosse cultivada e todos os que saíram tivessem regressado. Contudo, as bombas prejudicaram-nos porque são muito velhas.

Ent: E sobre o problema de schar a machamba?

AM: Quando as bombas funcionam e há uma boa irrigação, a schar torna-se mais fácil porque há um tipo de erva daninha que não sobrevive quando está coberta de água – fica inundada e morre. Mas quando o arroz não é suficientemente irrigado, as ervas daninhas crescem rapidamente e sufocam-no.

Ent: Porque têm uma extensão tão grande de terreno cultivada quando sabem que não conseguem sacha toda a machamba com tão pouca gente?

AM: Foi porque eles vieram cá para cultivar, e disseram-nos que teríamos ajuda na sacha (com trabalhadores de fora). De facto, foi acordado, depois de a maior parte das pessoas ter abandonado a cooperativa, que aqueles que ficaram só iriam cultivar a extensão de terra que conseguissem, mas vieram para aqui algumas pessoas que disseram que só podíamos produzir mais se cultivássemos toda a machamba. Este facto, e a esperança de ter ajuda (para a sacha) do governo foram as razões por que cultivámos toda a machamba.

Ent: Quem, na sua opinião, é o dono da cooperativa – ela pertence aos membros ou ao Estado?

AM: A minha opinião é que a cooperativa era nossa no início, e o Estado só estava lá para dar assistência. Mas agora acho que, embora a cooperativa ainda seja nossa, também pertence ao Estado porque agora dependemos dele para tudo o que precisamos para trabalhar na machamba; e tudo o que o Estado nos dá tem de ser pago.

Ent: Kxanimambo!

4. ZACARIAS MBHOYISA [nascido em 1935]

Cargo: Operador de Bomba de Água

Composição do agregado familiar e situação económica

Entrevistador (Ent.): Quantos anos tem?

Zacarias Mbhoysa (ZM): Não sei – tenho de verificar no meu bilhete de identidade. Aqui está, diz que nasci em 1935.

Ent: Acredita que essa é a sua verdadeira idade?

ZM: Acho que cortaram alguns anos porque os meus pais disseram-me que eu tinha nascido por volta de 1930.

Ent: Você nasceu nesta zona?

ZM: Sim, nasci aqui – nasci em Macassane.

Ent: O que fazia quando era jovem?

ZM: Não fazia nada; não tinha de tomar conta de cabritos ou gado. Quando cheguei à idade certa fui para a escola, mas não aprendi nada porque nesse tempo realmente não gostávamos de ir à escola, e por isso costumávamos faltar às aulas e ir para brincar no mato. Como não estava a render muito na escola, saí e comecei a procurar trabalho junto dos brancos.

Ent: Que classe passou antes de deixar a escola?

ZM: Não passei nenhuma classe.

Ent: Quanto tempo ficou na escola?

ZM: Fiquei três anos na escola sem aprender absolutamente nada.

Ent: Você disse que não se tornou pastor – isso foi porque não havia animais nenhuns em casa?

ZM: Sim, não tínhamos nenhum animal.

Ent: O seu pai não trabalhou nas minas ou no Natal?

ZM: Sim, trabalhou.

Ent: Ele não usou uma parte do dinheiro do salário para comprar gado?

ZM: O meu pai não comprou gado nenhum, mas o gado que havia lá quando eu era garoto morreu, e era o meu irmão mais velho que tomava conta dele.

Ent: Onde o seu pai trabalhava?

ZM: Ele trabalhava num lugar – eh, num lugar perto de Modder East.

Ent: Deve ter sido nas minas na área de Springs.

ZM: Sim, era em Springs; ele trabalhava nas minas.

Ent: E sobre a sua família: quantas mulheres tem?

ZM: Tenho duas mulheres.

Ent: Quantos filhos tem com a sua primeira mulher?

ZM: A minha primeira mulher tem três rapazes e três raparigas, e uma das filhas está casada.

Ent: Os seus filhos são crescidos ou ainda são pequenos?

ZM: Um deles casou-se recentemente.

Ent: O que faz ele?

ZM: Ele agora não trabalha, está em casa.

Ent: Ele esteve empregado antes?

ZM: Sim, ele trabalhou no Natal.

Ent: Qual era o trabalho dele no Natal?

ZM: Não sei, mas ele tinha decidido não voltar mais para lá.

Ent: O faz ele em casa ?

ZM: *Ele não faz nada além da produção de carvão.*

Ent: E os outros dois filhos – o que é que eles fazem?

ZM: Um trabalha em Maputo mas não sei que trabalho ele faz.

Ent: Ele é casado?

ZM: Não, ainda é muito jovem para casar. O terceiro filho é ainda muito pequeno.

Ent: Quantos filhos tem com a segunda mulher ?

ZM: Ela tem quatro rapazes e duas raparigas, mas ainda são pequenos.

Ent: Eles vão para a escola?

ZM: Não, cuidam de gado.

Ent: Qual é o tamanho da sua machamba?

ZM: As minhas machambas são grandes e não são grandes – bem, são grandes porque eu costumava cultivar com uma charrua e bois antes de o meu gado morrer. Agora temos de utilizar enxada, e por isso só podemos cultivar uma machamba pequena.

Ent: Quantos hectares de terra acha que tem?

ZM: Tenho cerca de 2 ha – tive de reduzir o tamanho da minha machamba depois de o meu gado morrer.

Ent: O que produz na machamba?

ZM: Produzo milho.

Ent: Produzia o suficiente para vender no tempo em que usava bois e charrua?

ZM: Não, só produzia o suficiente para o meu consumo.

Ent: Onde ganhou o dinheiro para comprar gado ?

ZM: Comprei-o com o dinheiro ganho em Modder East [mina]. Tinha um tio que possuía gado, e ele persuadiu-me a comprar a primeira vaca da sua própria manada. Ele disse que era uma atitude sábia um homem ter gado para usar na lavoura. Depois, um homem que necessitava desesperadamente de dinheiro vendeu-me uma das suas vacas. Pedi então ao meu tio que tomasse conta das minhas duas vacas, e elas reproduziram-se e aumentaram ao longo dos anos, até eu ser capaz de construir o meu próprio curral. Mas depois começaram a morrer até ficarem apenas umas poucas. Pensando que tinham morrido por serem de um raça fraca, decidi trocá-las por uma raça melhor. Havia um agricultor branco que vivia perto do tanque carracida na estrada para Salamanga, chamado Jacinto. Não, ele chamava-se Vicente, porque Jacinto era seu assistente. Foi possível fazer uma troca com o Vicente, quando ele ia vender o seu gado, e foi isso que fiz. Troquei as minhas vacas pelas que ele estava a vender – uma boa raça que dá muito leite.

Ent: A troca era numa base de uma vaca para uma?

ZM: Sim.

Ent: Quantas cabeças de gado tinha antes de morrerem?

ZM: Só havia poucas; realmente não havia quase nada.

Ent: Quantas eram ?

ZM: Cerca de 5, bem, eh, não mais de 15, e é tudo.

Ent: Quantas tem hoje?

ZM: Hoje não tenho nada; *ainda continuam a morrer. Tenho 10 vacas agora, incluindo vitelos.*

Ent: Quando é que começou a usar charrua?

ZM: Não me lembro do ano em que usei a charrua pela primeira vez, mas não a usei durante muito tempo – deixei de usar charrua quando voltei de Impala Mine porque o meu gado tinha morrido enquanto eu estava fora.

Ent: Produz carvão para vender?

ZM: Sim, faço isso depois do meu trabalho na cooperativa. Tenho tempo de queimar carvão quando a bomba de água na cooperativa está “morta” – isso permite-me arranjar dinheiro para “bichar” (comprar alimentos).

Ent: Faz carvão durante o fim de semana?

ZM: Não há nenhuma altura particular em que produzo carvão, depende de a bomba de água estar a funcionar ou não. Quando a bomba está a funcionar, não tenho tempo para produzir carvão, excepto quando faço o turno da noite, pois, quando estou de dia, trabalho até as seis da tarde.

Ent: Quando é que começou a produzir carvão?

ZM: Comecei a queimar carvão quando deixei de ir para as minas da África do Sul.

Ent: Qual é a quantidade de carvão que produzia num mês antes de entrar na cooperativa?

ZM: Quando a cooperativa foi aberta, eu tinha começado há pouco tempo a produzir carvão, e nessa fazia apenas 20 a 28 sacos por mês – yaa, isso era muito pouco!

Ent: Quanto produz hoje, considerando que só queima carvão quando a bomba de água está “morta”?

ZM: Não produzo nada que se veja. Faço, no máximo, 15 ou 20 sacos, e isso não é nada!

Ent: As suas mulheres também trabalham na produção de carvão?

ZM: Sim, elas também produzem carvão.

Ent: Elas trabalham juntas ou separadas?

ZM: Cada uma faz o seu próprio trabalho.

Ent: Sabe quantos sacos é que cada uma produz por mês?

ZM: Depende – uma pode produzir 5 enquanto a outra faz 8 sacos. Elas conseguem produzir cerca de 20 sacos quando fazer *tsima* – se conseguirem comprar açúcar para fazer bebida – yaa, yaa!

Ent: Há muitas pessoas nesta área que produzem carvão através de *tsima*?

ZM: Sim, há.

História do Trabalho

Ent: Onde arranjou o seu primeiro emprego quando saiu da escola e começou a procurar um trabalho remunerado?

ZM: Comecei a trabalhar na machamba que fica lá para Mughangeni (um terreno contíguo à cooperativa).

Ent: Essa machamba é a mesma onde Albino Mabaso trabalhou?

ZM: Yaa, Mabaso foi para a mesma machamba depois de mim. Eu trabalhei na machamba antes de ficar desenvolvida. Depois saí e trabalhei para um inglês cujo nome esqueci. Ele era um caçador de elefantes, e nós chamávamo-lo *Musanganya Kelela*.

Ent: Diga-me o nome do seu primeiro patrão antes de falarmos sobre o caçador de elefantes.

ZM: Não me lembro do nome.

Ent: Vocês não lhe tinham dado uma alcunha africana?

ZM: Bem, nós simplesmente chamávamos à machamba dele Mughangeni porque estava situada na encosta da montanha.

Ent: O que é que esse agricultor produzia em Mughangeni?

ZM: Produzia milho e abóbora.

Ent: Ele tinha gado?

ZM: Não, não tinha gado nenhum.

Ent: Como é que os campos eram cultivados?

ZM: Usávamos enxada.

Ent: Ele tinha muitos trabalhadores e quem eram eles?

ZM: Havia muitos trabalhadores, incluindo rapazes que tinham fugido da escola como eu. Ele experimentou cultivar arroz mas descobriu que o solo não era adequado para o cultivo de arroz; o arroz germinava mas não desenvolvia, por isso ele abandonou a experiência.

Ent: Como é que ele paga aos rapazes que trabalhavam lá?

ZM: A maior parte dos trabalhadores eram rapazes que ganhavam muito pouco; recebíamos 15\$00 por mês.

Ent: Você recebia 15\$00 por mês, é isso?

ZM: Sim, 15\$00 por mês.

Ent: Esse agricultor tinha alguns trabalhadores do xibalo?

ZM: Não. Ele não usava trabalhadores do *xibalo*.

Ent: Albino Mabaso esteve no *xibalo*, você trabalhou lá antes de ele chegar?

ZM: Sim, eu estive lá antes de ele vir para a machamba, e nessa altura o primeiro proprietário tinha-se ido embora, e agora estavam a usar tractores.

Ent: Depois de trabalhar em Mughangeni arranhou então trabalho no Musanganya, o caçador de elefantes.

ZM: Sim.

Ent: A caça aos elefantes era a única ocupação de Musanganya, ou ele tinha outros negócios?

ZM: Esse era o trabalho dele.

Ent: O que é que você fazia lá?

ZM: Construíamos palhotas; cortávamos capim e estacas e construíamos barracas.

Ent: Para que é que serviam essas palhotas?

ZM: Eram usadas como alojamento para pessoas que estavam a caminho da África do Sul à procura de trabalho.

Ent: Musanganya trabalhava como recrutador para as minas da África do Sul?

ZM: Sim.

Ent: O que é que ele fazia com os elefantes que caçava?

ZM: Ele vendia tusks [dentes de marfim].

Ent: Você ajudava-o a caçar elefantes?

ZM: Nós não estávamos envolvidos na caça aos elefantes.

Ent: Quem trabalhava com ele nisto?

ZM: Não sei.

Ent: Mas havia pessoas que o ajudavam?

ZM: Sim, havia algumas pessoas que o ajudavam.

Ent: Eram negros?

ZM: Sim, eram.

Ent: Quanto é que ele vos pagava?

ZM: Nós ganhávamos cinco xelins – 25\$00 – por mês.

Ent: Você trabalhou lá muito tempo?

ZM: Só fiquei lá 4 meses.

Ent: Para onde foi depois disso?

ZM: Fui para Mtlokoloti, em Mapulanguene.

Ent: Mapulanguene na província de Gaza?

ZM: Não, em Kuyindane, a caminho do Umbelúzi. Há lá um lugar chamado Mtlokoloti, onde havia uma serração onde cortavam chanfuta para fazer madeira [*mapulango*, do afrikaans *plank*–tábua]

Ent: Então é por isso que o lugar se chamava Mapulanguene.

ZM: Sim.

Ent: O dono da serração era Mtlokoloti?

ZM: Sim, era um português.

Ent: Quanto é que ganhavam na serração?

ZM: Ganhávamos 50\$00 por mês.

Ent: Quanto tempo trabalhou lá?

ZM: Fiquei lá muito tempo – pelo menos 1 ano.

Ent: O Mtlokoloti tinha muitos trabalhadores?

ZM: Havia muitos: um grupo operava as máquinas enquanto um outro andava a cortar as árvores de chanfuta.

Ent: Ele tinha trabalhadores em regime de *xibalo*?

ZM: Não, ele usava apenas trabalhadores assalariados (como os trabalhadores que faziam trabalho forçado recebiam um vencimento, Mbhoysa não se refere a eles como trabalhadores de *xibalo*).

Ent: Para onde foi depois de sair do Mtlokoloti?

ZM: Quando saí de Mtlokoloti fui para o Natal.

Ent: Lembra-se do ano em que foi para o Natal?

ZM: Foi em 1948.

Ent: Como é que foi para o Natal?

ZM: Viajei a pé, e não fui através de nenhuma agência de recrutamento.

Ent: Viajou sozinho ou com outras pessoas?

ZM: Fui com uma outra pessoa que conhecia o caminho.

Ent: Por onde foram depois de sair de casa?

ZM: Depois de sairmos de casa, viajámos para Sangwini, onde apanhámos um machimbombo que nos levou a Mkuzi, e dali apanhámos o comboio para Empangeni.

Ent: Passaram pelo território de Ngwanazi?

ZM: Sim, passámos por Ngwanazi.

Ent: O que é que aconteceu na fronteira, mandaram-vos parar e fizeram perguntas?

ZM: Não, não fizeram isso porque nesse tempo não faziam perguntas. Não havia nenhum problema quando se chegava a Sangwini, porque esse era o país dos ingleses, e não havia problemas nenhuns lá.

Ent: Como é que conseguiram arranjar autorização para trabalhar, ou isso não era exigido?

ZM: Arranjámos emprego nas plantações de açúcar fora das cidades,

onde não era necessária uma autorização para trabalhar. Só precisávamos de documentos quando saíamos para fazer compras, e estes podiam conseguir-se assim que estivessemos estabelecidos no nosso trabalho.

Ent: Eles passavam-vos então documentos sul-africanos?

ZM: Sim.

Ent: Perguntavam-vos o local de nascimento antes de vos passarem documentos sul-africanos?

ZM: Sim, queriam saber onde é que a pessoa tinha nascido.

Ent: O que é que vocês diziam?

ZM: Nós arranjávamos documentos de Ngwanazi quando atravessávamos a fronteira.

Ent: Qual foi o seu primeiro trabalho no Natal?

ZM: Eu andava com um tractor, do tipo que tinha rodas de ferro.

Ent: Você conduzia o tractor?

ZM: Eu era motorista, mas depois de algum tempo fui transferido para um camião que transportava cana-de-açúcar para a estação dos caminhos de ferro, onde era carregada em comboios para a fábrica.

Ent: Quanto tempo ficou neste emprego?

ZM: Trabalhei lá um ano, a ganhar uma libra (esterlina) por mês. Como não estava satisfeito com o vencimento, fiz um pedido de transferência para a estação de caminhos de ferro, onde a cana de açúcar era transportada em comboios, porque o pagamento aqui era de duas libras por mês. Quando o meu pedido foi rejeitado, eu insisti e disse ao branco que queria sair e trabalhar onde podia receber mais dinheiro, e finalmente ele concordou.

Ent: Quanto tempo trabalhou na estação do caminho de ferro?

ZM: Trabalhei lá um ano e depois voltei para casa.

Ent: Quanto tempo ficou em casa?

ZM: Só fiquei algum tempo, antes de voltar para o Natal.

Ent: Tinha-se já casado quando foi para o Natal pela primeira vez?

ZM: Não, ainda não me tinha casado.

Ent: Casou-se durante o pouco tempo em que esteve em casa?

ZM: Não, não me casei.

Ent: Onde é que arranjou o trabalho desta vez?

ZM: Voltei para o mesmo lugar e arranjei trabalho no Ngwenya, a fazer entrega de roupa em lojas diferentes – distribuíamos tudo o que as lojas precisavam.

Ent: O Ngwenya era o mesmo patrão para quem você trabalhou na primeira vez?

ZM: Não, não. Não voltei para as machambas, fui para uma empresa.

Ent: Porque é que o patrão se chamava Ngwenya (crocodilo)?

ZM: O seu nome verdadeiro era D. C. Mark, mas Ngwenya era a alcunha dada pelos trabalhadores.

Ent: Quanto tempo trabalhou para o Ngwenya?

ZM: Trabalhei um ano, ganhando 2 libras e 10 xelins por mês.

Ent: Onde é que ficava a empresa do Nwenya?

ZM: Era em Empangeni.

Ent: Para onde foi depois de deixar o Ngwenya?

ZM: Voltei para a machamba.

Ent: A mesma plantação onde tinha trabalhado?

ZM: Sim, mas desta vez trabalhei menos de um ano porque, quando estava na plantação, ouvi dizer que havia oportunidades de emprego no departamento de estradas. Fui contratado para acompanhar um branco que conduzia uma niveladora, na construção de estradas e ruas. Mais tarde fui transferido para uma outra secção, onde trabalhava com uma escavadora.

Ent: Quando você saiu do Ngwenya e voltou para a plantação, foi de novo para o anterior trabalho, de carregar cana de açúcar na estação dos caminhos de ferro?

ZM: Sim, e recebia duas libras por mês.

Ent: Qual era o seu vencimento no Departamento de Estradas?

ZM: Recebia quatro libras por mês.

Ent: Quanto tempo trabalhou lá?

ZM: Trabalhei muito tempo – fiquei lá três anos.

Ent: Trabalhou três anos antes de ter férias e voltar para casa?

ZM: Sim, três anos antes de voltar para casa.

Ent: O que é que fazia quando estava em casa?

ZM: Não fazia nada a não ser descansar e começar a procurar uma rapariga para casar.

Ent: Você finalmente casou ou apenas encontrou uma rapariga e depois partiu para o Natal mais uma vez?

ZM: Não me casei – encontrei a minha futura mulher, e depois de chegarmos a acordo de que íamos casar, voltei para o Natal, tendo depois enviado o dinheiro do lobolo para casa. Mais tarde voltei para me casar.

Ent: Onde trabalhou quando voltou desta vez para o Natal?

ZM: Voltei para o Departamento de Estradas.

Ent: Eles aceitaram-no de volta pelo mesmo salário de quatro libras por mês?

ZM: O meu salário agora era de cinco libras por mês, porque depois da transferência para a secção de escavação, eu podia fazer horas extraordinárias, trabalhando aos sábados.

Ent: Você conduzia a máquina escavadora?

ZM: Não, era apenas um assistente do branco, para garantir que ele tivesse à mão qualquer coisa de que precisasse, por exemplo uma ferramenta ou algo do género. Era minha tarefa verificar sempre se o tractor estava em boas condições, enquanto o branco apenas conduzia e nada mais.

Ent: Foi nesta altura que começou a aprender a trabalhar com máquinas?

ZM: Sim.

Ent: Quanto ficou no seu trabalho desta vez?

ZM: Trabalhei durante um ano apenas, porque fui forçado a regressar para casa por motivo de doença.

Ent: Foi desta vez que se casou?

ZM: Sim, casei-me e comecei a construir a minha casa.

Ent: Vivias com os seus pais até esta altura?

ZM: Sim, mas continuei a viver com os meus pais mesmo depois do meu casamento; os meus pais viveram comigo até morrer.

Ent: O que é que fez depois do seu casamento?

ZM: Não fiz nada – cultivei as minhas machambas.

Ent: Não tornou a ir para o Natal?

ZM: Não, não voltei ao Natal.

Ent: Recorda-se do ano em que voltou do Natal para casa definitivamente?

ZM: Deve ter sido ... 1951; 1952; 1953; estive em Joanesburgo durante estes anos depois de sair do Natal. Depois de regressar do Natal fiquei em casa por algum tempo, e depois fui para Joanesburgo, mas não regressei ao Natal.

Ent: Quando é que foi para Joanesburgo?

ZM: Não me lembro do ano.

Ent: Como é que viajou para Joanesburgo?

ZM: Fui via Natal, de onde apanhei um comboio para Joanesburgo. Arranjei trabalho nas minas – um trabalho na superfície (numa equipa de) de *Feeders*.

Ent: Qual era o nome da mina?

ZM: Foi em Modder East.

Ent: Quanto tempo trabalhou em Modder East?

ZM: Fiquei aqui durante muito tempo – três anos.

Ent: Três anos sem regressar a casa de férias?

ZM: Sim.

Ent: Qual era o seu salário?

ZM: Não havia dinheiro. Inicialmente eu ganhava duas libras e dez xelins, mas o meu salário subiu para três libras por mês quando fui promovido a “*Bossboy*”*, tendo também recebido formação em *Primeiros Socorros*.

Ent: Quanto tempo ficou de férias em casa, depois de três anos de trabalho nas minas?

ZM: Estive em casa apenas para um curto descanso, antes de regressar para o meu trabalho.

Ent: Regressou para o mesmo *compound***?

ZM: Sim, voltei para o mesmo trabalho.

Ent: Quanto tempo trabalhou lá desta vez?

ZM: Estive lá dois anos, antes de regressar para casa, mas voltei novamente para as minas após um curto descanso.

Ent: Foi para o mesmo *compound* pela terceira vez?

ZM: Não, desta vez fui para uma mina diferente – empreguei-me na Premier Mine – a mina de diamantes.

Ent: Em Kimberley?

ZM: Sim, mas não propriamente em Kimberley, era uma mina mais pequena – não me lembro do nome... sim, em “*Kalina*”.

Ent: Aha, foi talvez Cullinan, perto de Pretória?

ZM: Sim, era em Pretória.

Ent: O trabalho aqui era diferente do das outras minas onde tinha trabalhado antes?

* N.T. – *Bossboy* – espécie de capataz, nas minas

** N.T. – *Compound* – acampamento para mineiros.

ZM: Não, não havia diferença.

Ent: Qual é que era o seu trabalho?

ZM: Eu trabalhava na superfície, nos *Riggers*. Aqui nós recebíamos o salário quinzenalmente: numa semana pagavam aos que trabalhavam no subsolo, e na semana seguinte aos trabalhadores da superfície. Fiquei aqui um ano e meio, e depois voltei para casa. Mais tarde voltei novamente para Cullinan antes de voltar de novo para (outro tipo de) as minas, e desta vez entrei para a Impala Mine no Botswana (África do Sul) – a estação onde nós desembarcamos do comboio chama-se Rustenburg, e da estação de comboio viajamos de autocarro para a mina.

Ent: Que espécie de mina era a Impala?

ZM: Não era uma mina de carvão, mas uma mina de “dinheiro” (mina de platina). Aqui cumpri um contrato de 18 meses, trabalhando no subsolo, nos *Riggers*, antes de regressar definitivamente para casa.

História da Cooperativa: Mobilização, Recrutamento e Relacionamento com as Estruturas do Governo

Ent: Quando é que ouviu falar pela primeira vez da criação da cooperativa?

ZM: Fomos chamados para uma reunião na zona de Filipe, em Nhlampfuteni. Nessa reunião, disseram-nos que era necessário encontrar uma forma de se reabilitar a machamba que tinha sido abandonada pelo seu proprietário colono, e que devíamos vir, em conjunto, iniciar o cultivo desta machamba: estavam a oferecer-nos a machamba para cultivar. Todos nós aceitámos a ideia – todos concordámos que a machamba tinha de ser recuperada. Perguntámos quando é que nos devíamos encontrar para começar o trabalho, e fixou-se imediatamente a data de início. Foram eles (o administrador e outras estruturas) que tomaram a decisão. Consequentemente, reunimo-nos todos aqui na machamba no dia indicado, e foram-nos dadas instruções sobre a forma como o trabalho seria organizado. Eles colocaram a seguinte questão, que eles próprios responderam: “...Quais eram os problemas que nós enfrentávamos, que poderiam ser resolvidos com a criação de uma cooperativa? Havia o problema da fome, da falta de vestuário e outros problemas” – responderam.

Todos estes problemas podiam ser resolvidos quando todos nós entrássemos na cooperativa; eles disseram-nos que a cooperativa iria prover a todas as nossas necessidades, realçando que a produção não iria depender da chuva, visto que havia motobombas deixadas pelo colono; não haveria necessidade de comprar novas motobombas – estava tudo lá. Todos nós concordámos, e fomos então organizados em grupos com tarefas para indivíduos e grupos diferentes.

Ficámos todos satisfeitos porque disseram-nos que, ao entrarmos na cooperativa, poderíamos recuperar a nossa dignidade e ter roupa e sapatos, e nunca mais andaríamos descalços. Nós pensamos, “*yaa, swa hombe*” [sim, isso é ótimo!]. Nós entrámos para a cooperativa, tendo-se formado grupos a quem foram dadas tarefas para realizar. Realçou-se que nós íamos trabalhar na cooperativa numa base colectiva, o que significava que o nós produzíssemos na machamba pertenceria a todos e não a cada um individualmente – ao contrário do que acontece quando cada um trabalha na sua própria machamba, onde os produtos são colhidos e lavados para casa, para consumo próprio.

Começámos a cultivar a machamba, e da primeira vez tudo correu bem – conseguimos boas colheitas no primeiro ano. Contudo, as coisas começaram a correr mal depois da primeira colheita, porque as pessoas não receberam a sua parte. Algumas pessoas conseguiram receber montantes que variavam entre 400\$00 e 500\$00, mas as restantes pessoas, mesmo aquelas que foram as primeiras a começar a trabalhar aqui, não tiveram nada.

Ent: Você não ganhou nada?

ZM: Não ganhei nada; mesmo o próprio *Responsável* não recebeu.

Ent: Quem é o responsável de quem está a falar?

ZM: Refiro-me a Bodlela (Amosse Tembe) – ele não recebeu nada.

Ent: Entrou para cooperativa com a sua esposa ?

ZM: Sim. As minhas duas esposas entraram para a cooperativa.

Ent: Elas receberam a sua parte?

ZM: Não receberam nada.

Ent: Elas estão ainda na cooperativa?

ZM: Já cá não estão – retiraram-se devido a este problema.

Ent: Na sua opinião, por que razão as coisas correram mal depois da primeira boa colheita?

ZM: Na minha opinião – bem, não sei dizer. Não sei dizer porque o problema não começou dentro da cooperativa. Depois da colheita, o arroz foi enviado à fábrica, mas depois disso não sabemos o que é que aconteceu – bem, ninguém nos disse nada. Nunca nos disseram o que é que fizeram lá depois de o arroz ser vendido – eles esconderam essa informação de nós. Nunca nos disseram que quantidade de arroz foi vendida e por quanto; apenas informaram-nos de que iríamos receber o nosso pagamento, mas então apenas algumas pessoas foram pagas, antes de o dinheiro acabar. Quando se aperceberam de que não havia dinheiro suficiente para todos, eles suspenderam o pagamento, recolheram todo o dinheiro que tinha restado na mesa e prepararam-se para partir. Quando insistimos e exigimos que nos dissessem quanto dinheiro estavam a levar, eles disseram-nos que só havia 3.000\$00 na caixa, e que então usariam o resto do dinheiro para comprar gado para abater, a fim de angariar dinheiro suficiente para distribuir por aqueles que ainda não tinham recebido a sua parte. Solicitaram-nos depois que os ajudássemos a negociar a aquisição de gado na comunidade.

Contudo, embora tenhamos concordado em ajudá-los a encontrar gado, não voltaram para nos informar sobre o resultado. O gado era comprado e a carne vendida, mas parecia que não havia muito lucro – em todo o caso, nunca éramos informados sobre o que se estava a acontecer.

Ent: Quem eram os chefes da cooperativa nessa altura?

ZM: Era o Bodlela (Amosse Tembe), o Kapati (Timóteo) Manganyela e o Nyamanyathi (Manzine). O Nyamanyathi também instruía o pessoal sobre como trabalhar.

Ent: Ele fazia o trabalho de mobilização que era da responsabilidade de José Tembe?

ZM: Sim, mm!

Ent: Quem era o chefe entre os três homens?

ZM: Era o Manganyela.

Ent: E quem era o número 2?

ZM: Era o Bodlela.

Ent: O Nyamanyathi era o número 3?

ZM: Sim, mm!

Ent: Como é que eles trabalhavam – colaboravam uns com os outros?

ZM: Eles colaboravam – bem, se isso não acontecia - eu não posso

dizer. As pessoas sorriam sempre umas para outras, mas isso podia esconder algum conflito. Muitas pessoas podiam achar que havia unidade entre os três chefes, mas nunca podiam afirmá-lo!

Ent: As mulheres são abertas sobre o que pensam acerca da liderança da cooperativa, mas qual é a ideia do resto dos membros?

ZM: Sim, *as mulheres falam sempre*, mas não sei o que é que elas dizem a este respeito porque não estou próximo delas (trabalho separado).

Ent: Nunca ouviu algumas das canções que as mulheres compuseram contra o Manganyela? Nunca ouviu as canções que as mulheres cantam abertamente quando trabalham?

ZM: *Nunca prestei atenção às canções* (sic!)

Ent: Qual foi a sua reacção quando as pessoas começaram a abandonar a cooperativa?

ZM: Não fizemos nada a esse respeito; continuámos com o trabalho, para pôr as coisas a andar. O trabalho era demasiado duro para nós os três, mas tentámos pôr as coisas a funcionar. Fomos à Loja do Povo e discutimos com as pessoas lá para ver se aceitavam enviar-nos alguns géneros alimentícios para vender aos membros da cooperativa. Tínhamos a certeza de que os que haviam partido voltariam a associar-se se percebessem que havia produtos alimentares disponíveis na cooperativa. As pessoas na Loja do Povo aceitaram e começaram a enviar-nos produtos alimentares, que eram vendidos aos membros depois do trabalho. Estabelecemos uma regra de que, para uma pessoa comprar produtos, primeiro teria que ir trabalhar. Como resultado, as pessoas da comunidade que não eram membros da cooperativa vinham pedir permissão para comprar produtos, mas nós dizíamos-lhes que só os podíamos ajudar se eles também nos ajudassem: eles teriam que ir fazer o trabalho de um dia no campo antes de poderem comprar alguma coisa, e muitas pessoas aceitavam esta condição.

Ent: Durante quanto tempo é que vocês conseguiram receber e vender alimentos para os membros e para outras pessoas que vinham ajudar?

ZM: Isso durou alguns meses.

Ent: Porque é que o fornecimento de produtos foi mais tarde interrompido?

ZM: Isso aconteceu quando houve falha no pagamento da dívida à Loja

do Povo, proveniente da venda de barras de sabão. Não houve nenhum problema com o dinheiro da venda de géneros alimentícios, pois este foi devidamente pago à Loja do Povo. Encomendámos e recebemos mais sabão da Loja do Povo, *mas não foi vendido de maneira correcta*. Descobriu-se que as pessoas que eram antes responsáveis pela venda do sabão tinham sido substituídas por muitas outras, estando a situação a tornar-se mais confusa, uma vez que os grupos do pessoal de vendas empurravam-se uns aos outros para se meterem na confusão.

Ent: Vocês escolheram as pessoas responsáveis pela venda dos produtos da Loja do Povo?

ZM: Não escolhemos ninguém para fazer este trabalho. Nyamanyathi e eu recolhíamos e vendíamos os produtos, devolvendo os lucros da venda à Loja do Povo.

Ent: Isso significa que Nyamanyathi e você eram responsáveis pela recolha e venda dos produtos alimentares; quem é que trabalhava convosco nisto?

ZM: Não havia mais ninguém.

Ent: A Lucinda Mpfumo (Secretária da OMM) não trabalhava convosco?

ZM: Não, nessa altura ela não estava envolvida.

Ent: Quem eram as outras pessoas que estavam envolvidas na venda de produtos alimentares quando essa actividade se tornou “livre para todos”?

ZM: Era o Josefa (Tembe).

Ent: Ele participava na venda?

ZM: Sim, mas ele estava apenas na venda de sabão.

Ent: Então o Josefa veio juntar-se a si e ao Nyamanyathi como “comerciante”, não é?

ZM: Não, eu já não vendia quando o Josefa veio, eu estava fora disso nessa altura.

Ent: Então, quem fazia as vendas com o Josefa?

ZM: Era o secretário.

Ent: Quem era o secretário?

ZM: Era o Wilson (Chembene)

Ent: Quem mais estava envolvido?

ZM: Não sei se havia outras pessoas além das que mencionei.

Ent: E Nyamanyathi, ele estava ainda envolvido na venda de produtos alimentares?

ZM: Bem, ele participava algumas vezes quando acontecia estar por perto, porque muitas vezes estava ausente, participando em reuniões em Maputo. Eu fazia todas as vendas sozinho quando ele estava ausente, e depois entregava-lhe o dinheiro no seu regresso.

Ent: Porque é que nessa altura você deixou de vender os produtos alimentares, uma vez que você e o Nyamanyathi tinham assumido a responsabilidade deste trabalho desde o início?

ZM: Eu tive que deixar nessa altura porque tinha de ir construir uma casa nova, uma vez que tinha decidido transferir parte da minha família para se estabelecer perto da cooperativa. Tinha-se tornado demasiado difícil percorrer aquela longa distância para a minha casa, especialmente quando fazia o turno da noite, mas deixei a minha primeira mulher a viver na casa antiga.

Ent: Solicitou e conseguiu ter uma dispensa na cooperativa para ir construir a sua casa?

ZM: Yaa.

Ent: Só trouxe uma das suas mulheres para a nova casa, e o seu gado?

ZM: Deixei-o na outra casa.

Ent: Foi então nesta altura que Josefa Tembe e o Wilson Chembene assumiram o controlo da venda de produtos alimentares na cooperativa?

ZM: Sim.

Ent: Ouvimos dizer que os “lucros” da venda de sabão nunca foram entregues à Loja do Povo; quem era o responsável por este dinheiro entre vocês os quatro, nomeadamente, Nyamanyathi Manzine, Josefa Tembe, Wilson Chembene e você?

ZM: Refere-se ao dinheiro feito com a venda do sabão?

Ent: Sim.

ZM: Não sei nada acerca desse dinheiro; contudo, o que eu sei é que o dinheiro estava à guarda de Nyamanyathi porque tinham-lhe pedido para guardar o dinheiro até ser entregue à Loja do Povo. Nyamanyathi e Bodlela foram, numa ocasião, falar com as pessoas na Loja do Povo a fim de liquidarem a conta, mas eu não sei se isso realmente foi feito.

Ent: Você retomou a venda de produtos alimentares depois de construir a sua casa?

ZM: Já não havia mais produtos para vender nessa altura.

Ent: O fornecimento de produtos tinha sido interrompido pela Loja do Povo nessa altura?

ZM: Sim, tinha sido suspenso.

Ent: Você retomou então o seu trabalho na bomba de água?

ZM: Sim.

Ent: Na tentativa de salvar a cooperativa do colapso total, houve três homens que tomaram a iniciativa, nomeadamente Bodlela, Nyamanyathi e você: quem era o chefe do grupo?

ZM: O chefe?

Ent: Sim, o chefe.

ZM: Era o Bodlela, seguido por Nyamanyathi.

Ent: Não pensou em abandonar a cooperativa quando muitas pessoas a abandonaram?

ZM: Não, não pensei nessa hipótese.

Ent: Porque é que você ficou quando a maior parte das pessoas saiu?

ZM: Eu decidi ficar porque achei que nessa altura tinha então perdido muito tempo no projecto à custa do meu próprio trabalho em casa. Decidi continuar e ver o que aconteceria mais tarde. Nós continuámos a trabalhar aqui porque pensávamos que, no fim, podíamos ser capazes de fazer disto um empreendimento lucrativo. Continuámos a trabalhar aqui e clamámos por apoio e, finalmente, os “grandes” lá (Administração) ouviram-nos e solicitaram ajuda ao governo (central). O que nós queríamos é que o governo nos ajudasse com um empréstimo para nos permitir contratar trabalhadores de fora, para nos ajudarem no trabalho, especialmente na sacha. Nós estávamos determinados a continuar o trabalho até que as autoridades nos mandassem parar.

Ent: Como é que vê o futuro – acredita que a cooperativa irá sobreviver aos problemas por que está a passar?

ZM: Não tenho receio – não tenho medo do futuro da cooperativa porque acho que ela sobreviverá. O meu único medo são as bombas de água – se as bombas de água avariarem completamente, então tudo correrá mal na cooperativa. Enquanto as bombas funcionarem, a cooperativa sobreviverá, a menos que, naturalmente, o governo decida tomá-la por considerar que nós não conseguimos desenvolvê-la.

Ent: Já que agora esta parece ser uma *cooperativa de mulheres velhas*, como é que acha que vão conseguir atrair pessoas, especialmente jovens, para se juntarem à cooperativa a fim de garantir o seu futuro?

ZM: As pessoas voltarão aqui se houver alimentos para elas; as pessoas voltarão atrás se tiverem a certeza de que serão pagas; estas são as principais condições que irão garantir o futuro da cooperativa. Muitas pessoas voltaram quando a Loja do Povo fornecia comida para lhes vendermos.

Ent: Qual seria a base da distribuição do dinheiro na cooperativa, conforme vos foi explicado durante a primeira reunião em Nhlapfuteni?

ZM: Disseram-nos que depois das colheitas íamos pôr de lado uma certa quantidade de arroz para o nosso consumo e outra quantidade para semente. O resto do arroz seria então vendido, sendo o dinheiro distribuído entre os membros.

Ent: Não ficou claro que vocês só iriam receber pagamento em dinheiro se houvesse um excedente nas colheitas?

ZM: De onde viria o dinheiro sem uma boa colheita?

Ent: Acha que toda a gente percebeu a explicação desta maneira?

ZM: Todos sabem disso.

Ent: Acha que é possível que algumas pessoas tenham entendido que, ao entrar na cooperativa, receberiam um pagamento anual ou mensal independentemente da quantidade da colheita?

ZM: Não, não acho, porque a explicação foi muito clara. Nós não trabalhamos para um patrão na cooperativa, e se não fizermos nenhum lucro não haverá nada para distribuir!

Ent: Ontem, na reunião geral discutiu-se, entre outros assuntos, as fracas colheitas conseguidas no segundo ano. Quando vos pediram para explicar o que tinha acontecido a uma parte do arroz colhido nesse ano vocês ficaram confusos. Como tiveram tempo de pensar maduramente sobre a questão, podem dizer-nos agora o que aconteceu de facto ao arroz?

ZM: Sim, eu estava confuso – não me lembrava do que tinha acontecido a esse arroz, e mesmo agora não me lembro.

Ent: Ontem foi discutido se nesse ano se tinha produzido arroz branco ou castanho; a cooperativa produziu os dois tipos de arroz, o branco e o castanho?

ZM: Nós produzimos os dois tipos, o branco e o castanho.

Ent: Quantos sacos de arroz branco é que vocês produziram?

ZM: Acho que apanhámos seis sacos.

Ent: Acha que produziram seis sacos, e quantos sacos de arroz castanho?

ZM: Aqui é onde estou confuso – não me lembro de quantos sacos de arroz castanho é que produzimos, mas decidiu-se que o arroz castanho fosse guardado para semente.

Ent: Isso é porque acreditavam que o arroz castanho é de melhor qualidade que o arroz branco?

ZM: Sim.

Ent: O que é que aconteceu com o arroz branco, distribuíram-no entre vocês?

ZM: Aqui é que estou novamente confuso porque não me lembro se o arroz branco foi vendido ou não. Eu sei que foi distribuído algum arroz, mas não me lembro de que tipo.

Ent: Nesse ano foi distribuído algum arroz, não foi?

ZM: Sim, foi distribuído.

Ent: Como é que foi distribuído, que quantidade é que cada membro recebeu?

ZM: Cada membro recebeu uma lata cheia.

Ent: Cada um de vocês que ficaram na cooperativa recebeu uma lata cheia de arroz?

ZM: Sim.

Ent: Parece-me que se cada um de vocês tivesse recebido uma lata cheia não teria restado nenhum arroz dos seis sacos para vender – concorda?

ZM: Não se vendeu nenhum arroz branco.

Ent: Então foi todo distribuído.

ZM: Sim.

Ent: Ouvimos dizer que houve algum conflito relativamente à distribuição desse arroz, o que é que aconteceu?

ZM: Sim, houve algum conflito; houve problemas, mas apenas em relação ao arroz que foi vendido, e esse era o arroz que tinha sido posto de parte para semente. Contudo, não posso dar um quadro completo do que aconteceu porque não me lembro bem. Parece que se verificou que o arroz que tinha sido reservado para semente (por causa da sua boa

qualidade) *afinal não era de tão boa qualidade, por não ter recebido água suficiente na fase de crescimento*. Consequentemente, a semente tinha que ser comprada na Machamba Estatal, do outro lado do rio, quando chegasse a altura de semear.

Ent: Então a cooperativa teve de procurar semente noutro lado para a época agrícola seguinte?

ZM: Sim, porque descobriu-se que o nosso próprio arroz não era, afinal, adequado para ser usado como semente. O conflito gerou-se quando parte do arroz castanho foi vendido e o resto foi distribuído entre nós; as pessoas queriam saber quantos sacos de arroz é que foram vendidos, mas não houve uma resposta clara sobre essa questão.

Ent: Lembra-se de quantos sacos é que foram vendidos?

ZM: Não, não me lembro

Ent: Lembra-se de quantos sacos é que foram distribuídos?

ZM: Não, não me lembro.

Ent: Mas esta questão era o centro da disputa e já não se lembra?

ZM: Sim, esta era a causa do conflito. Pensou-se que um saco de 50 Kg de arroz podia conter 6 latas de arroz, mas eu argumentei que um saco de 50 Kg de arroz tinha menos que 6 latas, e foi o que se verificou.

Ent: As pessoas suspeitavam de que algum arroz tinha sido roubado dos sacos?

ZM: Creio que não.

Ent: Então porque é que as pessoas reclamaram?

ZM: É isso que me fez confusão; não compreendo realmente porque é que as pessoas reclamaram.

Ent: Então, quantas latas é que continha um saco de 50 kg de arroz?

ZM: Não sabemos porque na altura em que as reclamações foram feitas todos os sacos tinham sido esvaziados.

Ent: As reclamações eram dirigidas directamente contra si e os outros dois chefes?

ZM: Sim, as reclamações eram dirigidas contra nós.

Ent: Qual foi a vossa resposta?

ZM: Não podíamos dizer nada; o que é que se podia dizer? Tudo o que nós dissemos foi que um saco de 50 Kg de arroz continha menos de seis latas de arroz, e o assunto acabou aí!

Ent: Quantos sacos de semente de arroz receberam da Machamba Estatal ?

ZM: Recebemos 40 sacos.

Ent: Pagaram pelo arroz ?

ZM: Não pagámos porque o acordo era que nós devíamos devolver a mesma quantidade à Machamba Estatal na colheita seguinte.

Ent: Este compromisso foi honrado na campanha seguinte?

ZM: Não, embora tivéssemos posto o arroz de lado para devolver à Machamba Estatal; mantivemos o arroz na cooperativa porque havia muita fome. Discutimos o assunto com o camarada Massinga⁷ (*Responsável dos Serviços Agrícolas*), a quem explicámos a razão por que não podíamos restituir o arroz que pedimos emprestado à Machamba Estatal, mas ele insistiu que devíamos honrar nosso compromisso por completo, porque as pessoas na Machamba Estatal estavam à espera do arroz. Então discutimos o problema com o camarada Sando (funcionário do GODCA) quando ele nos veio visitar, e informámo-lo da posição tomada pelo camarada Massinga. Garantimos-lhe que estávamos preparados para honrar o nosso compromisso com a Machamba Estatal, mas queríamos saber se nos permitia devolver o arroz mais tarde, porque não tínhamos nada para comer nessa altura. Sugerimos que talvez pudéssemos devolver apenas parte do arroz que devemos, para podermos distribuir o resto pelos membros. O camarada Sando analisou o nosso dilema, e disse que era impensável que as pessoas morressem à fome havendo alimentos disponíveis, simplesmente porque devíamos devolver o arroz emprestado à Machamba Estatal. Ele disse: "...não há nenhum problema real uma vez que, como vocês continuam a trabalhar na cooperativa, serão capazes de devolver o arroz que vocês devem à Machamba Estatal no futuro; eu tenho a certeza de que vocês pagarão"! Ele disse que nós devíamos continuar e distribuir o arroz aos membros. Em face desta decisão, o camarada Massinga sugeriu então que nós distribuíssemos apenas uma lata de arroz por cada membro, para que, caso restasse arroz, este fosse devolvido à Machamba Estatal ou vendido à fábrica em Matutuine, mas o camarada Sando discordou: "...todo este

⁷ Camarada Massinga: Chefe dos Serviços de Extensão Agrícola, Ministério da Agricultura

arroz deve ser distribuído porque este povo tem famílias numerosas e uma lata não seria suficiente. Cada pessoa deve receber três ou mesmo quatro latas de arroz porque as pessoas que ficaram e trabalharam na cooperativa sofreram para a manter em funcionamento”. E foi isso que finalmente se fez.

Ent: Isso significa que até aqui o arroz da Machamba Estatal ainda não foi devolvido?

ZM: Não foi devolvido, mas nós fá-lo-emos logo que conseguirmos uma boa colheita.

Ent: Gostaria de fazer mais uma pergunta: tendo agora deixado a cooperativa, as suas duas mulheres voltarão a reintegrar-se?

ZM: Elas não voltarão juntar-se à cooperativa; elas não voltarão atrás.

Ent: É esse o desejo delas, de não voltar à cooperativa?

ZM: Porque é que elas deviam voltar quando não há nada por que trabalhar; elas não voltarão.

Ent: Você fez algum acordo com elas para permanecerem em casa enquanto você continua a trabalhar na cooperativa – a decisão de se retirar foi delas próprias?

ZM: Elas decidiram sozinhas não continuar na cooperativa.

Ent: Você gostaria que elas voltassem para cooperativa?

ZM: Eu podia pedir-lhes para reconsiderarem a sua decisão se houvesse alguma coisa que as fizesse felizes aqui, e nesse caso elas ouvir-me-iam. Mas como não há nada que as faça felizes, elas nunca concordariam em voltar, mesmo que eu dissesse, “venham mulheres, voltem para a cooperativa e ajudem-nos no trabalho, que está a matar-nos!” Mas se houvesse alguma coisa útil para se ter na cooperativa, elas podiam ouvir-me. No ponto em que se encontra a situação, nenhum argumento as persuadirá a voltar, porque elas dir-me-ão, “...bem, se achas que há alguma coisa boa para comer lá, vai em frente e desfruta, mas não te maces a oferecer-nos alguma a nós” – isto é o que elas podiam dizer! (ZM então desatou a rir).

Ent: Muito obrigado por toda a informação que nos prestou.

5. NYAMANYATHI MANZINE [nascido ca. 1922]

Cargo: Membro da Assembleia Provincial

Composição do agregado familiar e situação económica

Observações: Não foi possível manter uma entrevista mais formal com Nyamanyathi Manzine devido à sua posição especial como *Deputado da Assembleia Provincial*, porque ou estava ausente, ou estava na cooperativa apenas durante curtos períodos de tempo. As notas que se seguem foram tomadas rapidamente durante curtas conversas quando ele foi “encurralado” durante uma das suas visitas fugazes à cooperativa. Muitos membros da cooperativa descreveram abertamente Manzine, como um vendedor auto-nomeado dos produtos alimentares distribuídos pela Loja do Povo. Contudo, embora ele fosse altamente suspeito de ser o responsável pelo desaparecimento de produtos alimentares e de dinheiro, jamais ninguém o acusou directamente pelo delito. As entrevistas com Amosse Tembe, José Tembe, Albino Mabaso e Zacarias Mbhoyisa todas aludem ao seu papel na cooperativa.

Nyamanyathi Manzine, de acordo com o seu bilhete de identidade, nasceu no Regulado de Sontaka [Santaca], em 1926. Ele pensa, contudo, que é mais velho do que o documento afirma.

História do Trabalho

Manzine, ainda jovem, apascentou gado e foi mais tarde recrutado para as minas da África do Sul através da WENELA, em 1936. Ele andou pela Zululândia, onde embarcou num autocarro até chegar ao posto de recrutamento na Swazilândia. Foram-lhe emitidos documentos sul africanos em Ngwavuma, “onde tínhamos que falar Zulu para parecer que éramos da Zululândia.” Ele trabalhou dois anos numa mina fazendo manutenção de elevadores, seguidos de 5 contratos na Crown Mines em Joanesburgo, onde finalmente se tornou “*Bossboy Chefe*” (sic!).

Depois do trabalho, nas minas seguiu-se um emprego na Riverview Sugar Plantation, no Natal, onde trabalhou dez anos, tendo voltado para casa definitivamente em 1966. Ele afirma ter trabalhado como *nduna* responsável pelo trabalho de manutenção, sob as ordens de um mecânico branco, durante um período de nove anos. Segundo ele diz, ganhava 20 libras (esterlinas) por mês, e por vezes conseguia fazer 30 libras com as extraordinárias. Manzine disse, com desdém, que nunca tinha feito trabalho remunerado em Moçambique. Ele dedicou-se à produção agrícola desde o seu regresso do Natal, e usando charrua e bois, conseguiu produzir excedentes de milho e amendoim para vender, mas apenas para os vizinhos. Ele comprou gado e alguns cabritos com uma parte do seu salário do Natal, e agora tem uma manada de 4 vacas (excluindo os bezerros).

Manzine produz carvão através de *tsima*, quando ele convida pessoas para o ajudarem a cortar madeira em troca de bebida e comida. Ele afirmou que as pessoas não querem formar uma cooperativa de produtores de carvão porque não confiam umas nas outras. “Nós não confiamos uns nos outros mesmo nesta cooperativa”, disse enfaticamente, mas recusou dar pormenores sobre essa afirmação.

Família

Manzine tem duas mulheres – e 4 filhos da sua primeira mulher. Um filho crescido trabalha em Maputo, enquanto que três filhas estão ainda na escola. A segunda mulher teve três filhas, estando a mais velha na Escola Secundária Josina Machel em Maputo, e as outras na escola primária em Macassane.

Sobre a Cooperativa

As suas primeiras observações quando solicitado a falar sobre a história da cooperativa foram que “podia haver mais dinheiro na cooperativa do que na Machamba Estatal, dependendo do nosso empenho no trabalho; e todo o dinheiro podia ser nosso, para distribuir”. Ele afirmou que o seu entendimento, no início da cooperativa, era que depois de cada colheita os membros podiam partilhar a produção, pôr de lado

uma parte para semente e vender o resto da colheita. A distribuição podia ser em função do número de dias de trabalho e não na base da posição de cada um na cooperativa. Quando as pessoas foram chamadas para tomar conta da terra abandonada pelos seus proprietários colonos e formaram a cooperativa, *“Eu deixei tudo, a minha produção de milho e amendoim, a fim de servir o país – sim, a fim de trabalhar para todos nós”*. Ele reconheceu que o patriotismo não foi o único motivo para ele entrar para a cooperativa, porque eles disseram que *“nós seríamos recompensados, e nós estamos na realidade a receber qualquer coisa, embora não seja muito”*. Ele disse que as pessoas abandonaram a cooperativa depois da primeira colheita porque não receberam a sua parte, mas que ele e outros dois – Amosse Tembe e Zacarias Mbhoyisa – fizeram tudo o que podiam para prevenir o colapso total da cooperativa. O Camarada Guebuza, que fez uma visita em 1976 para analisar a crise financeira na cooperativa, disse Manzine, responsabilizou o Comissário Político na Sede do Partido em Matutuíne por toda a confusão que foi criada na cooperativa.

As suas duas esposas não entraram na cooperativa pois “elas tinham que tomar conta das crianças, dos animais e da machamba da família: as minhas mulheres fazem toda a lavoura com o auxílio das crianças, e eu próprio lhes ensinei a lidar com os bois”, disse ele orgulhosamente.

Alimentação e dinheiro, de acordo com Manzine, são os pré-requisitos para persuadir as pessoas a juntarem-se à cooperativa. Nós temos que produzir o suficiente para permitir alguma distribuição e vendas se queremos atrair as pessoas para voltarem para a cooperativa. A machamba era demasiado grande para a força de trabalho actualmente disponível, e a única solução era empregar trabalhadores de fora para ajudar, que seriam pagos com dinheiro emprestado pelo banco. O *Responsável pelo Movimento Cooperativo* no GODCA também pensa deste modo. Ele é de opinião de que é possível, de facto, formar-se uma cooperativa constituída por *duas pessoas apenas*. Manzine, contudo, não concorda com esta posição. Embora Manzine e o funcionário do GODCA pareçam concordar completamente na solução proposta para a questão da escassez de mão-de-obra na cooperativa,

ele vê uma contradição clara em optar-se por esta solução, porque “não seria correcto continuar a chamar de cooperativa a esta instituição se ela vier a contar com trabalhadores de fora, visto que, procedendo desta maneira, tornar-nos-íamos o “patrão” que emprega e paga pessoas de fora”. Para Manzine, isto é um dilema porque a machamba é demasiado grande para ser gerida pelos actuais membros.

Manzine acha difícil dividir a responsabilidade entre Massinga (Chefe dos Serviços Distritais de Agricultura), a Sede Distrital do Partido e os membros da cooperativa, pelo facto de os fornecimentos de alimentos pela Loja do Povo estarem suspensos. O problema é que “eu tenho estado muito ocupado com o meu trabalho como “*Deputado Provincial*”, e não tenho tido tempo para estudar este caso convenientemente.

Sobre irregularidades Manzine afirmou: “Comida e outros bens, como por exemplo o sabão, que eram fornecidos pela Loja do Povo, desapareciam muitas vezes do armazém sem deixar rasto. *Algumas pessoas entraram na FRELIMO para ganhar dinheiro mas nós entramos na FRELIMO para trabalhar para o país, mesmo que não tenhamos nenhuma recompensa.* Contudo, não acho que estes fornecimentos de alimentos tenham parado por causa da carência generalizada de comida no país”.

Entrevistador: Como é que se tornou membro da Assembleia Provincial?
Manzine: O Bila (*Comissário Político em Matutuine*) nomeou-me em 1977, quando percebeu que eu era pela FRELIMO, que eu me havia dedicado à FRELIMO!

Macassane

Fevereiro/Março 1980

6. LUCINA MPFUMO (nascida em 1933)

Cargo: Secretária da OMM

Composição do agregado familiar e situação económica

Entrevistador (Ent): Lucina Mpfumo, você pertence à família dos antigos chefes *vaka Mpfumo*?

Lucina Mpfumo (LM): Sim, eu sou da mesma família.

Ent: Conhece a sua idade?

LM: A minha idade? Não conheço a minha idade; terei que ver no meu bilhete de identidade. Diz que eu nasci em 1933.

Ent: Onde é que nasceu?

LM: Eu nasci na Célula de Mudada.

Ent: Os seus pais também nasceram em Mudada?

LM: O meu pai nasceu em Mudada mas a minha mãe é de Capezulu.

Ent: O que é que fazia quando era jovem – nós sabemos que os rapazes crescem a tomar conta de bois e de cabritos?

LM: Eu não fazia nada até à altura em que eu comecei a frequentar a escola. Não sei que idade tinha quando comecei a estudar porque não tinha pai; ele morreu quando eu era ainda muito pequena.

Ent: Lembra-se de quantos anos é que andou na escola?

LM: Não, não me lembro.

Ent: Lembra-se de qual foi a classe que passou antes de deixar a escola?

LM: Nessa altura as coisas eram feitas de maneira diferente da de hoje – nós simplesmente ficávamos na escola e depois saíamos sem saber qual a classe que tínhamos passado, mas eu passei a *Primeira* e parei na *Segunda*.

Ent: As aulas eram dadas em português ou em xitsonga (changana)?

LM: O nosso livro de leitura era em português mas eles falavam connosco em *landim** (Xitsonga).

Ent: Quem dirigia a escola?

* N.T. – *Landim* – nome vulgarmente utilizado para designar as línguas do grupo Tsonga (ronga, xitswa e changana).

LM: A escola pertencia à Missão Católica.

Ent: O que é que fez depois de deixar a escola?

LM: Saí da escola e casei-me logo a seguir.

Ent: Conheceu o seu futuro marido quando estava ainda na escola?

LM: Sim.

Ent: Ele pagou o lobolo quando você estava ainda a estudar?

LM: Sim.

Ent: Como é que os jovens se casam na sua zona – o seu marido propôs-lhe casamento depois de se encontrarem por acaso em algum lugar?

LM: As coisas não aconteciam assim nos meus tempos de juventude: Um homem que tivesse um filho em idade de casar enviava um adulto (como emissário) para ir pedir a outra família a sua filha em casamento, e se as duas famílias chegassem a acordo, o casamento realizava-se.

Ent: O que é que pensa das mudanças que estão a ocorrer nas tradições relacionadas com o casamento desde a chegada da FRELIMO?

LM: Eu penso que as mudanças são para melhor porque era frequente nós fugirmos dos homens (de casamentos combinados). Actualmente vejo raparigas a passearem com os seus namorados e eu digo para mim própria, “isto é muito bom, mm!”

Ent: Vocês não podiam estar na companhia de rapazes antes de estarem casadas?

LM: Não, quando os rapazes se aproximavam de nós depois da escola nós tínhamos que fugir.

Ent: O seu pai trabalhou nas minas da África do Sul antes de morrer?

LM: Ele trabalhou em Joanesburgo e morreu lá.

Ent: E o seu marido – onde é que trabalhava quando se casou consigo?

LM: Ele trabalhava em Natal.

Ent: Ele ainda trabalha lá?

LM: Sim, ele ainda está empregado no Natal.

Ent: Que tipo de trabalho é que ele faz no Natal?

LM: Trabalha numa fábrica de açúcar.

Ent: Ele traz açúcar branco (de preferência ao açúcar castanho) para si quando vem para casa?

LM: Sim, ele envia açúcar regularmente de lá.

Ent: Ele pode mandar açúcar do Natal para Moçambique?

LM: Sim, o açúcar vem pela Namaacha.

Ent: Como é que vai buscá-lo a Namaacha?

LM: Nós vamos para lá de autocarro e trazêmo-lo.

Ent: Que quantidade de açúcar é que ele envia de cada vez – um saco?

LM: Ele envia qualquer quantidade que puder em sacos pequenos.

Ent: Que outros bens é que você recebe do seu marido?

LM: Ele envia comida e vestuário.

Ent: Que tipo de comida é que ele envia?

LM: Milho e amendoim.

Ent: Ele não pensou ainda em voltar para casa de vez?

LM: Não, ele ainda quer continuar com este trabalho lá.

Ent: Com que frequência é que ele vem visitá-la?

LM: Vem uma vez por ano.

Ent: Isso significa que desde que você se casou só viveu com o seu marido quando ele está em casa de férias. Será que esta situação cria alguns problemas que tem de enfrentar sozinha?

LM: Eu não tenho problemas porque ele escreve para mim quando está longe; ele envia dinheiro e comida regularmente, por isso não tenho problemas.

Ent: Quantos filhos tem?

LM: Tenho 8 filhos.

Ent: Que idade tem o primeiro?

LM: Ele já é casado.

Ent: Ele vive na sua própria casa com a mulher?

LM: Sim, ele mudou-se para a sua própria casa.

Ent: Onde é que ele trabalha?

LM: Ele não trabalha em sítio nenhum – trabalha em casa.

Ent: Que trabalho é que ele faz em casa?

LM: Queima carvão e trabalha nas machambas.

Ent: Ele trabalhou alguma vez nas minas na África do Sul?

LM: Trabalhou no Natal, mas não voltou para lá depois de se casar.

Ent: E o seu segundo filho?

LM: Ele está no Natal, mas ainda não está casado.

Ent: Porque é que ainda não se casou – ainda é “muito jovem” para se casar?

LM: Ele tem idade suficiente para se casar mas não está interessado.

Ent: Ele vive ainda consigo quando está em casa de férias?

LM: Sim, ainda vive em casa.

Ent: E o seu terceiro filho?

LM: O terceiro é um rapaz e está na *Quarta Classe* na escola.

Ent: O que é que ele vai fazer quando acabar a quarta?

LM: Não sei porque no distrito não há escola depois da quarta classe. Prometeram construir uma nova escola com classes mais elevadas para permitir que as crianças da zona pudessem continuar a estudar, mas até aqui nada foi feito a esse respeito. Estamos à espera de ver se cumprem a promessa cumprida.

Ent: E a quarta criança?

LM: Todas as outras crianças estão na escola.

Ent: Quem toma conta delas quando está aqui na cooperativa?

LM: As raparigas olham pelas crianças – elas também andam na escola, mas tomam conta das outras.

Ent: E a sua machamba – de que tamanho é?

LM: Não temos grandes machambas porque cultivamos com enxada.

Ent: Quer dizer que não têm bois?

LM: Eu tenho gado mas não está treinado para cultivar; não há ninguém para treiná-lo.

Ent: Então, afinal tem um problema – o seu marido comprou bois mas eles não podem ser usados para cultivar porque não sabe lidar com eles.

LM: Sim, é verdade.

Ent: Quantos bois tem?

LM: Não sei.

Ent: O que é que podia fazer se alguns se perdessem, como é que saberia?

LM: Conheço cada uma das vacas individualmente, e podia saber se faltasse alguma delas, mas não sei quantas dezenas são.

Ent: Chegam a 20 ou 30 cabeças?

LM: São mais do que isso.

Ent: São mais de 30, não é?

LM: Sim, são mais do que isso.

Ent: Bem, tem muita sorte! Os seus filhos tomam conta dos bois?

LM: Não, os meus filhos já passaram da idade de tomar conta dos bois, por isso “pedi” a um rapaz para tomar conta deles.

Ent: O rapaz é pago por este trabalho?

LM: Sim, ele vai receber uma vaca.

Ent: Quando é que ele recebe – vai receber uma vaca no fim de cada ano de trabalho?

LM: Ele vai receber uma vaca no fim de cada três anos.

Ent: Isto varia nas diferentes zonas do país; por exemplo, em Moamba, o pagamento para um pastor privado é de uma vaca por ano, sujeito a condições específicas, naturalmente.

LM: As coisas vão mudar aqui também porque as pessoas começaram a reclamar que o pagamento não é justo, e isto significará que aqueles que não têm crianças para levar o gado pastar vão ter problemas.

Ent: Há quanto tempo é que este rapaz trabalha para si – será que já recebeu a sua primeira vaca?

LM: Ele ainda não recebeu porque só começou em Janeiro deste ano.

Ent: Porque é que o seu marido não arranjou tempo para treinar os bois?

LM: O problema é que ele não fica muito tempo em casa quando está de licença; geralmente passa menos de um mês em casa, por exemplo, ele esteve em casa de 28 de Dezembro a 21 de Janeiro nas suas últimas férias. Ele não tem tempo para se dedicar a treinar bois.

Ent: Ele apenas espreitou para dizer “alô” e “adeus”?

LM: Ele vem e diz “Como está”? E de seguida está longe de novo. Nada podemos fazer acerca disso!

Ent: Na Moamba é possível contratar alguém para treinar os bois – isso também acontece aqui?

LM: Sim, há pessoas nas redondezas que fazem isso, mas os meus filhos não estão interessados na lavoura. Não consegui persuadi-los a tentar aprender a lavar.

Ent: Por isso você só pode cultivar machambas que consegue lavar com enxada?

LM: Sim, mas também peço a amigos para me ajudarem e pago-lhes em dinheiro.

Ent: Quer dizer que emprega outras pessoas para cultivarem para si?

LM: Sim.

Ent: Quanto é que cobram e para que extensão de terreno?

LM: O preço varia de um lavrador para outro, mas são muito caros; sai mais caro do que alugar um tractor, porque eles não cobram por horas

trabalhadas, medem simplesmente a distância *a olho nu* e dão-lhe uma cotação. Alguns cobram até 500\$00 por uma área do tamanho daquela eira de arroz que vê ali (aproximadamente 100m x 25m).

Ent: E sobre a sacha ?

LM: Isso eu faço pessoalmente.

Ent: E quanto a *tsima* – não faz bebida e chama pessoas para virem ajudá-la?

LM: Isso faz-se – as pessoas fazem isso nesta área.

Ent: Que culturas produzem ?

LM: Nós produzimos milho e amendoim.

Ent: Em anos bons, consegue produzir comida suficiente para consumo?

LM: Sim, nos anos bons nós produzimos o suficiente que dura até à colheita seguinte.

Ent: Isso significa que não tem de depender de produtos enviados pelo seu marido do Natal?

LM: Não, nos bons anos nós não dependemos da comida enviada do Natal

Ent: Também se dedica à produção de carvão?

LM: Eu produzia carvão antes de entrar na cooperativa, mas agora não tenho tempo para fazer isso.

Ent: Pode produzir carvão nos fins de semana?

LM: Não, não é possível fazer isso porque tenho outras tarefas, como por exemplo a sacha, quando é tempo para isso.

História da cooperativa: mobilização, recrutamento e relacionamento com as estruturas do Governo

Ent: Quando é que entrou na cooperativa?

LM: Entrei na cooperativa desde o início.

Ent: Como é que soube que havia propostas para criar uma cooperativa?

LM: Convocaram-nos para uma reunião no “*Comité*” (Célula do Partido); reunimo-nos lá, sob a direcção das autoridades distritais, onde nos disseram que, uma vez que o colono que era dono desta machamba a tinha abandonado, nós devíamos tomar conta dela e reabilitá-la como uma cooperativa. Aceitámos isso e viemos para aqui, para receber instruções para começar a cultivar a terra.

Ent: As instruções que vocês receberam para começar a cultivar a terra incluíam explicações sobre o significado de uma cooperativa agrícola?

LM: Eles disseram-nos que quando trabalhamos numa cooperativa, as colheitas que produzimos pertencem-nos a nós e a mais ninguém, e que se cultivarmos arroz, o produto será vendido e o dinheiro distribuído entre os membros.

Ent: Portanto, foi na base desta explicação que decidiu juntar-se à cooperativa. Havia muitas pessoas nessa reunião?

LM: Havia muitas pessoas – éramos muitos!

Ent: Foi a única pessoa na sua família a entrar, visto que o seu marido estava longe, no Natal?

LM: Sim.

Ent: Como é que a coisas correram na cooperativa quando começaram a trabalhar?

LM: Houve uma boa colheita no primeiro ano em que começámos a trabalhar, e o arroz foi enviado para a fábrica de descasque. Depois foi vendido, mas nunca nos disseram como é que isso foi feito. Algumas das pessoas que tinham sido convidadas para a fábrica para verem como é que o arroz era vendido voltaram para cá e *informaram-nos apenas que as autoridades distritais tinham vendido todo o arroz.*

Ent: Quem foi convidado da cooperativa para testemunhar a venda do arroz?

LM: O Timóteo Manganyela e o Ghulichí n'waMaswa foram para a venda.

Ent: O Manganyela e o n'waMaswa não vos deram um relatório detalhado acerca da venda do arroz?

LM: Eu pessoalmente não recebi nenhuma informação detalhada.

Ent: O que é que aconteceu quando o dinheiro teve que ser distribuído após a venda do arroz?

LM: As autoridades da Administração Distrital vieram para a cooperativa e pediram-nos para lhes apresentarmos os nossos cartões, para poderem assiná-los. Os funcionários voltaram mais tarde para a cooperativa, chamaram os nossos nomes e começaram o pagamento. Contudo, o dinheiro acabou antes de todos terem recebido a sua parte. Não me lembro quantas pessoas é que receberam, mas os funcionários disseram que iam regressar à administração distrital para arranjar mais

dinheiro para aqueles membros que não tinham sido pagos, e estes ficaram e esperaram.

Ent: Os funcionários disseram como é que iriam arranjar o dinheiro adicional?

LM: Disseram que iam comprar gado para abater e vender a carne para conseguir o dinheiro.

Ent: Recebeu a sua parte nesse dia?

LM: Não, não recebi nenhum dinheiro.

Ent: Não recebeu absolutamente nada?

LM: Não tive nada nessa ocasião.

Ent: Porque é que não saiu da cooperativa quando a maior parte dos que não tinham recebido a sua parte decidiram ir-se embora desiludidos?

LM: Eu decidi continuar na cooperativa porque queria ver se as autoridades arranjariam o dinheiro para aqueles que não tinham recebido, e também pensei que havia a possibilidade de as coisas serem melhores no futuro.

Ent: Recebeu o seu pagamento no segundo ano?

LM: Não recebi nada porque a colheita foi tão fraca no segundo ano que o pouco arroz que produzimos não foi suficiente para ser enviado para a fábrica – foi vendido aqui na cooperativa.

Ent: A quem venderam o arroz?

LM: Foi vendido aos membros.

Ent: O que é que aconteceu no terceiro ano?

LM: O arroz foi enviado para a fábrica em 1978, e o dinheiro que se conseguiu serviu para pagar a nossa dívida ao banco; nós tínhamos pedido dinheiro emprestado ao banco para pagar os salários dos trabalhadores de fora que nos ajudaram na sacha e a vigiar os pássaros.

Ent: Ouvimos dizer que foi distribuído dinheiro pelos membros há cerca de uma semana; recebeu algum pagamento?

LM: Sim, recebi 2000\$00

Ent: Esta foi a primeira vez que recebeu a sua parte desde que entrou na cooperativa?

LM: Este foi o meu primeiro pagamento.

Ent: O que é que pensa do futuro da cooperativa – tem confiança de que no futuro as condições mudarão para melhor?

LM: Não sei.

Ent: Se se pretendesse atrair as pessoas que saíram da cooperativa para regressarem, o que é que, na sua opinião, se devia fazer?

LM: As pessoas podiam regressar se nós pudéssemos produzir arroz suficiente para permitir uma distribuição de rendimento, mas elas não voltarão enquanto existirem problemas e incertezas na cooperativa.

Ent: Quais são as razões para as fracas colheitas na cooperativa?

LM: Nós não somos capazes de aguentar com o trabalho na cooperativa, e então o dinheiro desaparece, deixando os membros sem nada.

Ent: Quando diz que há demasiado trabalho na cooperativa, o que é que isso quer dizer?

LM: Nós temos que pagar o diesel, o aluguer do tractor e os créditos bancários, e todos estes pagamentos consomem todos os nossos ganhos em dinheiro, deixando-nos sem nada.

Ent: Não mencionou o custo da mão-de-obra externa que vocês empregam.

LM: É para os salários destes trabalhadores de fora que pedimos emprestado dinheiro ao banco.

Ent: Vocês querem continuar a utilizar estes trabalhadores adicionais, ou não?

LM: Não se devia permitir que continuasse, mas o facto é que não temos possibilidade de completar o trabalho – *o trabalho pesa-nos*, e se nós cultivássemos uma área que estivesse dentro da nossa capacidade, não seria necessário pedir dinheiro emprestado para pagar trabalhadores de fora, e teríamos os nossos lucros à nossa disposição para distribuição.

Ent: Então porque é que estão a cultivar uma área que está além da vossa capacidade de gestão, se estão claramente conscientes do problema – de que não podem efectuar a *sacha* sozinhos?

LM: É porque sempre achamos que podíamos pedir emprestado dinheiro ao banco para contratar mão-de-obra externa. Contudo, compreendemos agora que isso não é uma boa prática porque acabamos por ficar com despesas que não podemos pagar. Agora está claro que os trabalhadores contratados é que obtêm benefícios, enquanto que nós acabamos por ficar sem nada. Nós agora achamos que a área de cultivo deve ser reduzida a um tamanho que possa ser trabalhado sem a ajuda de trabalhadores remunerados.

Ent: Notámos que os tractoristas vêm aqui e cultivam grandes extensões

de terra sem tomarem em consideração o número de pessoas disponíveis na cooperativa.

LM: Eles fazem isso porque nós instruímo-los a fazê-lo – nós somos responsáveis por isso.

Ent: Porque é que não detectaram este problema e não o resolveram até agora?

LM: Só agora tomámos consciência deste problema, porque antes pensávamos sempre que podíamos pedir dinheiro emprestado ao banco para pagar a trabalhadores de fora.

Ent: Entrou na cooperativa na condição de que tudo o que produzissem pertenceria aos membros. Esta era também o seu entendimento em relação ao dinheiro que seria ganho nas vendas dos produtos – achava que também devia haver distribuição de dinheiro?

LM: Eu entendi que devíamos trabalhar e ganhar de acordo com o que nós produzíssemos, mas não numa base de salário mensal.

Ent: Isto significa que se não houvesse nenhuma colheita ou se esta fosse fraca não haveria dinheiro para distribuir?

LM: Sim.

Ent: Acredita que é assim que todos os membros da cooperativa entenderam as condições para a distribuição de dinheiro?

LM: Sim.

Ent: Tem certeza de que a maioria dos membros não entrou na cooperativa com a impressão de que iria receber um salário mensal, independentemente da quantidade da colheita?

LM: Tenho a certeza de que a maioria das pessoas entendeu que a distribuição de dinheiro dependeria da produção da cooperativa.

Ent: Então porque é que muitas pessoas abandonaram a cooperativa quando as colheitas falharam e não houve distribuição de dinheiro?

LM: Não é possível saber o que vai na mente de uma pessoa. Algumas pessoas desistiram quando não receberam a sua parte na primeira ocasião, porque concluíram que isto voltaria a acontecer na vez seguinte. Alguns dos que decidiram ficar mais algum tempo fizeram-no porque acreditavam que as coisas podiam mudar para melhor no futuro, quando houvesse boas colheitas e muito dinheiro para dividir.

Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa

Ent: Qual é a relação entre a cooperativa e as autoridades do distrito – como é que se relacionam com eles?

LM: As pessoas (funcionários) do distrito vêm à cooperativa ouvir as nossas queixas e nós explicamos-lhes os nossos problemas.

Ent: Eles são capazes de resolver alguns dos problemas?

LM: Não.

Ent: O funcionário de Maputo [do GODCA] que visitou a cooperativa no outro dia explicou que havia uma diferença entre o *Partido e o Estado*, dizendo que em termos de função, a Sede Distrital do Partido não tinha poderes para emitir directivas. Um exemplo disso é que a Sede Distrital não podia ordenar à Loja do Povo para vender géneros alimentícios directamente aos membros da cooperativa (para não terem que ir à bicha), mas a Administração Distrital (Estado) pode dar tal ordem. Foi essa a primeira vez que recebeu tal explicação, ou isso aconteceu algumas vezes antes?

LM: *Eles deram-nos explicações semelhantes antes, mas nós realmente não conhecíamos as pessoas que estavam envolvidas (nos diferentes gabinetes), e sempre que um visitante (desses funcionários) vem à cooperativa, nós aproximámo-nos e colocámos-lhe o problema. Ele toma notas enquanto estamos a conversar, mas nunca sabemos a quem ele transmite as nossas reclamações – nós apenas sabemos que as nossas reclamações estão a ser levadas para o governo.*

Ent: Se o seu marido regressasse definitivamente do Natal e lhe perguntasse se você achava que ele podia entrar na cooperativa, o que é que lhe diria?

LM: (Rindo) Bem, se as condições na cooperativa ainda estiverem como estão agora, não concordaria que ele se tornasse membro, certamente que não!

Ent: Que razões é que lhe daria?

LM: Dir-lhe-ia que se ele ingressasse na cooperativa nós morreríamos de fome, porque o progresso é muito lento na cooperativa. Eu aconselhá-lo-ia a ficar em casa e fazer algum trabalho lá.

Ent: Quando é que foi escolhida para secretária da O.M.M.?

LM: Foi em 1977.

Ent: Como é que foi escolhida - quem é que propôs o seu nome?

LM: Aconteceu assim: havia uma visita do camarada Litshulu [Arão Litshuri] (da Administração Distrital) que nos encontrou a trabalhar perto da bomba de água. Ele disse-nos que ia ser realizada uma reunião na fábrica de cal local, onde eram necessárias duas pessoas para representar a cooperativa, e que eu e uma outra pessoa devíamos participar na reunião. Como não havia mais ninguém na cooperativa naquele local, o camarada Amosse Tembe disse que eu e a Helena devíamos participar na reunião, e foi o que fizemos. Foi depois dessa reunião que a cooperativa decidiu criar a OMM aqui, para poder seleccionar delegações para participarem em futuras reuniões (da OMM). Os camaradas Amosse Tembe e Nyamnyathi Manzine mandaram-nos ir ter com o professor, para lhe pedir para desenhar a Estrutura e os Estatutos da OMM.

Ent: Como é que vocês foram seleccionadas?

LM: Fomos seleccionadas, e os membros foram depois informados que nós tínhamos sido seleccionadas. *Eles* fizeram a selecção e os membros foram mais tarde informados de que fulana e fulana tinham sido escolhidas porque eram os mais diligentes e dedicados membros da cooperativa. A participação na cooperativa era muito fraca nessa altura – apenas algumas pessoas iam trabalhar, e de uma forma irregular. *Eles* disseram que, por isso, deviam seleccionar uma pessoa que fosse trabalhar regularmente, e foi assim que aconteceu!

Ent: Então quem vos seleccionou, foi o Litshuli?

LM: Nós é que fizemos a selecção sozinhas.

Ent: Quero saber quem seleccionou o primeiro responsável – a tal pessoa que vinha a trabalhar regularmente.

LM: Foi Amosse (Tembe), porque Litshuli só determinou que fosse estabelecida uma estrutura da OMM na cooperativa.

Ent: Então, foi assim que você se tornou secretária da OMM! Qual foi a sua reacção ao ser seleccionada?

LM: Eu aceitei.

Ent: Explicaram-lhe quais eram as suas responsabilidades como secretária?

LM: Não explicaram quais seriam as minhas tarefas, só me disseram que eu era a secretária e que devia vir trabalhar todos os dias – e é tudo!

Ent: Você ainda sabe ler e escrever, uma vez que fez a segunda classe na escola?

LM: Ainda sei escrever o meu nome, mas não sei muito mais do que isso.

Ent: Há alfabetização na cooperativa ?

LM: Não, não temos porque não há professor.

Relações de Género: Divisão Sexual do Trabalho

Ent: A sua cooperativa, conforme diz uma das vossas canções, é constituída principalmente por mulheres velhas. Não há pessoas jovens aqui, embora nos tenham dito que muitos jovens vieram juntar-se no início. Porque é que os jovens não mostram interesse na cooperativa?

LM: É verdade que *esta é uma cooperativa de mulheres velhas*. As pessoas jovens não entram por causa dos problemas de produção e distribuição – eles não têm a paciência de esperar todo o ano para receberem o pagamento.

Ent: Quer dizer que as pessoas jovens preferem um pagamento mensal regular!

LM: Sim.

Ent: O que é que vocês vão fazer em relação à cooperativa à medida que as mulheres velhas envelhecerem mais e tiveram naturalmente de deixar o trabalho e ir-se embora – como é que as vão substituir?

LM: Os membros da cooperativa vão diminuir mas não sabemos o que vamos fazer acerca disso. Esperamos que o governo nos mostre o caminho para resolver este problema.

Ent: Notámos também que há muito mais mulheres do que homens na cooperativa – qual é a razão disso?

LM: Isso tem a ver com o problema dos salários, porque os homens preferem trabalhar por um salário mensal, e a ideia de receber um pagamento apenas no fim do ano não os atrai muito.

Ent: Observámos que os homens que estão na cooperativa não trabalham tanto quanto as mulheres – porque é que isso é assim?

LM: Os homens não trabalham! Eles passam a vida a dizer-nos que têm trabalho para fazer lá, no armazém, mas eu não sei que trabalho eles fazem realmente além de escrever algumas coisas e algumas visitas para a Administração Distrital – realmente não sei.

Ent: Os membros do sexo feminino já discutiram seriamente esta questão – vocês já confrontaram os homens com este problema? De acordo com as normas, todos nesta cooperativa são pagos em função dos dias trabalhados, mas parece que esta regra não é observada – as mulheres aceitam isso?

LM: Discutimos o problema mas os homens reclamam que trabalham.

Ent: Já alguma vez os enfrentaram directamente e criticaram por não participarem no trabalho?

LM: Não, nunca fizemos isso

Ent: Como é que discutiram o problema?

LM: Nós referimos (polidamente) que não era bom alguns camaradas ficarem sentados e esperarem que os outros façam mais trabalho do que eles. Quando pedimos uma explicação para esta situação, os homens respondem que eles de facto trabalham (tanto quanto as mulheres) apesar de não irem para campo para a sacha.

Ent: Algumas das canções que vocês cantam enquanto trabalham, por exemplo a intitulada “uma cooperativa de mulheres velhas” refere-se aos homens como exploradores; como é que eles reagem a isto?

LM: Eles não dizem nada.

Ent: Eles acompanham-vos quando vocês cantam?

LM: Sim, eles cantam connosco.

Ent: Será que esta relação entre homens e mulheres significa que há conflito e falta de unidade na cooperativa? Notámos, por exemplo, que nesse dia em que o amendoim foi vendido aos membros, houve alguma disputa relativamente aos poucos quilos de amendoim que tinham restado, e os homens que fizeram a distribuição decidiram manter o amendoim no armazém. As mulheres ficaram imediatamente desconfiadas de que o amendoim havia de desaparecer depois, e pediram que lhes fosse vendido. As mulheres nessa altura acusaram directamente os homens de roubo e exploração. Isso não é uma demonstração de conflitos existentes na cooperativa?

LM: Isso é verdade; há conflito e falta de confiança entre os membros da cooperativa.

Ent: Essa situação é uma exceção ou uma situação comum?

LM: Acontece quase sempre, por exemplo, quando se distribui arroz e resta uma certa quantidade, e os membros nunca sabem o que acontece a esse arroz no fim. Nunca ficamos a saber o que acontece às coisas que restam depois da distribuição – as coisas simplesmente desaparecem sem deixar rasto, e nunca se responsabiliza ninguém pela perda.

Ent: Vocês pedem uma explicação quando acontecem coisas como esta?

LM: Não, não pedimos.

Ent: Não acham que é vossa responsabilidade descobrir quem é o culpado do roubo da propriedade da cooperativa que se verifica?

LM: Nós não levantamos muitas questões porque temos medo.

Ent: De que têm medo ?

LM: Temos medo desses que são responsáveis – que são encarregados.

Ent: O que é que temem que eles vos façam?

LM: Eles vão ficar zangados connosco – temos medo disso.

Ent: Não acham que têm coragem para se levantar e pedir explicações; afinal, a cooperativa pertence-vos, não é assim?

LM: Sim, nós concordamos que devíamos ter coragem, mas tudo o que nós fazemos é ficar sentadas e murmurar ou falar em voz baixa – o que não nos ajuda. Mas mesmo que pudéssemos pedir explicações, achamos que os homens poderiam dizer simplesmente que eles não sabem quem deve ser o responsável pelos desaparecimentos.

Ent: E sobre a planificação – vocês têm reuniões no início do ano agrícola para decidirem que quantidade de terra deve ser cultivada nesse ano?

LM: Sim, fazemos reuniões.

Ent: São os homens que decidem que extensão de terra vai ser cultivada, ou as mulheres têm palavra?

LM: As mulheres também têm a palavra. A razão porque foi cultivada uma grande extensão de terra este ano é que nós pensávamos que seríamos capazes de pedir dinheiro emprestado ao banco para contratar trabalhadores de fora.

Ent: Você foi mandada para um curso de formação depois que foi nomeada secretária?

LM: Fui enviada uma vez para Moamba, para visitar algumas machambas estatais, tendo também participado num curso durante essa visita.

Ent: O que é que lhe ensinaram nesse curso?

LM: Eles escreveram coisas no quadro e nós copiámos para os nossos cadernos.

Ent: Mas o que é que vos ensinaram?

LM: Não sabemos porque estava escrito em *Xilungo** (língua do homem branco) e eu não sei falar.

Ent: Eles não lhe explicaram as coisas na sua própria língua?

LM: Eles explicaram mas não percebi nada.

Ent: Essa foi a única ocasião em que foi ajudada para aprender qualquer coisa?

LM: Sim, essa foi a única ocasião.

Ent: Quanto tempo durou o curso?

LM: Não foi longo – durou 10 dias.

Ent: Você representa agora a OMM quando há reuniões – já foi a Maputo para participar nessas reuniões?

LM: Sim, nós participamos em reuniões em Matutuíne, mas nunca estive numa reunião em Maputo.

Ent: Vocês fazem reuniões na cooperativa como membros da OMM para discutir assuntos relacionadas com as mulheres?

LM: Nós reunimo-nos para discutir apenas assuntos relacionados com o nosso trabalho na cooperativa, mas não assuntos fora do nosso trabalho.

Ent: Diz-se que os homens não faziam muito trabalho nos campos antes da independência, e a vossa reivindicação é que eles realmente não trabalham muito na cooperativa. Não acha que a OMM devia considerar este assunto como uma questão especial para discussão?

LM: Sim, nós vamos fazer isso porque nada mudou – a situação é a mesma que no passado.

Ent: Obrigado pela informação que nos deu. Estou disponível para responder a qualquer questão que queiram colocar.

LM: Obrigada, Não tenho nada a perguntar.

Macassane

13 de Março de 1980

* N.T. – Língua Portuguesa

7. BHEKABHEKA MAPHELANI [nascida ca. 1920]

Cargo: Agricultora

Composição do agregado familiar e situação económica

Entrevistador (Ent): Onde é que você nasceu?

Bhekabheka Maphelani (BM): Eu nasci no outro lado do rio, entre Salamanga e Zitunda [Zitundo].

Ent: O que é que fazia quando era jovem?

BM: Trabalhava nas machambas com os meus pais. Eu casei-me com um homem que trabalhava no Natal. Desse casamento nasceram três filhos, dois rapazes e uma rapariga. Os meus filhos, tal como o pai, trabalhavam no Natal.

Ent: O que é que os seus filhos fazem agora?

BM: O meu primeiro filho decidiu trabalhar e viver permanentemente no Natal – nunca voltou para casa. O meu segundo filho, que costumava voltar para casa nas férias, também decidiu, mais tarde, ficar definitivamente no Natal, deixando em casa uma mulher com quem se tinha casado. A mulher esperou durante muito tempo que ele voltasse mas, finalmente, desistiu e voltou para a sua família. O meu próprio casamento acabou em divórcio depois de um longo tempo de desavenças entre nós.

Ent: O que é que fez depois do divórcio?

BM: Fui viver em casa do meu irmão, depois de o meu marido me mandar embora de casa.

Ent: Como é que tomava conta de si mesma como viúva?

BM: Eu queimava carvão e trabalhava para os agricultores brancos.

Ent: Quantos sacos de carvão é que produzia por mês nessa altura?

BM: Eu produzia entre 8 a 10 sacos por mês.

Ent: Ainda produz carvão hoje?

BM: Sim, queimo carvão depois do meu trabalho na cooperativa, mas está a ser cada vez mais difícil.

Ent: Quantos sacos é capaz de produzir actualmente?

BM: Actualmente? Posso fazer 10 sacos por mês, se me esforçar.

Ent: Como divide o seu tempo entre o trabalho na cooperativa e a produção de carvão?

BM: Eu trabalho na cooperativa de manhã e queimo carvão à tarde.

Ent: Tem boa terra para cultivar?

BM: Eu tenho uma terra muito boa, fértil, onde tudo o que se semeia cresce.

Ent: Começou a trabalhar na agricultura logo depois do seu divórcio?

BM: Sim, primeiro trabalhei para o agricultor que vivia lá no fim desta cooperativa.

Ent: Qual era o nome desse agricultor?

BM: O seu nome era *Gwarimbeni* (alcunha).

Ent: Fazia lá o mesmo trabalho que faz agora – cultivo do arroz?

BM: Sim.

Ent: Qual era o seu salário?

BM: Eu recebia 60\$00 por semana.

Ent: Quanto tempo trabalhou com o *Gwarimbeni*?

BM: Trabalhei dois anos.

Ent: Trabalhou com outro colono depois disso?

BM: Sim, isso foi no outro lado do rio.

Ent: Fazia o mesmo tipo de trabalho lá?

BM: Sim, mas o agricultor produzia também trigo e cebola.

Ent: Quanto tempo é que trabalhou lá?

BM: Estive lá apenas um mês, porque fiquei sem trabalho.

Ent: Para onde foi depois disso?

BM: Vim trabalhar nesta cooperativa, quando a machamba pertencia ao Carreira.

Ent: Quanto tempo trabalhou lá?

BM: Trabalhei dois anos.

Ent: Quanto é que ganhava?

BM: Ganhávamos 105\$00 por semana (?)

Ent: Trabalhou aqui até à chegada da FRELIMO?

BM: Sim

História da Cooperativa: Mobilização, Recrutamento e Relacionamento com as Estruturas do Governo

Ent: Como é que esta cooperativa foi criada?

BM: Ouvimos dizer que a FRELIMO tinha chegado e a comunidade tinha sido convidada e recebido orientação para cultivar esta machamba. Eles disseram que nós devíamos “cultivar esta terra sem má vontade, porque *este trabalho não era xibalo*”. Disseram ainda que a terra agora pertencia a todo o povo, e que tudo o que nós produzíssemos seria repartido entre nós. O que ficasse depois da distribuição seria vendido e o dinheiro distribuído entre os membros. Parte do dinheiro conseguido teria que ser depositado numa conta bancária, para o pagamento das despesas realizadas pela cooperativa.

Ent: É assim que vocês compreenderam a orientação?

BM: Sim.

Ent: Você disse que a orientação, que foi dada pela FRELIMO, não pode ser mal interpretada como uma forma de *xibalo*.

BM: Sim.

Ent: O que é que aconteceu depois de vocês entrar na cooperativa?

BM: Eu vim então trabalhar aqui e houve uma boa colheita no primeiro ano. O arroz foi guardado lá no armazém antes de ser vendido. A seguir à venda fomos chamados para receber o pagamento. Contudo, apenas alguns membros receberam a sua parte, enquanto que os outros, incluindo eu, ficámos sem nenhum pagamento.

Ent: Você não recebeu nada no primeiro ano, é isso?

BM: Eu não recebi nada – absolutamente nada. Eles mandaram-nos embora dizendo que o dinheiro tinha acabado. Prometeram voltar mais tarde com mais dinheiro, mas nunca mais voltaram a aparecer até hoje. Muitas pessoas, tanto os que receberam o seu dinheiro como os que não foram pagos, abandonaram a cooperativa, mas alguns de nós decidimos continuar com o trabalho até hoje.

Ent: Porque é que ficou quando os outros abandonaram a cooperativa?

BM: Eu decidi permanecer aqui porque, se desse à luz um nado morto, eu não havia de deixar de tentar ter um outro filho – havia de continuar a tentar para ver se era bem sucedido da próxima vez; e isso é o que eu estou a fazer agora.

Ent: Recebeu a sua parte no segundo ano?

BM: Não, não recebi.

Ent: Não recebeu nenhum dinheiro no segundo ano?

BM: Não, não recebi nada.

Ent: Quer dizer que não recebeu absolutamente nada desde entrou na cooperativa?

BM: Eu recebi o meu primeiro pagamento apenas há três dias atrás, *mas não é justo, depois de trabalhar na cooperativa durante cinco anos sem pagamento* (ver canção abaixo). Eu recebi 2.000\$00, mas alguns receberam apenas 1.500\$00. Nós estamos insatisfeitos e aborrecidos com este tratamento. Isso magoa muito!

Ent: Mas você parece estar preparada para continuar a trabalhar aqui depois de todas as desilusões.

BM: Eu venho trabalhar todos os dias excepto, quando estou doente.

Ent: No início os membros da cooperativa eram de todas as idades, mas isto agora tornou-se uma cooperativa de mulheres velhas, depois de deserções em massa.

BM: Sim, havia homens e mulheres jovens em idade do casamento; havia homens fortes de meia idade, mas todos abandonaram a cooperativa, deixando para trás apenas aqueles que estão dispostos a lutar.

Ent: O que é que a cooperativa pode fazer para atrair de volta os que saíram?

BM: Não sei, mas quando analiso a questão atentamente, acho que o problema deles é que tinham que trabalhar sem salário. Se eles vissem que nós agora recebíamos um pagamento (regular), haviam de voltar. Quando, no ano passado, a cooperativa conseguiu arranjar comida para nós comprarmos aqui, fazendo com que não fosse necessário irmos para as bichas de comida depois do trabalho, muitas das pessoas que tinham saído da cooperativa voltaram, *por causa da disponibilidade de produtos*. Se as pessoas vissem que os que ainda estão aqui são capazes de comprar roupa nova, as pessoas, muito provavelmente, haviam de se juntar à cooperativa, mas ninguém há-de voltar, uma vez que eles vêem que aqueles que trabalham aqui estão a sofrer para nada.

Ent: Quando você volta para a comunidade depois do trabalho na cooperativa, o que é que as pessoas que saíram da cooperativa lhe dizem?

BM: Eles dizem (sarcasticamente) que deve haver qualquer coisa por que estamos a trabalhar, porque é impossível que alguém continue a trabalhar, como nós fazemos, sem qualquer recompensa pelo seu trabalho. Se vocês continuam a trabalhar apesar de não terem nada para comer, dizem eles, *deve ser porque estão a trabalhar para o governo*. Quando lhes dizemos que continuamos a trabalhar porque temos esperança de que, no fim, as coisas vão mudar para o melhor, então a resposta é que, (se nós não fôssemos forçados a trabalhar) teríamos deixado de vir à cooperativa.

Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa

Ent: É assim como vocês vêm a situação – os que decidiram continuar na cooperativa – *que vocês estão a trabalhar para o governo?*

BM: Sim.

Ent: O que é que você quer dizer quando diz que vocês trabalham para o governo?

BM: O que é que isso significa?

Ent: Sim, o que significa?

BM: Bem, significa que nós estamos a fazer – nós trabalhamos para o governo porque não trabalhamos para nós próprios. Se trabalhássemos para nós estaria claro para nós que estávamos de facto a trabalhar para nós – havíamos de ter alguma coisa (pelo nosso trabalho).

Ent: Agora, quando você trabalha sem pagamento, não é a mesma coisa que o *xibalo*?

BM: De facto, isto é *xibalo*, é isso que nós dizemos! Nós trabalhamos mas passamos fome. Se uma pessoa não apanha um *escudo* [*dinheiro*] da queima do carvão, passa fome.

Ent: Sim, deve ser muito difícil para vocês. E agora, e as pessoas que nunca foram da cooperativa – elas também riem-se de vocês?

BM: (Rindo) quando uma pessoa sai da cooperativa depois do trabalho e chega à aldeia, ouve-os a dizer: “...aí vêm eles, os grandes produtores de arroz que comem gordura – oh, quem nos dera ser como eles!” sim, eles passam a vida a gozar connosco e a rir-se de nós.

Ent: Como é que vocês respondem quando eles vos dizem isso?

BM: Nós ignoramos.

Ent: E agora, quando você olha em frente para o futuro, acha que esta cooperativa vai sobreviver e prosperar?

BM: Nós não sabemos. Não sei como esta cooperativa vai terminar. Acordo de manhã e venho para a cooperativa, e continuarei a fazer isso até que alguma coisa aconteça.

Ent: Tem confiança de que, no fim, haverá uma mudança para melhor?

BM: Não sei o que vai acontecer – não sei se as coisas vão mudar para melhor – realmente não sei.

Ent: Você tem um bocado de receio de que as coisas piorem?

BM: *O que me assusta é a fome – não tenho medo do trabalho.*

Ent: Uma vez que vocês passam fome e não têm nada para comer, como é que vão ser capazes de continuar com o trabalho na cooperativa?

BM: Aqui é que está o problema. Aqui é que está o conflito porque, apesar de eu trabalhar, eu passo fome porque não recebo. Eu trabalho todo o ano e mesmo assim passo fome e não tenho roupa. No fim, posso ficar desencorajada e deixar a cooperativa para me juntar aos que já desertaram. Se eu fizesse isso, teria então mais tempo para esgravatar por aí à procura de alguma coisa para comer.

Ent: Durante a discussão de ontem, foi dito que há algumas pessoas fora da cooperativa que estão envolvidas em certas formas de sabotagem contra o trabalho da cooperativa, por exemplo danificando as bombas de água. O que é sabe sobre isso?

BM: *Há algumas pessoas que não são membros da cooperativa e que estão desempregadas. Eles atacam-nos constantemente dizendo, "...vocês estão a perder tempo; não estão a fazer nada que valha a pena e é por essa razão que vocês não recebem. O facto de as bombas de água estarem muitas vezes silenciosas (quando estão avariadas) mostra que vocês não sabem nem mesmo como fazer o vosso trabalho. Vocês estariam melhor usando bois para carregar água para irrigar as machambas de arroz." Quando eles nos dizem isso nós ficamos muito zangados e acusámo-los de feiticeiros, dizendo que são eles que estão a enfeitiçar as nossas bombas de água.*

Ent: Você realmente acredita que estas pessoas são responsáveis pelo não funcionamento das vossas bombas?

BM: Sim, o facto de todas as bombas nas outras machambas funcionarem sempre é *uma prova* de que alguém anda a mexer nas nossas bombas.

Ent: O nome de Xilawule apareceu ligado a este problema, mas quem é ele e o que é que faz?

BM: Ele produz carvão e foi membro desta cooperativa, de onde saiu depois de meio ano.

Ent: Ele é dos que zomba e provoca-vos com as suas brincadeiras sobre as bombas?

BM: Sim, ele ataca-nos abertamente e por isso, quando as bombas de água ficam silenciosas, nós achamos que ele deve ser o responsável pela sua avaria.

Ent: Muhlanga foi um outro nome que apareceu durante a discussão de ontem.

BM: Ele é meu vizinho.

Ent: Que trabalho fazia ele no tempo colonial?

BM: Produzia carvão.

Ent: Ele também porta-se como o Xilawule relativamente aos membros da cooperativa?

BM: Sim, o Muhlanga muitas vezes insulta-me.

Ent: Ele também insulta-a? O que é que ele diz?

BM: Um dia fui, para casa depois do trabalho na cooperativa e recebi uma mensagem do Xilawule dizendo que precisavam de mim no “Comité” (Célula do Partido). Mudei de roupa e segui para o Comité depois do almoço. O Muhlanga, que já estava lá quando eu cheguei, nem sequer me cumprimentou, mas perguntou-me rudemente “para onde é que você vai? Não quero vê-la aqui; vai para N’wabojele (Presidente da cooperativa) onde você trabalha”. Foi o Chilawule que me defendeu contra o ataque sem motivo do Muhlanga, censurando o outro desta maneira: “foi você (Muhlanga) que a chamou aqui e não deve comportar-se desta maneira em relação a ela. Se a reunião da célula foi cancelada, você pode dizer-lhe que a reunião foi anulada e que ela pode ir para casa. Você não tem nenhum motivo para tratá-la desta maneira. Você vai ter problemas se as pessoas da cooperativa souberem disto. Vamos, Maphelani (BM), vamos embora”. O Muhlanga tratou-me vergonhosamente, e já se tinha portado da mesma maneira

com três colegas meus que são também membros desta Célula do Partido, nomeadamente Niyasa Muhlanga, Albino Mabaso e Amélia. Fui eu que informei aos membros da cooperativa sobre o tratamento que o Muhlanga me deu.

Ent: Você sabe porque é que ele a tratou dessa maneira?

BM: Não sei.

Ent: Qual é a posição dele na Célula do Partido?

BM: Ele é o secretário (Célula B, Macassane).

Ent: Você acha que ele se comporta desta maneira porque ele gostaria de vos ver a abandonar a cooperativa?

BM: Não sabemos.

Ent: A cooperativa tomou alguma atitude relativamente ao Muhlanga depois que você reportou o incidente?

BM: Não, eles não falaram com ele.

Ent: Encontrou-se com ele de novo depois desse dia em que ele a insultou?

BM: Encontrei-o na reunião da célula. Vi-o no dia esse dia em que as pessoas (da Sede do Partido em Matutuine) vieram discutir o meu caso contra os que tinham roubado o meu milho. Ele tentou negar qualquer conhecimento do assunto quando foi mencionado à frente dos “grandes” que ele me tinha insultado. No fim ele preferiu manter-se em silêncio perante as muitas testemunhas que tinham apoiado a minha queixa. Contudo, o assunto não foi discutido mais além, uma vez que os “grandes” não tinham vindo discutir esta questão, mas a queixa em relação ao meu milho que tinha sido roubado.

Ent: O que é que aconteceu ao seu milho?

BM: O meu milho foi roubado uma noite quando eu estava fora de casa. Os ladrões abriram o meu celeiro e levaram o milho. Mais tarde, o ladrão foi descoberto depois de eu ter comunicado o roubo. Uma mulher admitiu que tinha sido o marido dela que tinha roubado o meu milho durante a noite (enquanto BM tinha ido visitar umas pessoas amigas). Quando confrontei o homem com esta revelação e lhe pedi para me devolver a parte do meu milho que ainda não tinha sido consumida, ele ameaçou-me de me matar. Contudo, a mulher dele indicou onde o milho tinha sido escondido. Levantou-se um processo contra o homem, e ele foi considerado culpado. Quando me perguntaram

quanto eu queria de compensação pela perda do meu milho, achei difícil indicar um preço. Eu não tinha interesse nenhum no dinheiro – eu só queria ter o meu milho de volta para comer – produzo milho para a minha própria alimentação e não era capaz de dizer qual seria a melhor compensação monetária, uma vez que eu não tinha medido o milho que ele tinha roubado. Contudo, no fim pedi que o ladrão me pagasse 1.000\$00 para eu poder comprar comida. Isto foi aceite e ordenou-se que o réu pagasse esse montante. Mais tarde o dinheiro foi pago *e entregue a eles, que depois mo mostraram.*

Ent: O dinheiro foi entregue ao Muhlangua e aos outros “funcionários do tribunal”?

BM: Sim, foi o Muhlangua que recebeu o dinheiro e veio para minha casa dizer “...aqui está o seu dinheiro; foi pago pelo Machava, o homem que roubou o seu milho. Contudo, não lho vou entregar – você terá de vir receber na Célula do Partido à frente das pessoas”.

Eu disse que estava bem e fui à reunião seguinte do Partido para receber o meu dinheiro. Para minha surpresa, disseram-me então que eu não podia ter o meu dinheiro porque o Machava não tinha dinheiro. Eu disse que eu não compreendia isso, uma vez que o Muhlangua já tinha estado em minha casa e tinha-me mostrado o dinheiro que o Machava lhe tinha dado. Exigi que me explicassem o que tinha acontecido a esse dinheiro durante esse tempo, mas o Muhlangua foi inflexível dizendo que o Machava não tinha pago o dinheiro. O Muhlangua parecia dar a entender que o montante pago como compensação era demasiado elevado relativamente ao milho roubado, e por isso, se me autorizassem a levar os 1.000\$00, isso seria um precedente para outros em futuros litígios.

Ent: No fim recebeu o seu dinheiro?

BM: Nem um centavo dele até hoje.

Ent: Então o assunto vai acabar assim?

BM: Pedi permissão para apelar às estruturas superiores mas a resposta foi que eu tinha de levar a questão para a cooperativa onde trabalho. Como resultado disso, a cooperativa abordou o Partido e obteve a promessa de que o dinheiro seria pago, mas ainda não recebi esse dinheiro.

Ent: Este é um problema sério, o que é que o Machava faz para viver?

BM: Ele produz carvão. Todos eles produzem carvão.

Ent: Ele roubou todo o seu milho?

BM: Ele deixou algum – uma pequena quantidade que enche uma peneira, mm! Não vou desistir – vou continuar com o caso até ter a minha compensação.

Relações de Género: Divisão Sexual do Trabalho

Ent: Dizem que esta é uma *cooperativa de velhas que nunca adoecem, que não têm nada para comer nem para vestir. Isso é verdade?*

BM: Sim, “nunca adoecemos e não comemos nada. Isso é óbvio, e os que nos fazem trabalhar sabem que nós não comemos, porque como é que uma pessoa pode comer se não recebe nada? Se eles nos dessem dinheiro seríamos capazes de ir ao hospital quando estamos doentes, já que tem de se pagar dinheiro para se receber tratamento no hospital. Se eles nos dessem dinheiro seríamos capazes de comprar comida quando a produção falhasse; podíamos comprar capulanas para vestir, e isto seria um reconhecimento (por parte das autoridades) de que nós ficamos doentes (por vezes), e precisamos de tratamento médico; de que não temos comida para comer nem roupa para vestir. Como eles fazem-nos trabalhar sem nos pagarem, isso só pode significar que nós não somos problema nenhum para ninguém! Acordamos todos os dias (sem falhas) e vamos trabalhar, e as autoridades devem estar contentes por terem trabalhadores que não incomodam a ninguém.

Ent: M'tshali Mutima compôs a canção intitulada “a Cooperativa de Velhas” (ver entrevista com Mutima abaixo, pages.146-9), qual é a canção que você compôs?

BM: Mm!

Ent: Qual é a sua canção?

BM: (Rindo-se) a que eu compus chama-se “Os Problemas desta Família”. (ver abaixo, pag.132)

Ent: Ahaa, então essa é a canção que você compôs!

BM: Sim, “o Problema desta Família é pesado, é difícil. Pesa-nos. O que é que vamos vestir quando vamos trabalhar, uma vez que não vemos nenhum dinheiro? Mm!”

Ent: O que é que a fez compor esta canção?

BM: Compus e cantei esta canção a fim de me consolar a mim própria do sofrimento que vivo por causa da fome; não tenho roupa, mas mesmo assim trabalho. Compus esta canção por causa do sofrimento e dificuldade nesta família (a cooperativa) mm!

Ent: Quando é que começou a compor canções – foi quando era jovem ou foi recentemente?

BM: Não tinha nenhum problema quando eu era criança. Compus esta canção agora por causa da dor que sinto no meu coração.

Ent: Você compôs outras canções? Não lhe estou a pedir para cantar agora – só quero saber se você compôs outras canções.

BM: Não, não há outras canções.

Ent: Esta é a única canção que você compôs?

BM: Esta é a única (com um risada).

Ent: Como é que você compôs esta canção – sentou-se muito quieta sozinha em casa, e pensou nas suas experiências?

BM: Estávamos todos reunidos lá acima no armazém, a descascar sementes de girassol, quando senti que não havia nenhuma finalidade no trabalho que estávamos a fazer, porque estávamos a trabalhar para nada. Então comecei a trautear esta canção que tinha aparecido subitamente na minha cabeça. Continuei a sussurrar e a cantar, até que as outras mulheres, que tinham estado até essa altura a gozar e a rir-se do meu sussurro, decidiram juntar-se a mim na canção.

Ent: Você estava totalmente concentrada a descascar girassol, sentindo muita dor no peito.

BM: Sim.

Ent: Você sentia que estavam a trabalhar para nada, e depois começou esta canção.

BM: Sim, eu sozinha, enquanto as outras se riam; mas mais tarde juntaram-se a mim. Tudo isso aconteceu precisamente ali onde estávamos a descascar girassol; quando as costas estavam a arder (a doer).

Ent: A sua linda canção foi agora gravada e será ouvida por muitas pessoas.

BM: Isso aconteceu quando a minha neta estava doente e eu tive que tomar conta dela.

Ent: A sua canção é muito bonita porque ajuda a compreender mais claramente alguns dos problemas que vocês enfrentam na cooperativa – incluindo as vossas expectativas e desilusões.

BM: *Como trabalhamos cinco anos sem pagamento, o que vamos vestir quando vamos trabalhar se não recebemos nenhum pagamento?*

Canção: Mhaka Ya Lowu Muti

(NB: Cada parágrafo é cantado duas vezes)

1. Musumi: Mhaka ya lowu muti

Vapangalati: Ya tika, ya tika, ya hi hlula, le ndyangwini n'wina-a-a
Xana hi ta tirha na hi yambala yini hikusa mali ya kona a hi yi woni?

2. Mu: A hi tshameni

Vap: A hi tshameni hansi, hi yi dyonza mhaka, hi yi dyonza swinene,
ya ma—le
Xana hi ta tirha na hi yambala yini hikusa mali ya kona a hi woni?

3. Mu: A ku ntshuseka

Vap: A ku ntshuseka ka hina, aku hetisekanga, loko hi nga hole a ma—le
Xana hi ta tirha na hi yambala yini hikusa mali ya kona a hi woni?

4. Mu: Ntlhanu wa malembe

Vap: Hina ntlhanu wa malembe, na hi tirha maxamba, na hin nga hole a ma—le
Xana hi ta tirha na hi yambala yini hikusa mali ya kona a hi woni?

5. Mu: A hi tshameni

Vap: A hi tsameni hansi, hi yi dyonza a mhaka, hi yi dyonza swinene,
ya ma—le

Xana hi ta tirha na hi yambala yini hikusa mali ya kona a hi woni?

Versão portuguesa: Os problemas desta família

1. Regente: Os problemas desta família

Coro: São difíceis, são difíceis, são muito pesados para a família

Como é que vamos trabalhar sem roupa para vestir, se não vemos o dinheiro?

2. Regente: Vamo-nos sentar

Coro: Vamo-nos sentar e estudar este problema; vamos estudá-lo cuidadosamente

Como é que vamos trabalhar sem roupa para vestir se não vemos o dinheiro?

3. Regente: A nossa libertação

Coro: A nossa libertação não está completa se nós não ganharmos dinheiro

Como é que vamos trabalhar sem roupa para vestir se não vemos o dinheiro?

4. Regente: Cinco anos

Coro: Trabalhámos nesta cooperativa há cinco anos sem pagamento

Como é que vamos trabalhar sem roupa para vestir se não vemos o dinheiro?

5. Regente: Vamo-nos sentar

Coro: Vamo-nos sentar e estudar este problema; vamos estudá-lo cuidadosamente

Como é que vamos trabalhar sem roupa para vestir se não vemos o dinheiro?

Ent: Embora uma das canções diga que *esta é uma cooperativa das mulheres*, existem também membros do sexo masculino aqui. A maior parte das mulheres que eu entrevistei reclama que são apenas as

mulheres que fazem todo o trabalho – enquanto que os homens ficam sentados sem fazer nada todo o dia. Qual é a sua opinião acerca disso?

BM: Nós achamos muito surpreendente que eles (homens) não façam nenhum trabalho – mas é verdade, eles não trabalham. Quando nós chegámos para trabalhar de manhã encontramos-os sentados lá no armazém, e quando despertamos, deixamos-os ainda lá sentados. Não compreendemos porque é que eles não trabalham. Eles ficam aborrecidos quando nós lhes perguntamos porque é que não trabalham; mas é verdade, eles não trabalham.

Ent: Vocês têm medo deles quando se zangam convosco por lhes perguntarem porque é que não trabalham?

BM: Sim, eles criam problemas connosco, afirmando que trabalham, mas não nos batem, não!

Ent: Mas vocês têm medo deles?

BM: Nós respeitamos-os porque são homens, e quando eles ficam aborrecidos nós ficamos caladas; dizendo para nós mesmas “*bem, deixamos em paz porque eles sabem o que estão a fazer!*”

Ent: Quando você diz que mostram respeito por eles *serem homens*, quer dizer que vocês ainda observam as regras tradicionais que existiam antes da independência, que governavam as relações entre homens e mulheres? E sobre a política da FRELIMO, que diz que “...não há homem e não há mulher...” hoje em Moçambique – vocês não seguem essa norma para lutarem contra a exploração de que são vítimas por parte dos vossos colegas do sexo masculino na cooperativa?

BM: Sim, isso é o que nos surpreende, que estes homens, conhecedores da lei que diz que não há homens nem mulheres (somos iguais) hoje em Moçambique, continuem a comportar-se como no passado. E porque nós sabemos que eles conhecem lei, não vemos por esse motivo nenhuma pertinência em nos envolvermos em discussões intermináveis com eles sobre isto. Nós achamos que devemos deixá-los em paz porque eles sabem o que estão a fazer.

Ent: Não acham que vocês, da O.M.M., devem continuar a lutar e a confrontar os homens com esta questão, mesmo que eles fiquem aborrecidos?

BM: Nós não sabemos – nós estamos com medo e assustadas, por isso quando eles se zangam connosco nós ficamos caladas.

Ent: Ontem o Josefa Tembe (o capataz) juntou-se a vocês e às outras mulheres para sacharem, será que ele trabalha às vezes?

BM: Mesmo o Josefa não trabalha. Ele vem para aqui só para marcar o tamanho da área que nós temos que sarchar por dia, e depois vai-se embora para se juntar aos outros homens no armazém. Depois volta para ver se as metas foram atingidas. O dia dele de trabalho acaba depois de ele ter marcado os nossos cartões no armazém.

Ent: Uma das canções que vocês cantaram ontem dizia “oiçam todos vocês camaradas, há exploradores na família de Josina ...”. Como é que os *problemas desta família* vão acabar se vocês desistirem de lutar?

BM: “*Oiçam todos vocês camaradas, há exploradores na casa de Josina, nós vamos continuar a trabalhar para eles?* (ver entrevista com JJT acima).

Ent: Quem compôs esta canção?

BM: Não me lembro, mas acho que foi alguém da família de Mashele. A verdade é que quando cantamos, levamos as coisas menos seriamente; não pomos tudo no coração, e por isso muitas vezes esquecemos. Muitas vezes nós apenas cantamos e rimos, e depois não nos lembramos do nome do compositor.

Ent: Mas estas canções têm um grande significado.

BM: Mm! Nós só cantamos para nos consolarmos.

Ent: E a outra canção, a que fala sobre o secretário em Mughangeni – quem é o secretário?

BM: É Pedro Massinga.

Ent: Ele tem também alguns problemas?

BM: Bem! Quando eles cantam que *há perigo em Mughangeni*, não é essa a pessoa de quem estão a falar? Quando eles dizem que há pessoas arrogantes não estão a falar dele? (A canção diz) “o mesmo secretário de Mughangeni rouba patos”, é ele!

Ent: Ahá, então é ele!

BM: Esta é a canção e este é o secretário contra quem a canção foi composta. Ele é um ladrão e *rouba desde lá até lá!* (ele rouba em toda a parte)

Ent: Ele ainda mantém a posição dele como secretário da Célula do Partido?

BM: O caso dele está em estudo; sim, eles ainda estão a estudar o caso dele.

Ent: Khanimambo.

8. M'TSHALI MUTIMA [Wasikokwe Frieda Mungwenya, nascida ca. 1926]

Cargo: Agricultora

Composição do agregado familiar e situação económica

Entrevistador (Ent): Que tal a sua infância – onde é que você nasceu?

M'tshali Mutima (MM): Nasci em Mudada [área de Macassane].

Ent: Quando era jovem o que é que fazia?

MM: Eu fui a escola mas apenas por um período muito curto.

Ent: Quanto tempo esteve na escola?

MM: Fiquei lá um ano, mas os meus irmãos, que frequentavam a Escola da Missão, ensinaram-me um pouco antes de me matricular na escola.

Ent: Que Escola da Missão era essa?

MM: Missão Suíça.

Ent: Como é que eles lhe ensinavam – em que língua estava escrito o seu livro de leitura?

MM: Era um livro em ronga.

Ent: O que é que você fez depois de sair da escola?

MM: Casei-me.

Ent: O seu marido também era de Mudada?

MM: Não, ele não era de Mudada, vinha de Mphoxani.

Ent: Onde é que fica Mphoxani?

MM: É na estrada de Boane.

Ent: Ele veio de Boane para Mudada só para lhe propor casamento?

MM: Sim. Ele tinha uma irmã que vivia aqui e foi ela que me viu primeiro.

Ent: Então foi a irmã dele que a viu e depois foi ter com o irmão para lhe segredar que tinha visto uma futura mulher adequada para ele?

MM: Sim

Ent: A irmã dele falou consigo primeiro antes de falar com o irmão sobre si?

MM: Ela falou comigo antes, mas eu disse-lhe que eu tinha de ver o irmão dela primeiro uma vez que não o conhecia; então vi-o quando ele veio para Mudada depois disso.

Ent: Depois o irmão dela veio directamente falar com a sua família?

MM: Não, ele primeiro foi para casa da irmão e foi ela que o levou para a minha família. Ele então perguntou aos meus pais se eles podiam autorizá-lo a casar comigo, mas eles disseram que eu é que devia decidir se eu o queria para meu marido. Aceitei a proposta dele de casamento depois de uma conversa entre nós.

Ent: Que trabalho é que o seu marido fazia nessa altura?

MM: Ele trabalhava na África do Sul, mas eu não sabia que tipo de trabalho é que ele fazia.

Ent: O seu marido ainda está vivo?

MM: Sim, ainda está vivo mas vive em Mphoxani.

Ent: Vocês estão separados?

MM: Sim, estamos separados. Depois do nascimento do meu primeiro e segundo filho, ambos rapazes, perdi o meu terceiro filho. Fiquei grávida de novo mas tive um aborto. Depois disso apanhei uma doença de pele, e este problema ainda continua, como você pode ver (apontando para os braços e pescoço). O meu marido chegou a um ponto em que não podia tolerar estas desgraças – abortos e problemas de pele, e então decidi mandar-me de volta para a minha família. Ele reclamava que estava a gastar muito dinheiro com o meu problema de pele e por isso mandou-me a mim e aos meus filhos de volta para a minha família. Os pais dele ainda tentaram persuadi-lo dessa decisão, mas sem resultado, por isso voltei para casa da minha família, onde criei os meus filhos, que estão agora casados com as próprias famílias.

Ent: O que é que fazem os seus filhos?

MM: Eles não têm um emprego propriamente dito. O meu primeiro filho primeiro trabalhou no lugar onde fazem estes tubos grandes de esgoto, mas depois perdeu o emprego depois de o branco abandonar a fábrica e sair do país. Agora não tem outro trabalho além da produção de carvão.

Ent: E o seu segundo filho?

MM: Não sei que trabalho é que ele fazia, mas antigamente trabalhava no Natal. Ele voltou para casa pouco depois da Independência (1975) e tem estado desempregado desde então.

Ent: Ele produz carvão?

MM: Sim, mas nos últimos dois meses tem estado a trabalhar na pedreira

local. Como este é apenas um emprego temporário, vai voltar à produção de carvão quando chegar ao fim; não há nenhuma outra possibilidade a não ser voltar para a produção de carvão.

Ent: Você vive com os seus filhos?

MM: Sim, vivo com o meu segundo filho, mas o primeiro tem a sua própria casa.

Ent: Você ainda produz carvão para si?

MM: Agora que trabalho na cooperativa não faço carvão, mas antigamente fazia.

Ent: Você não faz carvão nem mesmo aos sábados e domingos?

MM: Não, não faço porque há muitas outras coisas para fazer. Bem, sim, eu faço algum carvão de vez em quando, quando preciso de dinheiro para comprar roupa. De qualquer maneira, não há dinheiro na produção de carvão porque leva mais de dois meses para uma pessoa preparar um monte para queimar.

Ent: Muitas pessoas nesta área podiam organizar uma *tsima* e convidar outras pessoas para virem cortar um certo número de árvores, deixando a construção do monte para o dono. Você organiza uma *tsima* de vez em quando?

MM: Sim, de vez em quando organizo e isso é um acréscimo à ajuda ocasional que os meus filhos me dão. O que eu faço neste caso é abater uma árvore grande queimando-a a partir da base. Os meus filhos vêm então e cortam-na em pedaços, deixando para mim o trabalho de construir o monte.

Ent: Quantos sacos de carvão você consegue fazer com a *tsima*?

MM: É difícil calcular quantos sacos podem sair de um determinado monte de lenha. É possível conseguir menos carvão de um monte grande do que o esperado porque uma grande parte do carvão pode estragar-se durante o processo, já que não se pode realmente controlar o calor dentro da pilha de lenha.

Ent: O filho com quem vive tem gado?

MM: Não, ele não tem gado, mas o irmão tem uma “pequena cabra.”

Ent: Isso significa que você usa apenas enxada para cultivar?

MM: Usei a enxada durante muito tempo, mas tive que parar de usá-la quando tive uma tosse persistente. Desde então tenho que convidar pessoas para cultivar a minha grande machamba de mandioca, em troca

de mandioca (após a colheita), que eu antes cultivava pessoalmente. Aluguei então um tractor para cultivar as outras machambas em Metendeni com o dinheiro da venda da mandioca. Nos últimos 5-6 anos tenho alugado o tractor à DINAF para cultivar as minhas machambas, excepto no último ano, em que não fiz dinheiro suficiente com o carvão. É difícil produzir carvão quando alguém trabalha na aqui cooperativa. Os 1.340\$00 que recebi da cooperativa, cujo pagamento coincidiu com a morte do meu neto, foram gastos em despesas do funeral, uma vez que o pai não tinha dinheiro.

Ent: Quanto é que lhe cobram pelo aluguer do tractor?

MM: Eles cobram-me 60\$00 por hora e fazem 750\$00 por 7 horas. Eu não estou convencida de que essa importância esteja correcta porque, como lhe disse, não sei ler nem escrever.

Ent: Aqueles que alugam tractores conhecem o tamanho da sua machamba – sabe quantos hectares de terra você tem que estão a ser cultivados?

MM: Bem, os tractoristas são diferentes – alguns são bons, são pessoas honestas, mas outros não são. Houve um homem que veio cultivar uma das minhas machambas, e fê-lo em 11 horas. O segundo homem que eu contratei para cultivar a mesma machamba levou 12 horas, enquanto que o terceiro acabou o trabalho em 13 horas. Quando descobri esta aldrabice, senti-me prejudicada e fiquei muito zangada.

Ent: Sim, eu compreendo isso.

MM: Eu não conheço o tamanho da minha machamba, e é por essa razão que os homens que cultivam me enganaram.

Ent: Usa o tractor nas duas machambas?

MM: Sim, já não posso usar enxada. Também tenho que solicitar ajuda para a sacha porque não posso fazê-lo pessoalmente.

Ent: Que culturas produz?

MM: Eu produzo milho, mapira, batata-doce e mandioca.

Ent: Em anos bons, consegue produzir o suficiente para vender?

MM: Sim, consigo. Contudo, em anos maus, como neste último, a minha colheita só deu para o meu consumo, para dois anos. E, por agora, os meus celeiros estão vazios.

Ent: Lembra-se de algum ano em que teve uma colheita abundante para vender?

MM: No ano da Independência (1975).

Ent: Quantos sacos de milho colheu nesse ano?

MM: Não sei (as colheitas são recolhidas e colocadas nos celeiros sem medir).

Ent: Lembra-se quantos sacos de milho vendeu nesse ano?

MM: Não sei, porque não vendemos em sacos – vendemos em pequenas quantidades (uma lata ou uma peneira, etc.)

Ent: Vende apenas para os seus vizinhos?

MM: Sim, para todos os vizinhos que tenham necessidade. Contudo, existem aqueles com quem não tenho boas relações; aqueles que chamam uma pessoa de *mulungo*, “*branco*”, só porque essa pessoa é capaz de alugar um tractor, e eles não gostam dela por isso!

Ent: Tem muitos inimigos na sua vizinhança?

MM: Oh, sim! Acha que as pessoas podem viver juntas sem uma começar a ficar com inveja da outra por causa daquilo que uma tem e a outra não tem? (Risos) Mesmo agora, tenho inveja de si porque você tem isso (apontando para o gravador).

Ent: Isso significa que, pelo menos, você é capaz de produzir comida suficiente para o seu próprio consumo, com excedentes para vender nos anos bons.

MM: Sim, mas alguns anos podem ser tão maus que não tiro nada das minhas machambas.

Ent: E o feijão – não produz isso na sua machamba?

MM: Só produzo o suficiente para o meu próprio consumo, mas não o suficiente para provocar a inveja dos outros.

História do Trabalho

Ent: Você disse-me que cresceu sem nenhuma experiência de trabalho remunerado até à chegada dos agricultores brancos, que começaram a cultivar arroz nesta área. Você fez algum trabalho remunerado para algum desses agricultores?

MM: Sim, fiz trabalho remunerado.

Ent: Onde é que você trabalhou?

MM: Trabalhei nesta mesma machamba, quando pertencia a um homem chamado N'wanyezane⁸.

Ent: Quantos anos trabalhou com N'wanyezane?

MM: Só trabalhei um ano.

Ent: Quanto é que ganhava?

MM: Recebíamos 75\$00 por semana. Mas o meu primeiro trabalho foi no Mpandlane (careca), onde recebíamos 60\$00 por semana, que mais tarde aumentaram para 75\$00 por semana.

Ent: O trabalho que fazia lá era o mesmo que o que tinha quando trabalhava para o N'wanyezane?

MM: Sim, o mesmo trabalho – sachar arroz; nós sachávamos arroz!

Ent: Em termos de métodos de trabalho, qual é que você prefere, entre este e o do tempo de N'wanyezane?

MM: Não sei, mas agora é melhor porque nós largamos ao meio dia e vamos para casa. É mesmo possível sair antes da hora do almoço porque o trabalho está organizado com base em metas. Se você for um trabalhador rápido e começa a trabalhar muito cedo de manhã, pode terminar antes do meio dia e sair. Com o N'wanyezane nós trabalhávamos o dia inteiro. De manhã, logo à chegada, ficávamos em fila e trabalhávamos até ao meio dia, altura em tínhamos o intervalo para o almoço. Recomeçávamos depois do almoço e trabalhávamos até às 17 horas. Certamente que agora é melhor, embora as nossas casas fiquem longe da cooperativa, voltamos a tempo de fazer os nossos próprios trabalhos caseiros, se o sol quente não nos tiver tirado toda a energia. No tempo de N'wanyezane não era possível ter qualquer tempo livre para nós. Uma pessoa ficava o dia todo na machamba e só chegava a casa com energia suficiente apenas para cozinhar e ir dormir!

Ent: Levavam a vossa comida para o almoço?

MM: Sim levávamos, tal como fazemos agora.

⁸ N'wanyezane era a alcunha de um capataz do *xibalo* muito famoso, que trabalhava nos distritos da Moamba – Namaacha. Ele tinha consciência da sua cara cheia de cicatrizes de varíola (*nyezane*).

História da Cooperativa: Mobilização, Recrutamento e Relacionamento com as Estruturas do Governo

Ent: Toda a informação que nós recolhemos até agora mostra que a cooperativa começou bem até depois da primeira colheita, quando as coisas começaram a andar mal. O resultado foi que as pessoas começaram a desertar. O que é que você acha que devia ser feito para atrair essas pessoas a voltarem, por forma a prevenir o colapso total?

MM: A cooperativa vai morrer (se não entrarem novos membros) mas eu não sei o que se pode fazer. A vida é imprevisível; nós não sabemos o que é que o amanhã nos reserva. Aqueles que saíram da cooperativa podiam voltar se vissem que os que permaneceram têm *roupa para vestir e comida para comer como resultado do seu trabalho na cooperativa*. De facto, algumas das pessoas aqui presentes voltaram a juntar-se à cooperativa quando nós começamos a vender a comida da Loja do Povo. Antigamente nós não sabíamos que as mulheres podiam trabalhar e ganhar o seu próprio dinheiro; descobrimos isso quando os primeiros agricultores coloniais vieram para cá, para começar a produzir arroz e começaram a empregar mulheres assalariadas. *Se os membros da cooperativa, homens, mulheres, jovens e velhos conseguissem comprar roupa e alimentar-se a si próprios a partir do seu salário na cooperativa, os outros seriam atraídos e queriam associar-se. Mas agora eles olham para nós como se fôssemos prisioneiros; eles não acreditam que o compromisso pessoal é a razão porque continuamos a trabalhar aqui. Para eles, parece que nós somos forçados a trabalhar aqui uma vez que não ganhamos nada.*

Ent: Eles dizem realmente que vocês são prisioneiros?

MM: Sim, como é que eles não podem dizer isso, se não há nenhum benefício aparente no nosso esforço que se possa ver? Eles dizem que o trabalho que nós fazemos aqui não tem nenhuma importância (e é por isso que não recebemos).

Ent: Eles dizem quem é que vos está a forçar a trabalhar?

MM: Bem, eles dizem que nós somos prisioneiros do nosso próprio coração, porque se uma pessoa saísse da cooperativa não haveria autoridade que a obrigasse a ficar. Nenhum de nós aqui está a ser mantido contra a sua vontade.

Ent: Isso significa que vocês podem sair da cooperativa sempre que o quiserem fazer?

MM: Sim, é como o casamento: uma mulher pode continuar com a sua vida de casada mesmo se a fazem sofrer, mas uma outra pode decidir partir. Algumas mulheres podem mesmo abandonar o lar *onde não há nenhum sofrimento*. É a mesma coisa que acontece connosco porque, embora nós não ganhem nada na cooperativa, decidimos continuar para ver como é que as coisas vão terminar. Sim, nós vamos continuar este trabalho mesmo que a machamba seja demasiado grande para os poucos de nós que aqui estamos.

Ent: Se você tivesse poder para decidir, como devia, porque é que vocês estão a cultivar uma área tão grande, a que não conseguem dar o devido atendimento?

MM: A razão é que acreditamos que cultivando um campo grande nós vamos conseguir uma grande colheita e grandes lucros. Contudo, vemos agora que não há compatibilidade entre o desejo e a realidade.

Ent: Você quer dizer que foi vossa própria decisão, como membros, pôr tractores a cultivar uma área tão grande na crença de que vocês iam automaticamente ter uma colheita rica?

MM: Foi nossa vontade porque, quando os funcionários do governo mandaram a orientação em que sugeriam a extensão de terra que devia ser cultivada, podíamos ter recusado, mas não o fizemos.

Ent: Então foram os funcionários que tomaram a decisão, em primeiro lugar, quanto ao tamanho da terra a ser cultivada?

MM: Sim, eles é que disseram “cultivem aqui, cultivem ali, cultivem acolá”, e quem teria recusado cultivar uma machamba grande se pensasse que era possível obter uma boa colheita? Contudo, as pessoas que são responsáveis pela machamba é que deviam decidir se são capazes ou não de trabalhar essa machamba. Nós também concordámos em aceitar a orientação dos funcionários porque, em anos passados, tínhamos recebido apoio de trabalhadores de fora, mas este ano não ia ser assim. Tivemos apoio na colheita do arroz e contávamos que essa ajuda estaria disponível quando aceitámos a orientação.

Ent: Vocês esperavam essa ajuda para a sacha e para a colheita?

MM: Sim, esperávamos.

Ent: Quer dizer que, se, tivessem sabido que não haveria apoio disponível de fora este ano, teriam recusado a orientação dos funcionários?

MM: Nós não temos nada contra o trabalho, trabalhamos muito para produzir, mas estamos conscientes das nossas limitações. Somos um número demasiado pequeno para conseguir trabalhar nesta machamba sem ajuda de fora.

Ent: Quer dizer que se os funcionários não tivessem mandado a orientação, instruindo-vos a cultivar um espaço tão grande, vocês teriam tomado as vossas limitações em consideração ao tomarem a decisão?

MM: Nunca tomamos tal decisão; nunca nos sentamos para decidir qual a extensão de terra a ser cultivada. No primeiro ano fizemos toda a sacha sem ajuda de fora mas nos anos seguintes, eles pediram dinheiro emprestado ao banco para pagar trabalhadores adicionais para nos ajudarem a schar. O apoio não se materializou este ano.

Ent: Estes funcionários explicaram-vos porque é que este ano não havia apoio?

MM: Disseram que a colheita era muito fraca para necessitar de ajuda. Também disseram-nos que a razão porque não nos pagavam é que o dinheiro estava a ser usado para pagar trabalhadores de fora para nos ajudar a schar.

Relações de Propriedade: Percepções individuais sobre a propriedade da cooperativa

Ent: Na sua opinião, esta cooperativa pertence aos que nela trabalham ou ao governo?

MM: Eu diria que a cooperativa pertence-nos – é nossa.

Ent: O que é que há que mostra que a cooperativa pertence aos membros?

MM: A lei mostra que a cooperativa pertence-nos. A lei diz que a cooperativa pertence a todos nós que nos juntamos para a constituir.

Ent: Acha que os membros têm o poder de decidir sobre como a associação deve ser gerida?

MM: Nós temos o poder – eh, porque produzimos o arroz e depois da colheita debulhamo-lo e mandamo-lo para a fábrica. Depois disso,

começamos a preparar para a sementeira seguinte. Todos os dias acordamos e vamos trabalhar, e esse é o poder que nós temos.

Relações de Género: Divisão Sexual do Trabalho

MM: O meu nome verdadeiro é Wasikokwe Frieda Mungwenya. Quando me associei à cooperativa disseram-nos para dar o nome do chefe de família. Contudo, disseram-nos depois que nos devíamos registar com os nossos próprios nomes. Decidi registar-me como M'tshali Mutima (sendo M'tshali o nome do meu pai e Mutima o nome da família do meu marido). Mungwenya é o meu nome tradicional.

Ent: Você é uma daquelas compositoras de canções que também muitas vezes dirige o canto. Qual é a canção composta por si – *É a chamada “a cooperativa de mulheres velhas”?* (envergonhando-se)

MM: Sim!

Ent: O que é que a fez compor esta canção?

MM: Estávamos a trabalhar na cooperativa há alguns anos quando um dia vieram uns visitantes. Um deles comentou que esta cooperativa parecia ser constituída apenas de mulheres velhas. Ele disse que, uma vez que não havia nenhum jovem na cooperativa, gostava de saber se as mulheres velhas seriam capazes de levantar os sacos de arroz para o camião quando fosse necessário, e sugeriu que devíamos recrutar pessoas mais jovens para se juntarem à cooperativa. Quando ouvimos essas observações pensamos, bem, *mas estas mulheres velhas realmente fazem o trabalho, e fazem-no sem pagamento, sem comida e sem roupa*. Contudo, uma vez que a direcção da cooperativa não parece estar preocupada com esta situação, isso só pode significar que eles estão contentes com a cooperativa de velhas que nunca ficam doentes (apesar de) não terem comida e roupa. Os chefes devem estar felizes porque se uma pessoa está a criar uma criança que nunca fica doente, que não precisa de comida nem de roupa, porque é que tem de se preocupar?

Ent: Seriam “felizes” porque sentiriam que eram uma “criança forte, saudável?”

MM: (Rindo) Não sei, mas foi assim que a canção nasceu. Eu pensei, bem, os nossos chefes chamam-nos *Swikoxani* (termo reservado para mulheres tão velhas que necessitam de uma bengala para se apoiarem),

mas isso deve ser porque eles não se preocupam connosco. Se houvesse pessoas jovens na cooperativa, estes nunca aceitariam ter que trabalhar 6 anos sem pagamento. Eles nunca poderiam ter dito “nós somos do governo” e continuado a trabalhar na cooperativa sem pagamento – não, as pessoas jovens nunca teriam aceite isso! Mas as *mulheres velhas* não dizem nada, não reclamam. Elas levantam-se e vão para o trabalho todos os dias, sem se aborrecerem com o mau estado de saúde, falta de comida e vestuário.

Ent: O que é que acontece quando estas mulheres velhas caem doentes, o que devem fazer às vezes?

MM: Elas caem doentes, naturalmente, mas não podem mesmo assim ir para o hospital porque não têm sequer um centavo no seu bolso para pagar a taxa de consulta. E uma vez que temos que nos apresentar ao serviço todos os dias, e fazêmo-lo, a direcção assume que nós devemos estar de boa saúde.

Ent: Porque é que estas mulheres velhas, não obstante o facto de poderem não estar bem, de terem falta de alimentação adequada e falta de vestuário, ainda continuam a levantar-se e ir para o serviço todos os dias?

MM: (É porque) *estão libertadas e não podem entregar-se à auto-compaixão*. Elas dizem para elas próprias, bem, nós vamos ver o que o governo irá fazer no fim porque nós sabemos que estamos a produzir e as colheitas são entregues “lá” (no armazém). A única despesa de que temos conhecimento é o custo do diesel, e fora disso não temos conhecimento de quaisquer outros custos pelos quais devemos ser responsáveis. Você tem que ter uma paciência enorme para trabalhar um ano inteiro apenas para receber uns (simbólicos) de 1.340\$00. Se você não tem paciência pode facilmente abandonar a cooperativa, porque o trabalho que nós fazemos é cansativo, *especialmente comparado com o trabalho nas Machambas Estatais, onde eles ganham 1500\$00 regulares por mês*.

Ent: Porque é que as mulheres velhas parecem preparadas para continuar a fazer os sacrifícios duros que estão a fazer? De quem é esta cooperativa em todo o caso?

MM: Quando a cooperativa foi fundada, pediram-nos a todos para entrar e trabalharmos juntos para podermos ganhar dinheiro com a nossa produção, para nos alimentarmos e vestirmo-nos a nós próprios.

Disseram-nos trabalhando duro nesta machamba, seríamos capazes de eliminar a pobreza e, por isso, avançamos e começamos a trabalhar aqui.

Ent: Você é uma daquelas que receberam o seu pagamento no primeiro ano?

MM: Não, eu não recebi no primeiro ano; o meu primeiro pagamento foi de 1.340\$00. Muitas pessoas, incluindo aquelas que tinham recebido, deixaram a cooperativa e nunca mais voltaram. Contudo, eu decidi continuar com o trabalho, dizendo para mim mesma, bem, eu devo continuar e ver o que pode acontecer no futuro. Houve uma fraca colheita no segundo ano e, além do mais, tivemos sérios problemas com pássaros que devastaram o arroz. Não pudemos culpar ninguém pela fraca colheita e decidimos prosseguir com o trabalho. O terceiro ano trouxe uma melhor colheita, e foi quando eu recebi o meu primeiro pagamento de 1.340\$00.

Ent: A canção que você compôs, “A Cooperativa de Mulheres Velhas”, é sobre a sua experiência nesta cooperativa, que é constituída por homens e mulheres. Como é que vocês trabalham juntos?

MM: *Nós trabalhamos bem juntos, embora os “seniores”, porque um homem é “sénior” para uma mulher, mesmo que seja mais novo que ela (mas...); ele é sénior porque é ele quem constrói a casa onde nós dormimos.* Os homens descem para aqui e medem o tamanho dos lotes que cada uma de nós deve schar, com base em metas, e então retiram-se para o armazém, onde passam o resto do dia. Nós não sabemos realmente o que eles fazem lá, mas assumimos que eles devem estar a trabalhar.

Ent: Vocês fazem essa suposição mesmo quando não vêm nenhuma evidência de que eles fazem realmente algum trabalho?

MM: Sim.

Ent: Vocês acreditam realmente que os homens fazem algum trabalho?

MM: Sim, eu acredito que eles trabalham, uma vez que todos nós encontramos-nos lá no armazém, quando nos apresentamos para trabalhar de manhã.

Ent: Você não acha que considerar um homem como “sénior” para uma mulher, independentemente da idade e da capacidade, é a maneira de pensar “tradicional”?

MM: Sim, é.

Ent: Porque é que vocês ainda pensam e agem desta maneira muitos anos depois da independência?

MM: *O Governo tem dito que hoje não existe nenhuma diferença entre as gerações velhas e novas, não há homem e não há mulher. Isto significa que nós devemos respeitar-nos uns aos outros, independentemente da idade e do sexo – todos têm o direito de ser ouvidos. No passado, uma mulher não tinha voz, e tudo o que dissesse, mesmo que estivesse certo, a sua opinião seria ignorada simplesmente porque ela era uma mulher. Hoje é diferente: uma mulher tem o direito de ser ouvida e a sua opinião só pode ser ignorada se ela não estiver certa.*

Ent: Os homens estão preparados para ouvir as mulheres e respeitar a sua opinião na cooperativa?

MM: Sim, eles aceitam-nas.

Ent: As mulheres nesta cooperativa consideram-se a elas próprias como “libertas”?

MM: Sim, as mulheres estão libertas porque os homens ouvem-nas.

Ent: Numa das canções que vocês cantam enquanto estão a trabalhar, há uma linha que diz “A nossa libertação não está...”

MM: (Interrompendo para concluir a linha) “*A nossa libertação não está completa quando trabalhamos durante cinco anos sem pagamento*”. Sim, há qualquer coisa aqui; como é que podemos comer e comprar roupa se não recebemos! A canção foi, contudo, composta por Bhekabheka Maphelani e não por mim (ver entrevista com BM acima, pags.130-3).

Ent: Como é que procede para compor uma canção – sonha com ela à noite?

MM: Não, não sonho com ela à noite, mas sento-me e penso sobre ela. Sento-me e penso na vida e faço algumas considerações no meu coração – “isto e aquilo aconteceu e porque é que foi isso?” Isto vai acontecendo até que as palavras surgirem na minha boca, e nesse ponto eu posso contar a qualquer outra pessoa sobre a canção.

Ent: Não se esquece às vezes das palavras, depois de se terem formado na sua boca?

MM: Não, não me esqueço porque é como o nome de alguém; dão-lhe um nome quando nasce e não o esquece depois – você nunca se esquece

de dizer o seu nome a outras crianças quando brinca com elas. Quando você começa a pensar sobre uma canção, é como se estivesse a brincar, então ela agarra-se e fica consigo.

Ent: Quando é que começou a compor canções?

MM: Só comecei recentemente.

Ent: Quer dizer que só começou a compor quando entrou na cooperativa?

MM: Sim.

Ent: Isso não pode ser verdade; você deve ter composto canções quando era mais jovem.

MM: Não estou a mentir; é a verdade.

Ent: Que tal cantar – você parece que gosta disso.

MM: Eu gosto de cantar. Se alguém começa uma nova canção eu apanho-a rapidamente, de modo que posso mesmo começar a dirigir o canto mais ou menos imediatamente. Eu costumava lembrar-me e reter melhor as canções quando era mais jovem, mas agora esqueço-me algumas vezes por causa da idade. Aqueles que sabem escrever estão em melhor situação, porque mesmo quando ouvem e vêem muitas coisas ao mesmo tempo, podem tomar notas para se lembrarem!

Ent: A sua canção foi agora gravada em cassete e será preservada durante muitos anos para que as crianças que ainda não nasceram possam ouvi-la.

MM: Bem, não é isso que eu lhe disse exactamente – que se você sabe como escrever não precisa de se preocupar por esquecer as coisas que não se perderão!

Ent: Kanimambo!

MM: Sim, é.

Ent: Porque é que vocês ainda pensam e agem desta maneira muitos anos depois da independência?

MM: *O Governo tem dito que hoje não existe nenhuma diferença entre as gerações velhas e novas, não há homem e não há mulher. Isto significa que nós devemos respeitar-nos uns aos outros, independentemente da idade e do sexo – todos têm o direito de ser ouvidos. No passado, uma mulher não tinha voz, e tudo o que dissesse, mesmo que estivesse certo, a sua opinião seria ignorada simplesmente porque ela era uma mulher. Hoje é diferente: uma mulher tem o direito de ser ouvida e a sua opinião só pode ser ignorada se ela não estiver certa.*

Ent: Os homens estão preparados para ouvir as mulheres e respeitar a sua opinião na cooperativa?

MM: Sim, eles aceitam-nas.

Ent: As mulheres nesta cooperativa consideram-se a elas próprias como “libertas”?

MM: Sim, as mulheres estão libertas porque os homens ouvem-nas.

Ent: Numa das canções que vocês cantam enquanto estão a trabalhar, há uma linha que diz “A nossa libertação não está...”

MM: (Interrompendo para concluir a linha) “*A nossa libertação não está completa quando trabalhamos durante cinco anos sem pagamento*”. Sim, há qualquer coisa aqui; como é que podemos comer e comprar roupa se não recebemos! A canção foi, contudo, composta por Bhekabheka Maphelani e não por mim (ver entrevista com BM acima, pags.130-3).

Ent: Como é que procede para compor uma canção – sonha com ela à noite?

MM: Não, não sonho com ela à noite, mas sento-me e penso sobre ela. Sento-me e penso na vida e faço algumas considerações no meu coração – “isto e aquilo aconteceu e porque é que foi isso?” Isto vai acontecendo até que as palavras surgirem na minha boca, e nesse ponto eu posso contar a qualquer outra pessoa sobre a canção.

Ent: Não se esquece às vezes das palavras, depois de se terem formado na sua boca?

MM: Não, não me esqueço porque é como o nome de alguém; dão-lhe um nome quando nasce e não o esquece depois – você nunca se esquece

de dizer o seu nome a outras crianças quando brinca com elas. Quando você começa a pensar sobre uma canção, é como se estivesse a brincar, então ela agarra-se e fica consigo.

Ent: Quando é que começou a compor canções?

MM: Só comecei recentemente.

Ent: Quer dizer que só começou a compor quando entrou na cooperativa?

MM: Sim.

Ent: Isso não pode ser verdade; você deve ter composto canções quando era mais jovem.

MM: Não estou a mentir; é a verdade.

Ent: Que tal cantar – você parece que gosta disso.

MM: Eu gosto de cantar. Se alguém começa uma nova canção eu apanho-a rapidamente, de modo que posso mesmo começar a dirigir o canto mais ou menos imediatamente. Eu costumava lembrar-me e reter melhor as canções quando era mais jovem, mas agora esqueço-me algumas vezes por causa da idade. Aqueles que sabem escrever estão em melhor situação, porque mesmo quando ouvem e vêem muitas coisas ao mesmo tempo, podem tomar notas para se lembrarem!

Ent: A sua canção foi agora gravada em cassete e será preservada durante muitos anos para que as crianças que ainda não nasceram possam ouvi-la.

MM: Bem, não é isso que eu lhe disse exactamente – que se você sabe como escrever não precisa de se preocupar por esquecer as coisas que não se perderão!

Ent: Kxanimambo!

Canção: Koparativha Ya Swikoxani

Musumi: Naye Samora

Vapangalati: A nyoxe ngopfu hi koparativha ya swikoxani

Mu: Naye Samora

Vap: A nyoxe ngopfu hi koparativha ya swikoxani

Mu: A swi na ndava-a

Vap: A swi na ndava-a

A swi vabye, a swi yambale, a swi dyi nchumu

A swi na ndava-a

A swi vabye, a swi yambale, a swi dyi nchumu

Mu: Naye Josina

Vap: A nyoxe ngopfu hi koparativha ya swikoxani

Mu: Naye Josina

Vap: A nyoxe ngopfu hi kaporativa ya swikoxani

Mu: A swi na ndava-a

Vap: A swi na ndava-a

A swi vabye, a swi yambale, a swi dyi nchumu

A swi na ndava-a

A swi vabye, a swi yambale, a swi dyi nchumu

Mu: Va ka Josina

Vap: A nyoxe ngopfu hi koparativha ya swikoxani

Mu: Va ka Josina

Vap: A nyoxe ngopfu hi koparativha ya swikoxani

Mu: A swi na ndava-a

Vap: A swi na ndava-a

A swi vabye, a swi yambale, a swi dyi nchumu

A swi na ndava-a

Loku rixile swo khupuka-a, swo kongoma entirhweni.

Versão portuguesa: A cooperativa das mulheres velhas

Regente: Também Samora

Coro: Está satisfeito com a cooperativa das mulheres velhas

Regente: Também Samora

Coro: Está satisfeito com a cooperativa das mulheres velhas

Regente: Não há preocupações para ninguém

Coro: Não há preocupações para ninguém

Elas nunca adoecem, não têm roupa, e não têm nada para comer.

Regente: Também Josina

Coro: Está satisfeita com a cooperativa das mulheres velhas

Regente: Também Josina

Coro: Está satisfeita com a cooperativa das mulheres velhas

Regente: Não há preocupações para ninguém

Coro: Não há preocupações para ninguém

Elas nunca adoecem, não têm roupa, e não têm nada para comer.

Rêgente: Também os de Josina (membros da cooperativa)

Coro: Estão satisfeitos com a cooperativa das mulheres velhas

Regente: Também os de Josina

Coro: Estão satisfeitos com a cooperativa das mulheres velhas

Regente: Não há preocupações para ninguém

Coro: Não há preocupações para ninguém

Elas nunca adoecem, não têm roupa, e não têm nada para comer.

(Mas) Ao nascer do sol elas atravessam o vale e vão trabalhar.

Anexo: Outras Canções

Canção 1: Hlamalane

Musumi: Hlamalane!

Vapangalatani: Vana va Mosambike

Mu: Hlamalane!

Vap: A lembe ra *setenta quatro* (1974)

Mu: Loko hi vona
Vap: Xipakani xitsutsuma kondlo
Mu: Loko hi vona
Vap: Xipakani xitsutsuma kòndlo

Mu: Hewulane!
Vap: He-e, hewu, hewu !
Mu: Hewulane!
Vap: Hewulane xikolonyi
Mu: Hewulane!
Vap: He-e, hewu, hewu !
Mu: Hewulane!
Vap: Hewulane xikolonyi

Versão portuguesa: Estamos surpresos

Regente: Estamos surpresos
Coro: Nós, os filhos (patriotas) de Moçambique
Regente: Estamos surpresos
Coro: O ano de 1974
Regente: Quando vimos
Coro: O gato (palmatória) a fugir do rato
Regente: Quando vimos
Coro: O gato a fugir do rato

Regente: Gritem! (ao colonialista)
Coro: He-e, hewu, hewu
Regente: Gritem!
Coro: He-e, hewu, hewu colonialista
Regente: Gritem!
Coro: He-e, hewu, hewu colonialista
Regente: Gritem!
Coro: He-e, hewu, hewu colonialista

Canção 2: Hi Ni Ku Tsaka

Mu: Hi ni kutsaka hina vamamana
Vap: Leswi hi nga kuma a ntshuxeko
Mu: Hi ni kutsaka hina vamamana
Vap: Leswi hi nga kuma a ntshuxeko
Mu: Ntshuxeko-o
Vap: Hi ntshuxekile, hi ntshuxekile
Leswi hi nga kuma a ntshuxeko

Mu: Hi ni kutsaka hina vakokwana
Vap: Leswi hi nga kuma a ntshuxeko
Mu: Hi ni kutsaka hina vakokwana
Vap: Leswi hi nga kuma a ntshuxeko
Mu: Ntshuxeko-o
Vap: Hi ntshuxekile, hi ntshuxekile
Leswi hi nga kuma a ntshuxeko

Mu: Hi ni kutsaka hina xitshungo
Vap: Leswi hi nga kuma a ntshuxeko
Mu: Hi ni kutsaka hina xitshungo
Vap: Leswi hi nga kuma a ntshuxeko
Mu: Ntshuxeko-o
Vap: Hi ntshuxekile, hi ntshuxekile
Leswi hi nga kuma a ntshuxeko

Versão portuguesa: Estamos felizes

Regente: Nós, as mulheres estamos felizes
Coro: Porque estamos livres
Regente: Nós, as mulheres estamos felizes
Coro: Porque estamos livres
Regente: Oh, liberdade!
Coro: Estamos livres, estamos livres
Porque fomos libertadas

Regente: Nós, os avós estamos felizes
Coro: Porque estamos livres
Regente: Nós, os avós estamos felizes
Coro: Porque estamos livres
Regente: Oh, liberdade!
Coro: Estamos livres, estamos livres
Porque fomos libertados

Regente: Nós, o povo estamos felizes
Coro: Porque estamos livres
Regente: Nós, o povo estamos felizes
Coro: Porque estamos livres
Regente: Oh, liberdade!
Coro: Estamos livres, estamos livres
Porque fomos libertados

Canção 3: Masocha Ya Frelimo

Mu: Hina hi va mani?
Vap: Hina hi masocha
Mu: Masocha ya mani?
Vap: A masocha ya Frelimo
Mu: Masocha ya mani?
Vap: A masocha ya Frelimo.

Versão portuguesa: Soldados da Frelimo

Regente: Quem somos nós?
Coro: Nós somos soldados
Regente: Soldados de quem?
Coro: Soldados da Frelimo
Regente: Soldados de quem?
Coro: Soldados da Frelimo.

Observação: Esta canção de trabalho com um único parágrafo pode ser repetida tantas vezes quantas o regente quiser ou até que o coro indique que está a tornar-se monótona:

Canção 4: Hi Ta Tirhela Tiko Ra Hina

Mu: Hina vavasati va Musambiki

Vap: Hi ta tirhela tiko ra hina

Hina vavasati va Musambiki

Hi ta tirhela tiko ra hina

Mu: Hi ya-aka tiko

Vap (Ntlawa 1): Hi ya-aka tiko

(Ntlawa 2): A-a-a, hi ya-aka tiko

(Ntlawa 1): Hi ya-aka tiko

(Ntlawa 1 na 2): A-a-a., hi ya-aka tiko

Tiko ra hina ra Musambiki

(Ntlawa 1 na 2): Ku sukela Rovuma ku fikela ka

Maputso(Nambu)

Hi ta tirhela tiko ra hina

Ku sukela Rovuma ku fikela Maputso

Hi ta tirhela tiko ra hina

Ntlawa 1: Hi ya-aka tiko

Ntlawa 2: A-a-a, hi ya-aka tiko

Ntlawa 1: Hi ya-aka tiko

Ntlawa 1 na 2: A-a-a, hi ya-aka tiko

Tiko ra hina ra Musambiki

Versão portuguesa: Trabalharemos para o nosso país

Regente: Nós, as mulheres de Moçambique

Coro: Trabalharemos para o nosso país

Nós, as mulheres de Moçambique
Trabalharemos para o nosso país

Regente: Construiremos o país

Coro (Grupo 1): Construiremos o país

(Grupo 2): A-a-a, construiremos o país

(Grupo 1): Construiremos o país

(Grupos 1e2): A-a-a, construiremos o país
O nosso país, Moçambique.

Grupos 1 e 2: Do Rovuma ao Maputo (Rio)

Trabalharemos para o nosso país

Do Rovuma ao Maputo

Trabalharemos para o nosso país

Grupo 1: Construiremos o país

Grupo 2: A-a-a, construiremos o país

Grupo 1: Construiremos o país

Grupo 1 e 2: A-a-a, construiremos o país
O nosso país, Moçambique.

Canção 5: Tivoneleni Khombo Ka Mughangeni

Mu: Tivonele Khombo Ka Mughangeni

Kuni vanu wa nkanu ka Mughangeni

Vap: Ka Mughangeni

Mu: Tivonele Khombo Ka Mughangeni

Vap: Khombo Ka Mughangeni

Mu: Kuni vanu wa nkanu ka Mughangeni

Vap: Nkanu Ka Mughangeni

Mu: Va tsema tihomo

Vap: Ka Mughangeni

Mu: Hi vone vanu wa nkanu ka Mughangeni

Vap: nkanu ka Mughangeni

Mu: *Sekeretani* wa kona

Vap: Ka Mughangeni

Mu: A yiva tihuko

Vap: Tihuko ka Mughangeni

Mu: Tivonele Khombo Ka Mughangeni

Vap: Khombo Ka Mughangeni

Mu: Va hisa mxamba Ka Mughangeni

Vap: Ka Mughangeni

Mu: Va hisa ni mpunga Ka Mughangeni

Vap: Ni mpunga Ka Mughangeni

Mu: Tivonele Khombo Ka Mughangeni

Vap: Khombo Ka Mughangeni

Versão portuguesa: Cuidado; Há perigo em Mughangeni⁹

Regente: Cuidado; há perigo em Mughangeni

Há pessoas hostis

Coro: Em Mughangeni

Regente: Cuidado; há perigo

Coro: Há perigo em Mughangeni

Regente: Há pessoas hostis em Mughangeni

Coro: Hostilidade em Mughangeni

Regente: Eles atacam o gado (com faca do mato)

Coro: Em Mughangeni

Regente: Vimos pessoas hostis

Coro: Pessoas hostis em Mughangeni

Regente: O actual Secretário (do Partido)

⁹Esta canção ilustra o estado de conflito e animosidade que existia entre a cooperativa e a comunidade de uma maneira geral. É significativo que a canção tenha sido dirigida pelo próprio presidente da cooperativa quando foi gravada em cassette (consultar as notas na Introdução, assim como as entrevistas com BM (em particular) e JJT, acima).

Coro: Em Mughangeni
Regente: Ele rouba galinhas
Coro: (Ele rouba galinhas) em Mughangeni

Regente: Cuidado; há perigo
Coro: Perigo em Mughangeni
Regente: Eles queimam as machambas
Coro: Em Mughangeni
Regente: Eles queimam machambas de arroz em Mughangeni
Coro: E machambas de arroz em Mughangeni
Regente: Cuidado; há perigo em Mughangeni
Coro: Perigo em Mughangeni

Canção 6: Xihanya Nomo

Mu: Langusa we...
Vap: Xihanya nomo
Mu: Langusa we...
Vap: Xihanya nomo
Mu: Langusa we...
Vap: Xihanya nomo, kasi mbilo yona ya vaviseka

Mu: Name ndzi tlula hi...
Vap: Hi huku
Mu: Yoleyi nwaka...
Vap: nwaka mati
Mu: Yo lavisa wena
Vap: Wena, mawaku xitsumbo xa Hosi

Mu: Wa nga hlaya we...
Vap: Vuhanya nomo
Mu: Wa nga hlaya we...
Vap: Vuhanya nomo
Mu: Nami ndzi tlula hi huku
Vap: Vuhanya nomo, kasi yi dzumisa Hosi.

Versão portuguesa: Sofredor silencioso

Regente: Olha...

Coro: Sofredor silencioso

Regente: Olha...

Coro: Sofredor silencioso

Mesmo com mágoa no coração

Regente: Uma galinha está melhor do que eu

Coro: Uma galinha está melhor

Regente: A que bebe água

Coro: A que bebe água

Regente: Olha para ti

Coro: Ai! (eu sou) um cadáver de Deus

Regente: Diz qualquer coisa!

Coro: Silencioso sofredor

Regente: Diz qualquer coisa!

Coro: Silencioso sofredor

Regente: Uma galinha está melhor do que eu

Coro: Silencioso sofredor; mesmo assim louva a Deus [quando ela levanta a cabeça quando está a beber].

Posfácio

A nova constituição, promulgada em 1990, introduziu um sistema democrático multipartidário e uma *economia de mercado* em Moçambique, afastando assim o país da experiência *socialista* adoptada depois da independência. Para reflectir esta mudança, as cooperativas de produção agrícola existentes foram, dali em diante, chamadas *associações de agricultores*. Além da mudança de nome, algumas das cooperativas deixaram de existir em consequência da guerra.

Para saber qual teria sido o destino da Cooperativa de Macassane, o Departamento de História e o Arquivo Histórico de Moçambique organizaram uma visita de estudo a Bela Vista, à administração do distrito de Matutuine (1 de Junho de 2001). A equipa de pesquisa não conseguiu fazer uma visita à própria cooperativa por falta de tempo, mas conseguiu localizar Daniel Tembe, o actual presidente da cooperativa, com quem teve uma breve entrevista na vila.

Daniel Tembe, de 45 anos de idade, é um antigo soldado que participou nas Forças de Manutenção da Paz das Nações Unidas durante as Eleições Gerais em Moçambique. Quando foi desmobilizado das forças armadas em 1994, decidiu comprar duas vacas e uma charrua com o dinheiro da desmobilização e voltar para o seu distrito de origem, para se juntar à Cooperativa de Macassane, agora conhecida por Associação de Agricultores de Macassane.

Segue-se um breve resumo da situação actual da Associação:

Depois de se juntar à Associação, Tembe tornou-se, numa rápida sucessão, vice-presidente, e depois, em 1996, presidente da Associação.

Segundo ele, a Associação não funcionava bem quando ele entrou, uma vez que o antigo presidente monopolizava todo o poder e só dava ordens aos restantes membros – “ele era tudo”. Tembe introduziu subseqüentemente uma nova estrutura administrativa democrática, composta por um presidente, vice-presidente (actualmente uma mulher), um tesoureiro (uma mulher), um chefe de produção e um funcionário para os assuntos sociais. A Associação tem 56 membros, dos 100 anteriormente existentes.

A propriedade rural é de 220 ha (280 ha em 1980), dos quais 40 ha foram reservados para a produção de arroz (2-3 ha por cada membro). A extensão de terra atribuída tem a ver com a idade, e por isso com a capacidade de realizar com sucesso o trabalho necessário. Cada membro contribui com uma soma de 10.000 meticais para despesas colectivas.

Culturas: no princípio, a principal cultura era a mandioca, que era vendida nos mercados de Maputo, tendo, em 1998, sido substituída pela batata como cultura de rendimento. Hoje em dia há um bom mercado para o arroz, batata e milho. O armazém, parcialmente destruído durante a guerra, foi reabilitado, permitindo aos membros um local de armazenamento suficiente e seguro para a suas colheitas.

O financiamento é solicitado a diferentes ONGs em Maputo. Por exemplo, 10 novilhos (5 fêmeas e 5 machos) foram compradas com fundos oferecidos por uma ONG alemã [Suíça?]. A Associação possui um total de 19 cabeças de gado.

Benefícios: com a expansão da manada inicial, a Associação conseguiu introduzir uma inovação localmente conhecida por *Ku fuwisa* (fn) – um sistema através do qual os membros podem iniciar a sua própria manada¹⁰. Seis membros já conseguiram adquirir 3 - 4 vacas cada um.

¹⁰*Ku fuwisa:* no sul de Moçambique, existe um elaborado sistema através do qual proprietários e não proprietários de gado envolvem-se num esquema que, aparentemente, é mutuamente benéfico para ambas as partes, que permite que os não proprietários tenham acesso a gado: "Para garantir cuidados adequados, e assim diminuir os seus riscos, um proprietário com muito gado pode dividir a sua grande manada em duas ou três partes, mantendo uma parte no curral da família, que é cuidada pelos seus filhos jovens ou por um homem especialmente contratado para o efeito. A segunda parte da manada é então entregue aos cuidados de uma outra família que deseje assumir a responsabilidade total pelos animais, geralmente por um período de tempo não especificado. Em troca, esta família adoptiva terá direito ao leite e pode usar os bois para lavoura. Contudo, esta família não pode abater ou vender nenhum dos animais. Além disso, a criança (ou homem) que toma conta do gado será recompensada com um vitelo uma vez por ano ou de dois em dois anos, dependendo dos termos do acordo entre as duas famílias". Ref^a: Manghezi, A. "Ku Thekela: Strategies for Survival Against Famine in Southern Mozambique", in *Mozambican Studies: Journal of the Centre of African Studies*, Maputo, Number 4, 1983, pp. 19-39. (Ku Thekela: Estratégias de Sobrevivência Contra a Fome no Sul de Moçambique", in *Estudos Moçambicanos: Revista do Centro de Estudos Africanos*)

Foi também introduzido um sistema de fundo de habitação, para permitir que os membros construam as suas próprias casas a crédito. Até agora foram construídas 14 casas em Salamanga e igual número em Macassane, tendo sido criada uma comissão de habitação para supervisionar a construção das casas. Em Dezembro de 2000, abateu-se um boi para fazer uma festa para todos os membros, tendo cada um recebido 5 Kg de carne para levar para casa.

Em conclusão, Tembe afirmou que o sucesso da Associação de Macassane podia ser avaliado pelo facto de ser a única cooperativa que sobreviveu e prosperou das 7 que se haviam criado em Matutuine na mesma altura.

Recomendação: recomenda-se uma visita de estudo (por estudantes formados em história) para uma actualização detalhada da situação da Associação de Agricultores de Macassane.

Membros da Equipa:

Dr. Joel das Neves Tembe, Director do Arquivo Histórico de Moçambique, Dr. Alpheus Manghezi (Consultor), Sara Pedro Tembe Manhiça (estudante do Curso de História), dr.Sérgio Maúngue (Colaborador do AHM), dr. Simão Jaime (Colaborador do AHM).

Bibliografia e Fontes

AHM:Fontes orais transcritos

MP 001 Entrevista com Nyamanyathi Manzini, 8/9/1980

MP004 Entrevista com Amosse Tembe, 8/9/1980

Outros documentos: Inspecção Abílio Mendes Gil, Relatório de Inspecção ordinária à Circunscrição do Maputo,[Sede em Bela Vista] e seus postos administrativos da Catembe, Catuane, Inhaca e Manhoca 1960 (nos fundos ISANI Cx 12 e Administração Civil, cx. 4)

Publicações

FELGATE, W.S. 1982 *The Tembe Tonga of Natal and Mozambique: an ecological approach*. Durban, Dep. of African Studies, University of Natal Occ. Publications 1,[ref. A trabalho de campo nos anos 60.]

Macassane: estudo de uma cooperativa no distrito de Matutuine, Província de Maputo CEA, Relatório Nº 80/5, Maputo, 1980.

MANGHEZI, A. 1983 “Ku Thekela: Strategies for Survival Against Famine in Southern Mozambique”, in *Mozambican Studies: Journal of the Centre of African Studies*, Maputo, No 4, 1983, pp. 19-39. (Ku Thekela: Estratégias de Sobrevivência Contra a Fome no Sul de Moçambique”, in *Estudos Moçambicanos: Revista do Centro de Estudos Africanos* 4)

MANGHEZI, Alpheus 2001: Samora Machel, homem do povo. In: *Samora, homem do povo* ed. A. Sopa pp. 127-138. Maputo: Maguezo Editores

MAÚNGUE, Sérgio Armando. 2001: *Baixo Maputo: Meio Ambiente, ocupação humana e história política precolonial*. Maputo: UEM, tese de licenciatura em História

RODRIGUES, Pedro A. Vianna 1909: Relatório da 5a Circunscrição (Maputo) in FERRÃO [DE CASTELO BRANCO], Francisco 1909: *Respostas das circunscrições aos quesitos formulados pela Secretaria dos Negócios Indígenas*. Lourenço Marques, Imprensa Nacional, pp 127-156

TRACY, Hugh, *Chopi Musicians, Poetry and Instruments* [Músicos, Poesia e Instrumentos Chopes] Londres: Oxford University Press para Instituto Internacional Africano, 1970.

Sobre o autor

Alpheus Manghezi

Nascido em 1934 em Chavani, Província de Limpopo (antigamente Northern Province/Northern Transvaal) da África do Sul, onde frequentou a escola de Lemana da Missão Suiça. Alpheus Manghezi formou-se na área de Acção Social em Johannesburg, e em Ciências Sociais e Sociologia nas Universidades de Ibadan, Nigéria e de Uppsala, Suécia, onde doutorou-se em 1976.

Exilado da África do Sul desde 1960, trabalhou em diversas actividades relacionadas com a sua especialização em Glasgow, Escócia, em Londres e na Eastern Province da Zâmbia, antes de radicar-se em Moçambique em 1976, onde integrou a primeira equipa de investigação do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, sob a direcção de Aquino de Bragança e Ruth First. Entre outros trabalhos, participou na elaboração do relatório *O Mineiro Moçambicano* (1977, 1979).

Entre 1989 e 1991 foi Director do Solomon Mahlangu Freedom College, escola no exílio do ANC na Tanzânia. Regressou à África do Sul durante a transição democrática, e trabalhou como investigador no Development Bank of Southern Africa entre 1994 e 1999.

Dedicado à recolha de testemunhos orais, recolheu, entre muitas outras, as entrevistas e canções publicadas na edição inglesa de *O Mineiro Moçambicano* (*Black Gold*-1984) e na sua reedição na língua portuguesa (Maputo, Livraria Universitária, 1998). A presente obra é constituída por entrevistas que revelam importantes momentos e detalhes da vida de camponeses e trabalhadores moçambicanos na transição sócio-económica pós-independência do país.

Arquivo Histórico de Moçambique

Colecção Documentos 5